



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**CLARA DA SILVA SOARES**

**A INVENÇÃO DA PRAIA DOS *CRUSH*: REPRESENTAÇÕES SOBRE  
SOCIABILIDADES JUVENIS NUMA PRAIA EM FORTALEZA/CE**

**FORTALEZA**

**2020**

CLARA DA SILVA SOARES

A INVENÇÃO DA PRAIA DOS *CRUSH*: REPRESENTAÇÕES SOBRE  
SOCIABILIDADES JUVENIS NUMA PRAIA EM FORTALEZA/CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Diversidades Culturais, estudos de Gênero e processos Identitários.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S653i Soares, Clara da Silva.  
A invenção da Praia dos Crush: : representações e sociabilidades juvenis numa praia em Fortaleza/CE / Clara da Silva Soares. – 2020.  
153 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2020.  
Orientação: Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva.
1. Juventudes. 2. Cidade. 3. Invenção de lugar. 4. Praia de Iracema. 5. Praia dos Crush. I. Título.

CDD 301

---

CLARA DA SILVA SOARES

A INVENÇÃO DA PRAIA DOS *CRUSH*: REPRESENTAÇÕES SOBRE  
SOCIABILIDADES JUVENIS NUMA PRAIA EM FORTALEZA/CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Monalisa Soares Lopes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Alexandre Martins Joca  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Preciliana Barreto de Moraes  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

À minha mãe, a pessoa mais importante da minha vida; A única que sempre esteve comigo, até mesmo quando eu era criança, quando ela teve que se ausentar fisicamente para sustentar meu irmão e eu;

Aos meus irmãos, cujo amor e responsabilidade que tenho para com eles me faz querer ser uma pessoa melhor, uma figura que um dia eles sintam mais e mais orgulho.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos os professores com quem já tive o prazer de aprender, seja durante minha graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará (UECE) seja no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

Aos professores Preciliana Moraes, Alexandre Joca, Irllys Barreira e Monalisa Soares, que presentes e/ou na qualificação ou na defesa de minha dissertação contribuíram para que eu abrangesse meu olhar de pesquisadora e pudesse dar contornos à minha pesquisa até então não pensados por mim.

Ao meu orientador Cristian Paiva que me deu aquilo que nem todos têm: a liberdade de poder fazer sempre aquilo que eu queria, com responsabilidade e foco. Meu muito obrigada pelo incentivo, respeito e carinho.

Aos amigos que o NUSS me deu, em especial a Lorena Santos, que companheira de turma do Mestrado compartilhou comigo momentos de fraqueza e sempre fez o seu melhor para que eu pudesse perceber que eu era capaz. Espero um dia retribuir tudo isso; Ao Mário Felliipe, cujo espírito leve e conversas afáveis muito me acalma, além de ser um excelente sociólogo, a quem me inspiro muito.

Aos amigos da Graduação, Ana Paula de Holanda, Yara Bruna, Taciana Santos, Fábio Macedo, Rômulo Rocha, Yara Marques, Pedro Alexandre, Paulo Victor e Vitória Oliveira que há mais de seis anos estão na minha vida, tornando-a mais vivível.

Aos amigos da Casa de Cultura Francesa, Bruna Vasconcelos, Glícia Costa, Elaine Salmito, Carolina Alves e Lauro Freitas, que nesses anos de Mestrado cultivaram em mim uma confiança que às vezes me faltava sempre regado com cafés saborosos e um carinho que apenas nós entendemos.

À Esterfânia Braga e Lucas Soares, cunhada e irmão, que me deram o maior presente da minha vida: minha sobrinha e afilhada Maria Liz, cujos momentos compartilhados me servem para compreender a importância daquilo que faço, cultivando em mim o desejo de fazer desse mundo um mundo melhor para ela.

Aos meus irmãos Maria Rita e Francisco Ângelo, que ainda são novos demais para entender que tudo que faço é pensando no bem deles.

À minha mãe, cujo quaisquer agradecimentos não chegam nem perto do que ela merece. Mulher forte, batalhadora, carinhosa e acima de tudo uma mãe incrível. Quem me dera um dia ser um pouquinho do que ela é.

Finalmente, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa para que eu pudesse me dedicar exclusivamente à feitura do Mestrado em Sociologia. Eu hoje nada seria sem os investimentos em educação, por isso devemos estar sempre em luta para defendê-los.

(...) as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. Todo mundo sabe que Aristóteles definiu o homem como *zôon lógon échon*. A tradução desta expressão, porém, é muito mais “vidente dotado de palavra” do que “animal dotado de razão” ou “animal racional”. Se há uma tradução que realmente trai, no pior sentido da palavra, é justamente essa de traduzir logos por *ratio*. E a transformação de *zôon*, vidente, em animal. O homem é um vidente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vidente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. (LAROSSA, 2002, p.20-21).

## RESUMO

Desde o ano de 2016 a Praia dos *Crush*, um trecho da Praia de Iracema, localizado no litoral leste da capital do Ceará, tem se constituído como um importante *point* de lazer juvenil e, apesar de ter um público diverso, aqueles que mais são vistos em suas areias e mar são jovens moradores da periferia. Nesse sentido, o debate que propomos fazer neste trabalho consiste em analisar como o trecho entre a Ponte dos Ingleses e o Espigão da João Cordeiro foi inventado a partir de uma simbiose entre as representações que passaram a circular acerca dela e os usos que ela passou a ter para a juventude periférica fortalezense. Para isso, recorreu-se a uma metodologia diversa, cujas principais ferramentas foram a etnografia no espaço da praia, entre maio de 2018 e agosto de 2019, assim como a junção com uma sociologia digital, a fim de apreender as relações sociais que tendo como base uma discussão sobre a experiência de estar na Praia dos *Crush* possibilitou uma série de representações sobre ela. O material desta é datado de 2016 até 2019. A partir de uma perspectiva socioantropológica, dando à sociologia do cotidiano a devida importância no que condiz à compreensão de grupos juvenis e suas práticas em espaços urbanos foi que este trabalho tornou-se possível. Os “piranguieiros”, principais sujeitos desta pesquisa, apresentam-se em um espaço urbano aberto e relacional, que os coloca em convivência com diferentes grupos. Chamou-nos atenção aqui como a cidade de Fortaleza tem, ao longo dos anos, tentado excluir de suas cenas urbanas aqueles que não se encaixam em estéticas e comportamentos anteriormente definidos como aceitáveis por uma fatia populacional que quer distinguir-se dos demais. Finalmente, e é por isso que falamos em *invenção* da Praia dos *Crush*, já que ao estar localizada em um bairro que atrai turistas, que é um dos mais valorizados da capital, estes jovens foram capazes de impor e manter uma nomeação posta em xeque recorrentemente, demonstrando como o direito à cidade passa por uma disputa de territórios. Ou seja, os piranguieiros subverteram usos habituais da Praia de Iracema quando na Praia dos *Crush* passaram a organizar festas ao céu aberto, consumo de substâncias, encontros amorosos, encontro com amigos. A “vibe” experimentada nas areias da praia é fruto de um misto de intensidades que são resultantes da aproximação entre cidade e corpo, nos momentos em que os cheiros, sons, movimentos, aquilo que se vê e aquilo que se sente entram em harmonia.

**Palavras-chave:** Juventudes. Cidade. Invenção de lugar. Praia de Iracema. Praia do *Crush*.

## ABSTRACT

Since 2016 the Praia dos Crush, a stretch of Praia de Iracema located on the east coast of the capital at Ceara, has been constituted as an important point of youthful leisure and, despite having a diverse audience, those who are most seen in its sands and sea are young residents of the outskirts. In this sense, the debate that we propose to make in this work is to analyze how the passage between Ponte dos Ingleses and Espigão da João Cordeiro it was invented from a symbiosis between the representations that began to circulate about it and the uses what it began to have for the peripheral youth of Fortaleza. For this, we resorted to a diverse methodology, whose main tools were ethnography in the space of beach, between May 2018 and August 2019, just like the junction with a digital sociology, in order to learn the social relationships that based on a discussion about the experience of being in the Praia dos Crush made possible a series of representations about it. The material of this research is dated from 2016 until 2019. From a socio-anthropological perspective, giving the sociology of everyday life the proper importance in understanding youth groups and their practices in urban spaces was that this work became possible. The “pirangueiros”, main subjects of this research, present themselves in an open and relational urban space, that puts them in contact with different groups. It caught our attention here as the city of Fortaleza has, over the years, trying to exclude from its urban scenes those who do not fit into aesthetics and behaviors previously defined as acceptable by a population slice that wants to distinguish itself from others. Finally is that why we talk about a invention of Praia dos Crush, be localized in the neighborhood that attracts tourists, and beyond one of the most valued in capital, these young people there are able to impose and to keep an appointment repeatedly checked, demonstrating how the right to access the city pass by a territory dispute. So, the pirangueiros subverted a usual beach uses of Praia de Iracema when at Praia dos Crush started to organize an open-air parties with substance use, love dates and meet with friends. A vibe experienced on the beach sands is a result of an intensities mix, results of approximation between body and city, in moments when smells, sounds, movements, that what see and feels comes in harmony.

**Keywords:** Youths. City. Invention of place. Praia de Iracema. Praia dos Crush.

## LISTA DE FIGURAS

|   |     |
|---|-----|
| Figura 1 - Praia de Iracema: cartão-postal de Fortaleza.....                          | 16  |
| Figura 2 - Uma tarde de domingo na Praia dos Crush.....                               | 18  |
| Figura 3 - Localização da Praia dos <i>Crush</i> (PDC) .....                          | 19  |
| Figura 4 - Plano Silva Paulet.....  | 47  |
| Figura 5 - Plano Adolfo Herbster.....   | 48  |
| Figura 6 - Passeio Público em 1908.....   | 58  |
| Figura 7 - Praça do Ferreira em 1920.....   | 60  |
| Figura 8 - Cine Theatro Majestic Palace na década de 1920.....                        | 61  |
| Figura 9 - Clube Náutico em 1950 já na sede do Meireles.....                          | 62  |
| Figura 10 - Praia de Iracema na década de 1930.....                                   | 66  |
| Figura 11 - “ <i>Bangalow</i> ” destruído na década de 1940.....                      | 67  |
| Figura 12 - Inauguração do Restaurante Lido em 27 de novembro de 1955.....            | 76  |
| Figura 13 - <i>Print</i> de uma conversa de um <i>site</i> .....                      | 78  |
| Figura 14 - <i>Print</i> da continuação da conversa pelo <i>site</i> .....            | 79  |
| Figura 15 - Capa da matéria do Somos Vós.....   | 84  |
| Figura 16 - Casal beijando-se em frente ao mar.....                                   | 85  |
| Figura 17 - Um dos <i>memes</i> que viralizou na <i>Internet</i> .....                | 87  |
| Figura 18 - Um dos <i>memes</i> que viralizou na <i>Internet</i> .....                | 88  |
| Figura 19 - Postagem em referência ao ex-presidente Lula.....                         | 89  |
| Figura 20 - Matéria da Revista Online Freak Market.....                               | 91  |
| Figura 21 - Capa da matéria da Folha de São Paulo.....                                | 93  |
| Figura 22 - Jovens jogando bola e no fundo a barraca com a bandeira LGBT.....         | 96  |
| Figura 23 - <i>Print</i> de uma postagem do Perfil Praia Dos <i>Crush</i> .....       | 97  |
| Figura 24 - <i>Print</i> da página da Praia dos <i>Crush</i> no <i>Facebook</i> ..... | 97  |
| Figura 25 - <i>Print</i> da página da Praia dos <i>Crush</i> no <i>Facebook</i> ..... | 98  |
| Figura 26 - <i>Print</i> da página da Praia dos <i>Crush</i> no <i>Facebook</i> ..... | 98  |
| Figura 27 - <i>Print</i> da página da Praia dos <i>Crush</i> no <i>Facebook</i> ..... | 99  |
| Figura 28 - <i>Print</i> da página da Praia dos <i>Crush</i> no <i>Facebook</i> ..... | 100 |
| Figura 29 - <i>Print</i> da página da Praia dos <i>Crush</i> no <i>Facebook</i> ..... | 100 |
| Figura 30 - <i>Print</i> do <i>story</i> do perfil do <i>Instagram</i> .....          | 101 |
| Figura 31 - <i>Print</i> do <i>que eles chamam de divulgação</i> .....                | 102 |
| Figura 32 - <i>Print</i> do <i>story</i> do perfil do <i>Instagram</i> .....          | 103 |

|  |     |
|--|-----|
| Figura 33 - <i>Print</i> do <i>story</i> do perfil do <i>Instagram</i> .....     | 104 |
| Figura 34 - Regras do Grupo do <i>WhatsApp</i> .....                             | 105 |
| Figura 35 - Evento <i>Happy Hour</i> da Diversidade.....                         | 114 |
| Figura 36 - PDC no dia 29 de novembro de 2018 durante o Ato <i>#EleN3o</i> ..... | 116 |
| Figura 37 - Aula-Ato sobre a ditadura militar.....                               | 117 |
| Figura 38 - Aula-Ato sobre a ditadura militar.....                               | 118 |
| Figura 39 - Areia da PDC durante a Aula-Ato sobre a ditadura militar.....        | 118 |
| Figura 40 - Ato Cultural Lula Livre.....   | 120 |
| Figura 41 - Jovens na Praia dos Crush.....                                       | 121 |
| Figura 42 - Alguns dos v3rios carrinhos de bebidas e comidas.....                | 129 |
| Figura 43 - Jovens ao redor da base da Inspetoria de Salvamento Aqu3tico.....    | 137 |

## SUMÁRIO

|          |  |     |
|----------|--|-----|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 16  |
| 1.1      | Definições iniciais .....  | 23  |
| 1.2      | Organização dos capítulos.....   | 33  |
| 1.3      | Espraiando-se na praia: percursos metodológicos .....                        | 34  |
| <b>2</b> | <b>FORTALEZA, CIDADE DE LAZER</b> .....                                      | 46  |
| 2.1      | A valorização das praias.....  | 50  |
| 2.2      | Historicizando as práticas de lazer na capital alencarina.....               | 54  |
| <b>3</b> | <b>A PRAIA DOS CRUSH ENTRE O ADEUS E A BOEMIA DA PRAIA DE IRACEMA</b> .....  | 64  |
| 3.1      | Uma guerra de nomes.....   | 72  |
| 3.2      | A história da PDC .....  | 83  |
| <b>4</b> | <b>A VIBE DA PDC NAS REPRESENTAÇÕES DOS MOMENTOS DE SOCIABILIDADE</b> .....  | 91  |
| 4.1      | As representações da PDC em jornais, blogs e sites .....                     | 91  |
| 4.2      | As representações da PDC no Facebook .....                                   | 96  |
| 4.3      | As representações da PDC no <i>Instagram</i> .....                           | 100 |
| 4.4      | O que os jovens pensam sobre o nome atribuído à Praia dos <i>Crush</i> ..... | 108 |
| 4.5      | Eventos na Praia dos Crush.....  | 112 |
| 4.6      | Praia dos Crush: um <i>point</i> de encontro .....                           | 121 |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 137 |
|          | <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 142 |

## 1 INTRODUÇÃO

Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. (...) é a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição de conhecimentos, e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. (FOUCAULT, 2014, p.13).

Figura 1 – Praia de Iracema: cartão-postal de Fortaleza



Fonte: Site da Prefeitura de Fortaleza.

Eis a imagem da Praia de Iracema (PI) contida no *site* da prefeitura de Fortaleza. Nela, sobra-me o *studium*. Palavra, do latim, utilizada por Roland Barthes para descrever o gosto que se tem por algo ou alguém, em que há “uma espécie de

investimento geral, ardoroso, é verdade, mas sem acuidade particular” (BARTHES, 1984, p.45).

A prefeitura da cidade descreve o local como “um dos símbolos da capital cearense [...] batizado em homenagem à “Virgem dos Lábios de Mel” [...] É na Praia de Iracema que ficam pontos turísticos como a Ponte dos Ingleses, aterro e espigões. De lá se vê o por do sol mais bonito da cidade” <sup>1</sup>. De acordo com Barreira (2017), o postal, embora seja produzido a partir da realidade, tem como objetivo apresentar uma “boa imagem” daquilo ao qual se refere.

Os cartões-postais, como um dos exemplos mais significativos de representação iconográfica de cidades, parecem corroborar com a ideia de que uma imagem vale mais do que mil palavras. Na condição de alusivos a uma totalidade, funcionam como imagem-síntese do espaço urbano, ou cena reproduzida em série, transformando locais ou monumentos em suportes de narrativas (BARREIRA, 2017, p.99-100).

Ora, o postal visa, a partir da idealização de uma cidade, atrair turistas e basear as narrativas de moradores que defendem um “bom uso” do espaço urbano (BARREIRA, 2017). Por tratar-se do bairro Praia de Iracema, essas idealizações não são concernentes apenas ao bairro, mas à cidade de Fortaleza, pois à PI foi atribuída a capacidade de representar a capital alencarina, tratando-a como um local histórico, berço de cultura e boemia cearense.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://turismo.fortaleza.ce.gov.br/pontos-tur%C3%ADsticos/lazer.html>>. Acesso em: 05 abril. 2019.

Figura 2 – Uma tarde de domingo na Praia dos *Crush*

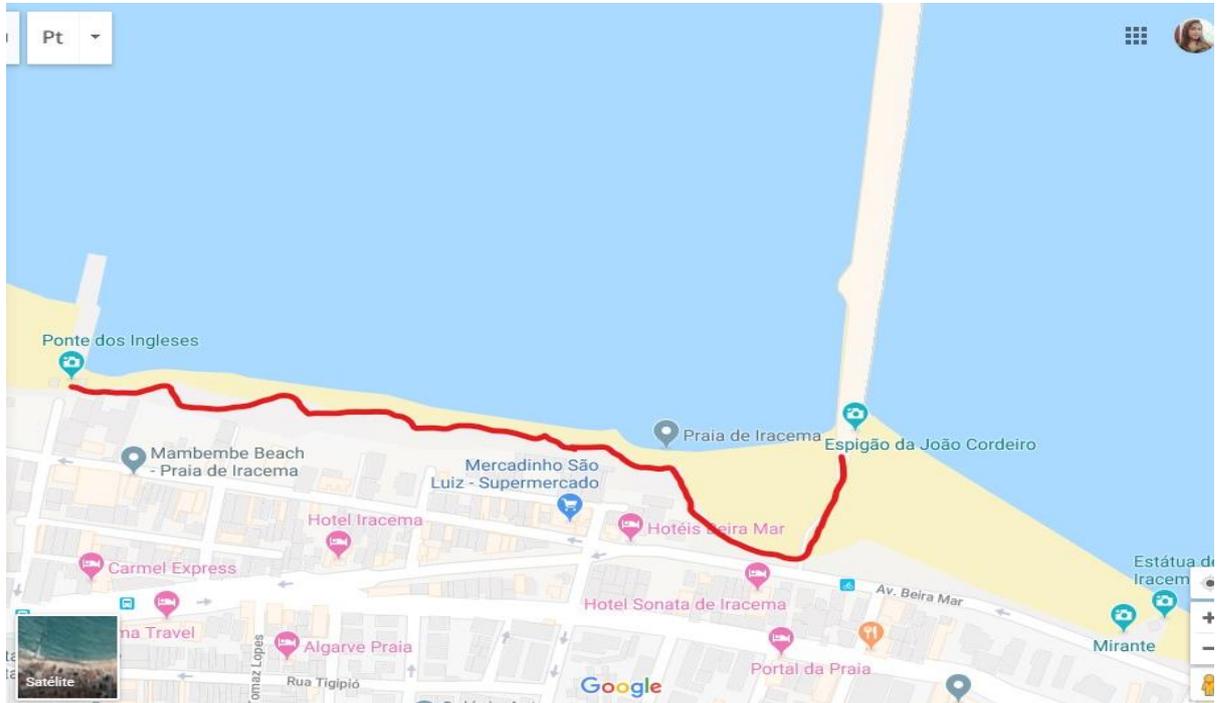


Fonte: Tarcísio Feijó.

Também na PI, entre a Ponte dos Ingleses e o Espigão da João Cordeiro, temos a Praia dos *Crush* (PDC), representada aqui por essa segunda foto. Nela, diferentemente da primeira imagem, experiencio o *punctum*, uma espécie de “picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte [...]. O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)”. (BARTHES, 1984, p.46). Ela suscita em mim o desejo de ver mais do que ela é capaz de mostrar, porque não se trata apenas de um cartão-postal, mas da cidade que é vivida. E sobre essa cidade que este trabalho se refere. A PDC está localizada

entre a Ponte dos Ingleses e o Espigão da João Cordeiro (Imagem 1), na (PI), entre o Centro da cidade e o bairro Meireles.

Figura 3 – Localização da Praia dos *Crush* (PDC)



Fonte: Google Maps.

A fotografia atesta que *a coisa esteve lá* (BARTHES, 1984). Que os jovens estiveram lá. Mas por quê? Quais as razões para se ter uma tarde de domingo tão cheia assim?<sup>2</sup> Em tempos em que as redes sociais ocupam cada vez mais o cotidiano dos jovens e são também responsáveis pela mediação de sociabilidades, quais as razões pelas quais esses mesmos jovens saem de seus bairros, enfrentam ônibus demorados e lotados para estar na Praia? Espanto-me

<sup>2</sup> Indagações semelhantes são as feitas por Alexandre Joca (2013) que questionará: “Se pensarmos nas transformações sociais relacionadas à emergência de novas tecnologias que anunciam a “morte dos lugares” em detrimento da mobilidade virtual, questionamos: O que os leva às ruas, às praças? De onde vêm esses/as jovens? Quais caminhos percorrem e como? Quais sentimentos os mobilizam? O que procuram? Em tempos de vidas em redes sociais, onde estar “online” significa a possibilidade de mobilidades por múltiplas interações e relações virtuais; em tempos de descobertas de prazeres virtuais, do “sexo virtual” definindo novos modos de sociabilidades e de experiências afetivo/sexuais, enveredo nos percursos juvenis pela Cidade tentando desvendar os modos de (re)significação dos espaços públicos nos processos de ocupações, estabelecendo uma estreita relação entre os campos socioculturais e circunstanciais das experiências juvenis com a cartografia urbana de Fortaleza”. (JOCA, 2013, p.28-29).

com a segunda figura porque embora a fotografia não rememore o passado<sup>3</sup>, ela atesta o que eu vi na primeira vez em que estive na PDC a fim de dar início à minha pesquisa.

Era domingo, 06 de maio de 2018, saí da minha casa por volta das 14h00min. Levei cerca de 15 minutos para chegar até a parada de ônibus, pois o ônibus mais acessível para mim é o 071 – *Antônio Bezerra/Mucuripe* que passa na Bezerra de Menezes, em frente ao *North Shopping*.

Foi diferente de todas as vezes que havia feito esse percurso. Eu sabia que devia estar mais atenta aos detalhes, às pessoas, que normalmente passam despercebidos. Ou que nós os fazemos despercebidos. E assim o fiz. Foi um domingo distinto em Fortaleza. Estava frio (o que comumente não acontece na capital cearense) e em plena 14h00min da tarde o sol estava coberto por nuvens e consequentemente o céu estava cinza. Fiquei com receio de não ter ninguém na praia, pois na minha concepção ir à praia ao domingo sem sol não era *lá* essas coisas.

Passei os 15 minutos de caminhada mais o tempo de espera do ônibus pensando na minha pesquisa e tentando observar tudo ao meu redor. Raramente eu vou a algum lugar de ônibus aos domingos. Então, ver as ruas e paradas do transporte público quase que vazias me causou desconforto e insegurança. Senti-me, assim como iria sentir outras vezes, fazendo uma *ethnographie de dimanche*<sup>4</sup> tendo acesso à Fortaleza *in natura*.

Então o transporte público chegou. Não imaginei que estivesse tão lotado (levando em consideração o vazio das paradas de ônibus que consegui avistar e as que nós passávamos durante o trajeto), mas estava e eu me surpreendi com a quantidade de jovens presentes em seu interior. Quando desci do ônibus, por volta das 14h50min, eu percebi novamente o número de jovens que estavam no transporte coletivo. Pelo menos 40 deles desceram na mesma parada que eu havia

---

<sup>3</sup> Para Barthes: “A fotografia não rememora o passado (não há nada de proustiano em uma foto). O efeito que ela produz em mim não é o de restituir o que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de atestar que o que vejo de fato existiu. Ora, esse é efeito verdadeiramente escandaloso. A fotografia sempre me espanta, com um espanto que dura e se renova, inesgotavelmente”. (BARTHES, 1984, p.123).

<sup>4</sup> Expressão utilizada por Lévi-Strauss no início do capítulo 12 de sua obra *Tristes Trópicos* publicada pela primeira vez em 1955. Lévi-Strauss acreditava que percorrer os interiores das cidades de São Paulo e Paraná aos domingos o permitiria ter acesso aos modos de vida *in natura* de seus moradores, privilegiando suas credences, festas rústicas, conhecimentos dos mercados locais assim como dos produtos comercializados etc. (LÉVI-STRAUSS, 1996).

descido. Na verdade, eu quem desci na parada que eles desceram, pois não me lembrava muito bem onde eu deveria descer, então os segui.

Muitas vezes já tinha ido à PDC. Incontáveis. Até quando ela não era conhecida por Praia dos *Crush*. Mas eu fiquei perplexa. Ela havia tomado uma proporção inacreditável. Havia muitos carrinhos de comidas e bebidas, banheiros químicos e muitos policiais, com pelo menos 3 viaturas circulando pelo calçadão. Eu passei um tempo até conseguir digerir tudo aquilo. Era muito diferente das outras vezes que eu havia ido, o público tinha mudado um pouco<sup>5</sup> e acredito que o fato de estar *atenta*, privilegiando o olhar e a escuta disciplinados, influenciava o meu choque. Somado a isso, eu estava sozinha, o que me causou um desconforto inúmeras vezes porque muitos foram os que me olhavam como quase que perguntando o porquê de eu estar ali sem mais ninguém me acompanhando. Costumo dizer que olhares de questionamentos e de dó me recepcionaram. Mais tarde compreendi o porquê de todos aqueles olhares a mim direcionados: a PDC é para se ir com amigos ou com *ficantes*, namorados. Jamais sozinho.

Fiz o trajeto Ponte dos Ingleses e Espigão da João Cordeiro na tentativa de ter uma visão completa da praia a fim de mensurar quantos jovens poderiam estar ali. Então, parei e sentei em um banco de madeira que fica mais próximo da Ponte dos Ingleses, e passei cerca de 10 minutos sentada apenas decidindo para onde eu iria e pensando como eu faria aquilo. Como eu conseguiria dar conta de tudo<sup>6</sup> que se apresentava a mim naquele momento. Era muita gente. Muita mesmo. Constatei, embora sempre desconfiasse, que não sou muito boa de olhar uma *multidão* e estabelecer quantas pessoas ali estão, mas talvez fossem quase 800 pessoas somente naquele trecho.

No entanto, ao passo que parecia ser tão difícil, aquilo se constituía como bastante sedutor e desafiador. Fiquei extasiada com aquela cena. Pensando em quantas pessoas, quantas histórias, quantos ensinamentos havia ali. Então me abri

---

<sup>5</sup> A seguir veremos que no decorrer dos anos a PDC experimentou mudanças concernentes ao seu público, não necessariamente porque alguns grupos deixaram de estar lá, mas por ter sido observada cada vez mais a concentração de um público conhecido como *os pirangueiros*, jovens moradores de periferias da cidade de Fortaleza que têm estilos próprios.

<sup>6</sup> É relevante destacar que hoje compreendo que não sou obrigada a dar conta de tudo aquilo que se apresentava para mim naquela tarde de domingo, pois sei que “buscamos observar comportamentos que sejam significativos para os propósitos de nossa pesquisa” (WHITE, 2005, p.357). Embora os propósitos, de início, também não estivessem bastante claros para mim, mantive o “espanto” e a preocupação inicial para ser fiel ao sentimento pelo qual foi pega naquele dia.

à experiência de estar na Praia. Para Diógenes (1998) a experiência de abertura ao campo nos lança aos centros dos acontecimentos, nos faz viajantes (até em nossas próprias culturas) e transforma-nos em contadores de histórias. Desse modo, espero aqui, com rigor e análises críticas sociológicas – não menos do que isso – me tornar uma contadora de histórias.

Ora, a partir dessa primeira experiência foi-se delineando o desejo de conhecer mais e mais a Praia dos *Crush*. Ele tem sido parte de mim há dois anos. Parte de mim porque tal como White (2005) escreveu as vidas pessoais de pesquisadores estão inextricavelmente ligadas à suas pesquisas. E para termos algum sucesso, elas realmente devem imbricar-se. Vemo-nos, a todo instante, interpelados por aquilo que decidimos estudar. Vemo-nos sendo constantemente associados a eles e vemo-nos, ininterruptamente, fazendo qualquer tipo de associação com os nossos “objetos”.

O interesse inicial manteve-se, mas o processo de pesquisa me surpreendeu com todas as possibilidades de questões a serem analisadas, que foram delineando-se lentamente, engendrando assim discussões até então não esperadas por mim. Para Pais (2003) os estudos que envolvem o cotidiano são construídos paulatinamente, tem-se um ponto de partida, mas tanto o caminho quanto o fim são, até o momento do ponto inicial, incertos. Nossos *objetos* são conquistados, construídos (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2002) e não foi diferente em relação à PDC.

Desse modo, cheguei ao objetivo central da pesquisa, após várias depurações, que foi o de compreender como, a partir das representações e dos sobre os momentos de sociabilidades entre os jovens, a Praia do *Crush* tornou-se a Praia dos *Crush*. O local escolhido não foi à toa, já que desde o ano de 2016 observei o quão popular para os jovens ele estava se tornando assim como por ele estar situado em um *locus* da cidade de Fortaleza conhecido por ser um dos redutos de lazer mais famosos da capital do Ceará, isto é: a Praia de Iracema.

Desde 2014, quando iniciei a Graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará (UECE) aproximei-me do estudo das juventudes, cuja aproximação se deu de forma mais intensa nos anos em que participei como mediadora de um projeto de extensão que visava discutir com estudantes dos ensinos fundamental e médio questões relativas a prevenção de DSTs e HIV/Aids. Esse contato resultou em meu trabalho de conclusão de curso em que tive como

principal objetivo compreender as representações que aqueles jovens tinham sobre sexo e sexualidade.

No entanto, não fiquei satisfeita em conhecer as juventudes intermediadas pela realidade escolar. Sentia que faltava algo. Cujas tentativas, às vezes falha, outras não, de disciplinalização dos jovens no espaço institucional da escola fazia com que aqueles conhecimentos que eu tinha sobre eles fossem apenas uma pequena parcela do que poderia ainda ser compreendido. Decidi, assim, caminhar pelas ruas da cidade de Fortaleza, mais especificamente a Praia, para buscar respostas de perguntas que eu sequer ainda havia formulado.

Esse sentimento de mudança, de sair das paredes da escola para a rua foi mais desafiador do que eu imaginava. Desafio que se apresentava na minha falta de conhecimento sobre autores que se dedicaram a compreender fenômenos nas/das cidades e em formas de articulações com os jovens que pudessem fazer com que eu realmente chegasse até eles por conta própria. Nesse sentido, a Praia dos *Crush*, mostrou-se, tendo em vista sua popularização nos últimos anos, como um espaço onde eu poderia estar mais próxima dos jovens, e assim, tentar da melhor forma possível compreendê-los.

No entanto, a pesquisa exibiu-me que além de conhecer esses jovens, eu teria acesso às práticas e modos de pensar a PDC que fizeram ser o que ela é atualmente, ou seja, um local de encontro daqueles que não apenas interagem em seu interior, mas que também são responsáveis pela imagem dela no seu exterior, como em *sites*, *blogs*, redes sociais.

Melhor dizendo, no que condiz a Praia dos *Crush*, os jovens aparecem como sujeitos no que se refere a serem eles os principais responsáveis pela invenção da PDC e por manterem-na como um *point* de lazer juvenil. *À posteriori* demonstrarei que tais jovens são essencialmente moradores das partes mais pobres de Fortaleza e que por isso são estigmatizados naquele espaço, mas que apesar disso fizeram da PDC um local para estarem juntos.

## 1.1 Definições iniciais

Nas Ciências Sociais e principalmente na Sociologia a categoria de “representação” está em constante análise e seus usos são amplamente vistos nas pesquisas sociais. Aliás, representação é uma categoria que não é somente

desdobrada pela Sociologia, mas pelas Ciências Humanas em geral. Etimologicamente a palavra representação resulta de uma tentativa de fazer presente ou apresentar de novo. Entretanto, quando a noção de representação passou a ser utilizada pelas ciências humanas, possibilitou a construção de um leque de definições.

Segundo Giami (1998), os historiadores da “nova história”<sup>7</sup> usaram o conceito de representação para associá-la a ideia de “imaginários sociais” ou de “mentalidades”. Para Chartier (1990) as representações são classificadas e divididas para uma compreensão do real, em que as mesmas variam de acordo com os grupos que as forjam e por isso elas não podem ser consideradas neutras.

Já a antropologia, precisamente Lévi-Strauss (1958), teria estudado “as instituições como sistemas de representação”. Para ele, os povos “primitivos” já faziam uso de “nomes abstratos para designar muitas propriedades ou qualidades dos seres e das coisas” de acordo com seus “interesses desigualmente marcados e detalhados de cada sociedade particular no seio da sociedade nacional” (LÉVI-TRAUSS, 2004, p. 15-16).

Moscovici (2003) teórico da Psicologia Social afirmou que as representações sociais “contribuem exclusivamente para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais” (MOSCOVICI, 2003, p.75). Nesse sentido a noção de representação social serviria “para descrever e explicar os processos, os conteúdos e as funções de um conjunto de fenômenos cognitivos” (GIAMI, 1998, p. 203).

Percebe-se que a noção de representação foi e continua sendo estudada por distintas áreas das ciências humanas. Não obstante, o conceito de representação com o qual irei trabalhar, sem desvalidar e fazendo uso das diversas contribuições, será o que a Sociologia, mais precisamente Émile Durkheim, forjou.

Dentre as diversas obras do sociólogo francês somos capazes de identificar como ele estrutura o significado de representações. Não obstante, uma elaboração mais sistematizada dessa categoria de análise pode ser encontrada na obra: “As formas elementares da vida religiosa” publicada em 1912 e cuja tradução

---

<sup>7</sup> Os fundadores da *École des Annales*, Marc Bloch e Lucien Febvre foram os primeiros a reformular o estudo da história desenvolvendo, principalmente, novos objetos de estudos, abordagens e métodos, renovando a historiografia e aproximando-a a outras áreas. O principal objetivo dessa “nova história” foi o de inserir na discussão não apenas “os grandes feitos”, mas também estudar o cotidiano, as mentalidades, dirigindo-se assim a estudos mais microsociais.

para o português do Brasil se deu apenas em 1989. Em tal obra, ao analisar aquela que ele acredita ser uma das primeiras formas de representação: a religião, Durkheim nos mostra que a coesão social só é possível através da consciência coletiva, cuja consciência não seria possível sem o que ele chamou de representações coletivas:

As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo também; para fazê-las, uma multiplicidade de espíritos diversos associaram, misturaram e combinaram suas ideias e seus sentimentos; longas séries de gerações acumularam aí sua experiência e sua sabedoria (DURKHEIM, 2008, p.158).

Durkheim (2013), por um viés socioantropológico, vai descrever em detalhes como as tribos australianas e também algumas chinesas vão buscar na natureza da sociedade a organização e sistematização dos seus modos de classificação. Sendo assim, Durkheim assinala que

Muitas vezes se afirmou que o homem começou por representar as coisas remetendo-as a si mesmo. As considerações feitas até aqui permitem esclarecer melhor em que consiste esse antropocentrismo, que seria preferível denominar sociocentrismo. O centro dos primeiros sistemas da natureza não é o indivíduo, mas a sociedade (*idem*, 2013, p. 288).

A citação acima demonstra como para Durkheim os modos pelos quais representamos algo são formados tendo como base a sociedade em que nos encontramos. Para representarmos necessitamos de um objeto (aquilo que será representado) e de um indivíduo (aquele que representa). Entretanto, esse indivíduo faz parte de um grupo, e as representações são os conhecimentos construídos e partilhados em sociedade (JODELET, 2001). Portanto, elas são produtos do senso comum que objetivam construir para si significados daquilo que estão ao seu redor, que os afetam, fazendo uso ou não do que os discursos científicos dizem ou que ainda não sabem dizer sobre aquilo. Denise Jodelet (2001) apresenta o fato histórico das primeiras aparições, circulações de falas e conhecimento sobre as primeiras pessoas que foram diagnosticadas portadoras do vírus HIV na década de 80 do século XX no Brasil. Ela diz que:

um acontecimento surge no horizonte social, que não se pode mostrar indiferente: mobiliza medo, atenção e uma atividade cognitiva para compreendê-lo, dominá-lo e dele se defender. A falta de informação e a incerteza da ciência favorecem o surgimento de representações que vão circular de boca em boca ou pular de um veículo de comunicação a outro (JODELET, 2001, p.20).

E é nesse sentido, procurando dar significado às realidades, que surgem as representações. Construídas não apenas de forma autônoma, mas produto de redes institucionais, dos meios de comunicação formais e informais. Ou seja, as formas pelas quais a PDC é representada surge através das tentativas de dar significado a um lugar que vinha sendo bastante habitado.

Por outro lado, pensar sociabilidades citadinas, embora não seja uma prática tão recente, tem seus desafios. Alguns dos primeiros autores a discutirem o espaço urbano poderiam nos questionar sobre tal façanha. Simmel, por exemplo, mesmo sendo referência para pensar os processos de sociabilidade, apresenta em 1902 no célebre texto *A metrópole e a vida mental* alguns questionamentos sobre a vida na cidade.

Para o autor, o viver na *urbe* só se torna possível porque o homem metropolitano possui uma intelectualidade que lhe possibilita preservar sua vida subjetiva. Apenas a realização objetiva – intermediada pelo dinheiro (dinheiro que se caracteriza como a coisa comum que liga as pessoas) seria de interesse do homem que vive na metrópole, pois “a mente moderna se tornou mais e mais calculista” (SIMMEL, 1975, p.14). Por isso, o pensador alemão dirá que a existência da vida na *urbe* se dá, também, por meio da exclusão de traços e impulsos irracionais, instintivos. Mas a sociabilidade, como ele afirmou, não é um ato desinteressado? Que tem como base apenas o “estar junto”?

Simmel faz essa discussão em *Sociabilidade: um exemplo da sociologia pura ou formal* quando diferenciará sociação, sociedade e sociabilidade. A sociação é a base das sociedades humanas, as formas pelas quais os indivíduos se agrupam. Como complementação de seu pensamento, sociedade significa o “estar com um outro, para um outro, contra um outro”. A sociabilidade é decorrente da sociação, mas ela torna-se uma forma autônoma desta. É uma forma que se desprende de seu conteúdo. Nesse sentido, sociabilidade é entendida como aquilo que existe por si mesmo e pelo fascínio que dissemina (*idem*, 1983).

Todas as características do tipo metropolitano de Simmel podem ser encontradas no que ele chama de caráter *blasé*: impessoalidade, intelectualidade, indiferença, leve aversão, estranheza, repulsão são seus principais aspectos. Para ele, a vida na metrópole seria impossível sem esses traços de indiferença e antipatia. Simmel não estava de todo enganado, viver em uma grande cidade, como Fortaleza, significa ser incapaz, por mais que queiramos, de reagir a tudo e a todos

que *passam* por nós<sup>8</sup>. Não obstante, essa mesma cidade, intermediada pela significação que as pessoas dão a ela, é capaz de ser um reduto para a construção e intensificação de laços. Para Pais (2010) “as cidades são criativas, festeiras, lúdicas, pulsam arte, fomentam cultura, irradiam sociabilidades, são palco da ação política e afirmação da cidadania” (p. 22).

De acordo com o sociólogo português existem duas diferentes formas de olhar para os jovens: através de suas socializações e por meio das suas expressividades (performances) cotidianas. Para Machado Pais os jovens buscam a si mesmos através dos outros, e por isso a importância de estudá-los em grupos, pois “o ‘eu’ perde-se no ‘outro’, num desencontro no que se encontra a identidade nas teias da socialidade, pois esta é um palco de transferências: de emoções; de saberes, de sensibilidades” (*idem*, 2006, p.18). Dessa maneira, as sociabilidades que as juventudes vão estabelecendo ao longo de suas trajetórias apresentam-se a elas como constituintes do que elas vão se formando e conseqüentemente do que serão.

Dito isto, a noção de cidade com a qual me proponho a trabalhar é a proposta por Michel Agier (2011), que enfatiza fazer-se necessário nos desprendermos de uma explicação “urbanística, estatística ou administrativa” da cidade; devemos substituir a questão “o que é cidade” para “o que faz a cidade”.

Somo a este entendimento de cidade a conceituação dada por Robert Park por que além de ele estar na mesma linha de pensamento de Agier, ele compreende a cidade como um espaço vital para as nossas vidas, e que somos nós, as pessoas que a ocupam, que a criam, a inventam.

Segundo o ponto de vista deste artigo, a cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc.; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos – tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana (PARK, 1975, p.26).

Ora, os processos vitais das pessoas são referentes àquilo que as possibilitam viver. E são de cunhos diversos as práticas essenciais de uma vida que

---

<sup>8</sup> Para Elias “cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos. Os tipos mais díspares de funções tornaram-na dependente de outrem e tornaram outros dependentes dela” (ELIAS, 1994, p.22).

podem ser encontradas na cidade. Encontrar-se com amigos, divertir-se são alguns exemplos, e se eles se concretizam na cidade é sim possível falar de sociabilidades cidadinas. Então, como parte do processo de compreensão das sociabilidades juvenis, farei o que Vera da Silva Telles propõe: “Trata-se de investigar os agenciamentos urbanos a partir de quais os espaços, seus artefatos, suas redes e trama de relações são produzidos em lugares concretos da prática urbana” (TELLES, 2013, p,17).

Magnani (2010) afirma que em muitos estudos sobre jovens, a cidade ora era entendida apenas como um pano de fundo, ora era vista somente como um cenário indiferenciado ou como algo repartido, fragmentado. De acordo com ele, em ambos os casos a cidade não era percebida como um ambiente capaz de estabelecer trocas e comunicação entre as pessoas. Ora, possivelmente, essas diversas – e quase superadas – concepções sobre uma cidade que não estabelece trocas e interação entre seus praticantes, têm sido deixadas para trás. E essa pesquisa tem tal intuito, pois aqui, a Praia dos *Crush* não pode ser entendida apenas como um lugar indiferenciado já que o próprio nome dado a ela acentua uma série de sentidos das atuais juventudes de viverem e significarem, atualmente, seus desejos, seus querereres, seus sentimentos, suas expressões de afetos. É por esse motivo que conhecer as práticas de sociabilidades dos jovens da Praia dos *Crush* não é o mesmo de realizar pesquisa semelhante em outros locais. Um lugar cujo nome faz parte da gramática juvenil já que foi uma expressão que se tornou cada vez mais comum e compartilhada nas redes sociais não pode ser deixado de levar em consideração. A palavra *crush* foi exportada da língua inglesa, como veremos adiante, atualmente ela tem um leque de significações, mas todos giram ao redor de se ter um interesse afetivo, sexual por alguém ou até mesmo algum tipo de admiração.

As práticas dos jovens ocorrem em meio ao “clima”, a “*vibe*”. O local, intermediado pelas interações experimentadas, é caracterizado por uma energia vibrante que segue o som das músicas que tocam em grandes caixas de som levadas pelos jovens assim como os movimentos das ondas do mar que tanto é usado para a construção da paisagem do estar na praia quanto para refrescar-se em dias quentes.

Para Fernanda Eugênio (2006), que estudou jovens cariocas em cenas urbanas, o urbano apresenta-se com especificidades abertas e relacionais, pois, os

grupos que vivem os espaços urbanos são atravessados pelos outros, negociam identidades e convivem com diversidades. Na PDC não é diferente. Dessa forma, convém destacar que apesar de o espaço da praia aglutinar vários grupos juvenis, me concentrarei apenas em um deles: os *pirangueiros*. Tal decisão teve de ser tomada para que dessa forma eu pudesse aprofundar questões relativas a esse grupo específico, e por ter percebido também que ele é o principal grupo, em termos de densidade e presença constante na praia que é possível observar. Além disso, penso que tal grupo nos coloca também questões relativas ao viver em uma metrópole tão desigual como Fortaleza, e penso que neste sentido, as suas experiências de viver a Praia dos *Crush* nos coloca também problemas que concernem à vida deste grupo na cidade de Fortaleza.

Embora não seja um lugar privilegiado para se fazer pesquisa, alguns trabalhos realizados no contexto praieiro se caracterizam pela importância dada aos corpos, às suas representações e o que deles são feitos no espaço público da praia. Tais estudos, como os de Fabiano Gontijo (1998), Patrícia Farias (2002), Marcelo Braga (2010), Miriam Goldenberg e Marcelo Ramos (2002) concentrados na cidade do Rio de Janeiro, interessaram-se por captar a relação entre a tríade cidade, praia e corpo.

Gontijo em sua obra *Corps, apparences et pratiques sexuelles: socio-anthropologie des homosexualités sur une plage de Rio de Janeiro* fruto de um trabalho de pesquisa desenvolvido durante o ano de 1994 busca compreender de que forma as consequências do desenvolvimento do vírus HIV influenciaram a maneira em que as populações homossexuais viviam a *Bolsa*. A bolsa é usada para referir-se ao primeiro território gay na praia de Copacabana. No entanto, tais pessoas, apesar do estigma a elas conferido, forjavam espaços de sociabilidade. Para ele:

Le simple fait d'aller s'exposer au soleil sur la sable brûlant de Copacabana semble lié très fortement à une manière particulière de se rapporter à son environnement naturel, de se rapporter à son corps – et, a fortiori, au corps d'autrui -, de se rapporter aux autres habitants de la ville et, enfin, de se rapporter au monde social englobant. Donc, il s'agit bien d'un moment de ritualisation, d'une situation de ritualités, qui permet la formulation et la reformulation d'identités-altérités, de relations et de rapports...(GONTIJO, 1998, p.17).

Ora, para o autor a ida à praia representava momentos em que os corpos se relacionavam, em que as identidades e alteridades eram formuladas e

reformuladas. Não é à toa que a conclusão a que chega o pesquisador é que após o aparecimento do vírus HIV e a midiaticização de casos de pessoas, principalmente famosas e gays, que estavam doentes e morreram por causa da doença, há uma decadência dos trejeitos femininos e um novo tipo “ideal” de gay passa a ser nova *sensação*: os homossexuais “hiper viris” havendo assim um culto ao corpo masculino.

Patrícia Farias (2002) realizou sua pesquisa na virada para o século XXI e concentrou-se em praias da Zona Sul do Rio de Janeiro (Posto Nove de Ipanema) e na Zona Oeste (Praia Grande). Para a autora, a experiência da praia é:

[...] uma espécie de sociabilidade que se traduz em corpos em situação de extrema intimidade entre amigos, parentes e desconhecidos. A praia, dessa forma, é uma experiência coletiva que une o máximo de desconcentração com o máximo de estranheza, realizando-se num espaço aberto, público e gratuito (FARIAS, Patrícia, 2002, p.264).

Ela percebeu diferenças comportamentais entre homens e mulheres. Além disso, constatou haver um *ranking* bem demarcado entre as cores na praia, pois os *morenos*, *bronzeados* eram tidos como as pessoas ideais para se frequentar uma praia, já que seus aspectos corporais, principalmente suas cores, representavam saúde e beleza.

Marcelo Braga (2010) através de suas experiências na Praia do “Pepê” afirmará que na praia realizam-se os ideais corporais atrelados aos habitantes do Rio de Janeiro. A cultura carioca ovaciona o “corpo sarado” e quem o tem distingue-se dos demais.

Miriam Goldenberg e Marcelo Ramos (2002), por outro lado, com uma visão mais crítica da exposição dos corpos na praia, destacam uma dificuldade de se mostrar o corpo com todas as suas imperfeições e sem disfarces, pois de acordo com os autores “por intermédio do cinema, da televisão, da publicidade e de reportagens de jornais e revistas, a exigência acaba atingindo os simples mortais, bombardeados cotidianamente por corpos e rostos perfeitos” (p.26).

Em Fortaleza, busquei, a partir de portais eletrônicos de revistas científicas, Universidades e recursos como o Google Acadêmico trabalhos feitos na capital cearense que se aproximassem dos que havia lido sobre o Rio de Janeiro. No entanto, não obtive sucesso. A maioria dos trabalhos, principalmente os que versam sobre a Praia de Iracema, concentram suas discussões em patrimônio,

cultura, lazer, prostituição, consumo, turismo, poluição (GONDIM, 2001; BENEVIDES, 2003; BEZERRA, 2008; BARREIRA, 2007; AQUINO, 2015).

A Praia dos *Crush*, neste trabalho, é entendida como um espaço praticado na Praia de Iracema, na cidade de Fortaleza. Os “homens ordinários” que a frequentam, diariamente, inventaram a PDC e continuam a inventando no que condiz ao tempo desta pesquisa. Para Certeau (2014) este processo de invenção ocorre através do que o pensador francês chama de “maneiras de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência”, que subvertem os objetos e códigos técnicos que predominantemente ditam para que usos determinado lugar deve se prestar. Um lugar torna-se espaço quando é passível de ser resignificado, de ser territorializado por distintos grupos.

Para Certeau, o cotidiano engendra movimento, rupturas e disputas. Nesse sentido, a aparição da Praia dos *Crush*, onde antes era atribuído outros nomes e usos, é resultado de uma realidade cotidiana viva, que pulsa, não estável.

Usualmente, os espaços da praia são conhecidos pela interação entre os diferentes praticantes. Lugar para a prática de esportes, banhos de mar, para pegar sol, reunindo pessoas que normalmente não compartilham propósitos definidos. A PDC surge e se mantém, então, com algumas diferenças em relação à essas outras praias. Embora tenha como base a diversão, o adjetivo dado à ela passa a reunir pessoas que estão então à procura de experiências afetivas, característica chave para a sua explosão no roteiro de jovens da capital do Ceará.

Por outro lado, como a vida cotidiana não expressa apenas estabilidade, é comum haver conflitos nas territorializações de determinados espaços, ainda mais quando alguns desses praticantes, a maioria no caso da Praia dos *Crush*, seja de jovens que reúnem algumas características que os rotulam e os estereotipam: moradores de periferias, negros.

Desse modo, reconhecendo que a PDC reúne diversos grupos, utilizo a concepção de região moral de Park.

É inevitável que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão, quer sejam proporcionadas por corridas de cavalos ou pela ópera, devam de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que, dentro da organização que a vida citadina assume espontaneamente, a população tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e seus temperamentos. A distribuição da população resultante tende a ser bastante diferente daquela ocasionada por interesses ocupacionais ou por condições econômicas (PARK, 1975, p.63).

Mesmo que o trecho da Praia dos *Crush* não seja muito extenso, há divisões no que condiz onde específicos agrupamentos interagem. Tais diferenças entre os grupos são principalmente de três tipos: classe social, faixa etária e orientação sexual.

Nas barracas, que ficam mais próximas ao mar e mais ao lado da Ponte dos Ingleses, onde deve-se pagar uma taxa de 10 reais para a sua utilização, ficam mais pessoas em família ou os mais velhos. Estes raramente interagem com outros grupos, mesmo que sejam aqueles que assim como eles também estão em barracas.

Mais próximo ao Espigão da João Cordeiro, nas areias da praia, ficam os jovens homossexuais de classe média, brancos. Estes, diferente dos primeiros, interagem mais com seus pares, compartilhando bebida, snacks. As bebidas mais consumidas são cervejas que normalmente são mais caras em comparação à outras bebidas mais populares. Também não se vê o uso de drogas ilícitas, o que não significa que não o façam. À frente deles, é comum haver garotos que jogam bola, vôlei.

Já quase no meio da Praia, especificamente próximo a um posto de salvamento e na barraca do projeto Fortaleza inclusiva, ficam os jovens conhecidos como piranguinhos. Embora a maioria seja heterossexual, não se excluem as lésbicas, bissexuais e os gays, que quase sempre estão acompanhados por garotas, raramente por meninos heterossexuais. Este grupo, diferente dos outros, não ficam sentados na areia da praia. Eles circulam, ficam em pé dançando com o auxílio de suas caixas de som. Este será o grupo que utilizarei de forma mais detalhada para falar sobre as sociabilidades da PDC porque penso que a presença constante e massiva deles na PDC se constitui como um incômodo não apenas na PDC mas na cidade com um todo. Em resumo, estes grupos encontram-se no espaço da praia, têm gostos e temperamentos diferentes.

Os piranguinhos são jovens moradores de áreas periféricas da cidade de Fortaleza, têm um estilo vida próprio deles, marcado por marcadores de classe, etnia, bairro, geração. Não é possível, neste trabalho, afirmar quem são eles de maneira geral, já que dependendo do local em que estejam eles podem se apresentar de outras formas. Portanto, as considerações que farei sobre eles foram pautadas na experiência do estar na Praia dos *Crush*.

Finalmente, penso que meu trabalho sobre a Praia dos *Crush* vem sanar algumas destas ausências, principalmente no que condiz aos momentos de sociabilidades dos jovens na praia, com práticas sócio-afetivas direcionadas ao estar no grupo, ao conhecer novas pessoas, ao iniciar momentos de interações afetivas, nos contatos com os corpos ao céu aberto sob o sol quente característico do Estado do Ceará.

## 1.2 Organização dos capítulos

No capítulo “Fortaleza, cidade do lazer” recorro a pensar de que forma o espaço da praia foi construído ao longo dos anos, tornando-se hoje um espaço de lazer. Apresento também uma pequena parcela da história da cidade de Fortaleza principalmente focalizada na compreensão de práticas de lazer que fazem parte da memória da capital alencarina atentando como algumas dessas práticas nos deixaram algumas marcas, principalmente em relação à segregação de alguns grupos em nome da distinção de outros.

No capítulo “A Praia dos *Crush* entre o adeus e a boemia da praia de Iracema” a partir do percurso da Praia de Iracema insiro a trajetória da Praia dos *Crush* ao passo que também busco entender como a alcunha *crush* que diz respeito à uma linguagem juvenil foi sendo gestado para assim ser usado na definição de um espaço que é praticado principalmente por jovens que fazem uso dos espaços da cidade de Fortaleza, demonstrando que além de se fazer presente em espaços que são muitas vezes renegados à eles, eles não só se fazem visíveis como são capazes de alterar a nomeação de um determinado trecho da Praia de Iracema que é constitutivo da história de Fortaleza.

Já o último capítulo “A *vibe* da Praia dos *Crush* entre as representações e os momentos de sociabilidade” trago ao trabalho as principais representações que tiveram um papel importante na invenção da praia. Tendo em vista que tais representações não surgiram do nada, mas que foram produtos de um processo de vivência do estar na praia; trago também à pesquisa alguns dos momentos de sociabilidade entre os jovens que corroboram com estas representações e que, em certa medida, também as ultrapassam.

### 1.3 Espirando-se na praia: percursos metodológicos

A primeira ferramenta utilizada para se ter acesso às representações atribuídas à PDC foi a de pesquisas em matérias de jornais, revistas, *blogs*, *sites* e redes sociais. O produto deste levantamento do que se tinha sobre a Praia dos *Crush* concentra-se entre os anos de 2016 até o ano de 2019. Esta técnica está atrelada ao que ultimamente tem sido conhecido como sociologia digital.

Para Miskolci (2016)

Alguns compreendem sociologia digital como uma área emergente da disciplina com objeto próprio de investigação, outros – mais preocupados com aspectos metodológicos – podem defini-la como a possibilidade de dar conta da intensidade de relações sociais mediatizadas pelas tecnologias (big data<sup>2</sup>) e há também quem reconheça nela o potencial para criação de um conjunto teórico e conceitual articulado e transversal que virá a modificar a disciplina como um todo. Qualquer que seja a definição de sociologia digital, refletir sobre seu potencial é um exercício necessário para compreender nosso passado recente e, sobretudo, nosso presente. (MILSKOLCI, 2016, p.277).

Se tivermos a possibilidade de contar com os meios digitais para conhecermos cada vez mais aquilo que estudamos se faz necessariamente importante que façamos usos dessas ferramentas. Entendo-a também como parte constituinte dos modos de vida juvenis da contemporaneidade.

Os responsáveis por esses escritos, que tiveram um papel fundamental da difusão da imagem da PDC como um lugar de jovens, de encontros, de diversidade são, majoritariamente, o mesmo público que a frequenta. Tornou-se habitual, nos últimos anos, principalmente com a difusão da rede mundial de computadores, a criação de meios de comunicação que fogem das tradicionais mídias, como os jornais impressos, tornando a informação mais acessível, tanto para quem produz quanto para os remetentes.

Nesse sentido, trabalhar com este material nos mostra o diálogo entre os remetentes e os destinatários. E até mesmo entre os próprios receptores das informações, que como veremos a seguir, discutem entre si a partir da ferramenta dos comentários.

A utilização de imagens é fundante da Praia dos *Crush*, pois a partir delas, principalmente nas redes sociais, faz-se a publicização e o convite para conhecer a Praia. É uma das práticas habituais dos jovens tirar fotos no que eles chamam de uma luz natural praiana, sem filtros. Não tenho interesse em fazer uma

etnografia das imagens da PDC, mas entendo-a como uma tradição da PDC, elas também nos auxiliam a passar para os leitores um pouco do que pode ser encontrado visualmente naquele espaço.

Destarte, é necessário esclarecer que “em virtude do sentimento de denotação que a fotografia expressa, a descrição de uma fotografia é impossível, pois descrever é acrescentar à imagem denotada uma segunda mensagem” (ALMEIDA; FERREIRA, 2008, p.121). No entanto, também de acordo com os autores, a descrição de imagem é capaz de produzir um contexto a partir daquela fotografia, ou seja, ela revela uma realidade. Ela revela modos de existência. Conforme Leite (1998):

A fotografia ou o desenho permitem uma penetração de significados por meio da memória espacial e da associação de imagens. O exercício de análise das fotografias estimula a percepção visual e habitua a enxergar na foto uma radiografia com sugestões de significados invisíveis que ultrapassam o enquadramento das duas dimensões (LEITE, 1998, p. 43).

Ou seja, fotografias não são apenas recursos estéticos, trazem consigo uma teia de significados próprios ao que busca representar.

Não obstante, considerando as disposições imprescindíveis do contexto em que a PDC se faz por conhecer, recorri também à etnografia para a construção e interpretação desse espaço praticado (CERTEAU, 2003) pelos jovens. No seu início, a etnografia era entendida como a descrição de uma cultura. Embora tenha se reformulado ao longo dos anos, ela mantém algo que a caracteriza: a presença do pesquisador no campo. Beaud e Weber (2007) compreendem campo como “um trabalho, não uma passagem, uma visita ou uma presença. O *fieldworker* não vai tão somente ao campo, ele fica ali, e acima de tudo, trabalha ali”. (BEAUD; WEBER, 2007, p.9). Ora, esse trabalho constante faz-se importante porque o etnógrafo (e também o sociólogo) é alguém que “não se contenta com visões panorâmicas, que não se satisfaz com as categorias já existentes de descrição do mundo social [...] e manifesta ceticismo diante das análises ‘generalistas’ do mundo social”. (*idem, ibidem*, p.11).

Busquei, de início, apreender a PDC adotando a conhecida tríade proposta por Roberto Cardoso de Oliveira (1996): olhar, ouvir, escrever, e, para ter acesso à cidade no interior de suas entranhas: o andar (SILVA, Hélio, 2009), já que é:

movendo-nos que conhecemos, e é movendo-nos também que descrevemos. É absurdo perguntar, por exemplo, se o andar normal é uma maneira de mover-se, conhecer ou descrever. É todas as três coisas ao mesmo tempo. [...] Mover, conhecer e descrever, no entanto, demandam mais do que estar em, ou imersão. Demandam observação. Um ser que se move, conhece e descreve deve estar atento. Estar atento significa estar vivo para o mundo (INGOLD, 2015, p.13).

Ao me inserir no meio da Praia, a nível de proximidade com os jovens, busquei assimilar a experiência da PDC privilegiando o olhar de perto e de dentro. Perspectiva essa defendida por Magnani (2002) para as etnografias nas cidades já que:

É neste plano que entra a perspectiva de perto e de dentro, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos [...] Em todo caso, em vez de um olhar de passagem, cujo fio condutor são as escolhas e o trajeto do próprio pesquisador, o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. (MAGNANI, 2002, p.17-18).

Ao conviver com os jovens, na areia da Praia, que em dias cheios quase não havia lugar para sentar, me possibilitou desomogeneizar minhas hipóteses primeiras e deixar que os detalhes, vestígios me possibilitasse novas e reformuladas ideias do que era a PDC, para além do que perspectivas *de fora e de longe* a significavam e criando contrapontos com as representações atribuídas a ela. Para Pais (2003) “investigar vem do latim *vestigio*, donde deriva também a palavra *vestigio*. Investigar significa, então, ir na pegada de vestígios. Vestígios que são indiciantes de descobertas científicas” (p.69).

Defino assim a perspectiva etnográfica com a qual venho trabalhando: uma etnografia dos vestígios, pois os “achados de pesquisa” não se definiram de imediato, foi preciso muitas *parcialidades* para que eu chegasse a alguns questionamentos, já que a massa confusa de dados (WHITE, 2005)<sup>9</sup> levou tempo para tomar alguma forma e sentido, e ainda está em processo de constituição. Penso que, como Alexandre Joca (2003) “a sensação de instabilidade e fluidez das

---

<sup>9</sup> De acordo com White (2005) durante o andamento da pesquisa, temos a sensação de estarmos imersos em uma massa confusa de dados. Então, vivendo com os dados e as pessoas, algum acontecimento fortuito nos lança uma luz diferente sobre aqueles dados até então acumulados e eles passam a adquirir sentido.

interações juvenis” também foram responsáveis por esse trabalho que foi se fazendo aos poucos, o que me fez treinar meu olhar para apreender momentos que não raras vezes são tidos como descartáveis, os “imponderáveis da vida real”<sup>10</sup>.

Somado a isso, muitas vezes me vi questionando se minhas condutas na Praia condiziam-se com a uma pesquisa *séria* pela familiaridade e proximidade que eu tinha com a PDC. Acredito que as interpelações de amigos, familiares e demais pesquisadores por estar eu estudando uma praia e/ou o fato de minha formação não ter privilegiado pesquisas que ocorriam em âmbitos de lazer me fizeram, de início, questionar a validade da minha pesquisa. Muitas vezes ouvi “*huuum, tu vai fazer pesquisa vestida desse jeito?*” ou “*Tu vai pesquisar mesmo ou vai se divertir?*” e tais questões saíam como murros direcionados a mim, porque tais falas colocavam em xeque o que eu estava fazendo, quase que desvalidando minha pesquisa.

No entanto, para Gilberto Velho (1980) “familiaridade e proximidade física não são sinônimos de conhecimento, assim como viajar milhares de quilômetros não nos torna livres de nossa socialização com seus estereótipos e preconceitos” (p.15-16). Ora, tanto o *estar-lá* quanto o *estar-aqui* podem ser fonte de problemas para o pesquisador que carrega consigo uma série de pensamentos etnocêntricos, podendo ser na Indonésia ou em uma praia da cidade em que vive. Velho, a partir da seguinte citação, me fez problematizar e enxergar que por mais que eu, enquanto moradora de Fortaleza e frequentadora da Praia dos *Crush*, possa de início me achar como semelhante a todos os outros jovens que lá estão, é um engano, pois nós pesquisadores mesmo com “a possibilidade de partilharmos patrimônios culturais com os membros de nossa sociedade não nos devemos iludir a respeito das inúmeras discontinuidades e diferenças provindas de trajetórias, experiências e vivências específicas” (p. 16).

---

<sup>10</sup> “Imponderáveis é um termo originariamente utilizado por B. Malinowski quando analisa metaforicamente as etapas do trabalho de campo. Segundo o autor, para uma observação participante efetiva, o antropólogo precisa fazer um levantamento objetivo dos dados imediatos do local, como por exemplo, um mapa êmico e os dados demográficos, constituindo-se então o que Malinowski chama de “esqueleto”. Em seguida, o esqueleto precisa ser preenchido com “carne e sangue”, ou seja, acrescenta-se uma análise subjetiva sobre as ações práticas do cotidiano do nativo. Busca-se, por exemplo, investigar quais as regras da comunidade, como se comporta o nativo diante delas, as relações de autoridade, parentesco, entre outros. São essas ações da vida real que Malinowski se refere ao falar dos “imponderáveis da vida real”, ou seja, as atividades corriqueiras do nativo” (SOUZA NETO, A. DE; AMARAL, P. L.; 2011, p.497).

Se antes de iniciar o processo de pesquisa eu compartilhasse com meus interlocutores inúmeros significantes e significados da cidade onde moramos, essas semelhanças se tornariam aos poucos cada vez menores. Eu assumi um papel diferente dos deles, principalmente no que condiz sobre os nossos objetivos de ir à praia durante o processo de pesquisa, e nisso não é possível criar bases comuns de interesses.

Outra questão que me tocou foi a de que em que medida pode haver um envolvimento com os nossos sujeitos. Como uma mulher pesquisadora e jovem em uma praia considerada jovem, com um grande número de público masculino, muitas vezes fui surpreendida por essas proximidades quanto à idade e quanto ao fato de ser mulher. A PDC é conhecida como um lugar de paquera (que veremos melhor a seguir) e diversas vezes fui paquerada lá. São vários os trabalhos que já se propuseram a discutir essas proximidades, principalmente quando o contexto da pesquisa é marcado por temas tais como práticas sexuais, afetivas. Percebi, que em alguns destes trabalhos, ora há interações com os sujeitos das pesquisas ora não.

Paulo Rogers Ferreira (2008) ao pesquisar o que ele chama de *afectos mal-ditos em sociedade camponesas*, mais precisamente no distrito de Goiaberas<sup>11</sup> a 423 quilômetros da capital do Estado do Ceará, experimenta de maneira distinta o seu campo. Ao lê-lo, parece-me que as interações sexuais das quais ele participou foram imprescindíveis ao seu estudo, levando em consideração que ele passa a ser *notado, visto* após o episódio de participar de relações sexuais com alguns moradores do local, pois aqueles que não se dirigiam a ele com sequer um bom dia, passaram a iniciar conversas chamando-o para as *moitas*<sup>12</sup>. Aliás, faz-se importante observar que Paulo Ferreira recebeu o prêmio de melhor dissertação de mestrado no “Concurso Brasileiro ANPOCS de Obras Científicas e Teses Universitárias em Ciências Sociais – Edição 2007” demonstrando que seu trabalho, com todos os seus envolvimento possíveis, havia recebido, dos seus pares, o reconhecimento necessário à obra legitimando-a, desse modo, como uma pesquisa *séria*. Para o autor:

O antropólogo não sai mais ileso sem ter sua carne perpassada pelo afecto. Potência de vida, pura imanência, de uma ordem que nada tem que ver com hierarquia, com *autoridade antropológica* [...] mas com horizontes

---

<sup>11</sup> Nome fictício que o autor usa para nomear a cidade em que realizou a pesquisa.

<sup>12</sup> Moitas dizem respeito a um espaço em que há mata espessa e baixa, costuma ser afastado dos centros da cidade.

espraiados em corpos excitados. Eis uma antropologia rural pulsante, contagiante, viva. É no *viver* e não no interpretar que o antropólogo encontrará os meandros do desejo, outros modos de vida (FERREIRA, Paulo, 2008, p.36).

Será que eu deveria também interagir tal qual Ferreira com meus interlocutores para sentir não uma antropologia rural pulsante, contagiante, viva, mas uma sociologia urbana pulsante, contagiante e viva? Se sim, como fazer tal coisa? Se não, estaria eu perdendo algo que só fosse possível a partir disso? Ora, para mim tal questão se faz substancial já que faz parte do meu trabalho apresentar alguns momentos em que os processos de paquera, de “ficas”, de encontros entre os jovens ocorrem.

Por outro lado, Vasconcelos (2017) em sua pesquisa sobre “cinemões” no Centro da cidade de Fortaleza não participou *in acto* de interações sexuais. Embora os “cinemões” organizassem-se entorno de uma arquitetura, luminosidade, tatos, cheiros tornando “as interações experiências sensoriais dos corpos em movimento”, o autor não precisou interagir sexualmente com ninguém (mesmo que diversas foram as vezes em que isso lhe era proposto) para “ser pego pelas intensidades do cinemão”. De acordo com ele

Viver em ruptura é assumir e enfrentar o medo que o campo produz em nós de “corpo aberto”, transformando afetos em possibilidades analíticas férteis para tornar uma comunicação possível. Deixo claro que em todo o meu trabalho de campo nunca me relacionei afetivo-sexualmente com nenhum dos meus interlocutores, mas isso não quer dizer que meu corpo nem o deles era neutro nessas interações. Eu senti por várias vezes um misto de medo e tesão só de saber que eu tinha de ir ao cinemão (VASCONCELOS, 2017, p.36).

Já Camilo Braz (2009) quando busca discutir sua “inserção etnográfica nos clubes de sexo masculinos” começa com um trecho de seu diário de campo sobre ter de ficar nu já que a nudez era regra para se estar nos clubes de sexo masculinos. Para o autor, seu corpo não passava despercebido – por mais que ele quisesse – e as tentativas de outros homens “roçarem” e tocarem em seu corpo lhe marcaram bastante ao ponto de ele tornar todas essas experiências como questionamentos metodológicos. Além do que acontecia em campo, Braz também teve outros desafios:

“Mas agora confessa: como você se comporta lá dentro?” Perguntas como essa me perseguiram durante toda a realização do trabalho de campo, seja na internet, seja fora dela. Algumas vezes, fui indagado diretamente se praticava ou não sexo em campo. Ou mesmo se tinha um desejo oculto, uma vontade não dita de fazê-lo. Em outros momentos, a dúvida era posta de maneira indireta: questões sobre o que me levava, “no fundo”, a estudar

esses clubes, ou ainda sobre “o meu verdadeiro interesse” nesse universo de práticas erótico-sexuais. Essas indagações surgiram tanto “em campo” quanto em conversas com amigos/as, não raro colegas de disciplina. Enunciada de diferentes modos, por diversos sujeitos, em diferentes contextos, uma reação recorrente à minha investigação era, assim, um ar de desconfiança quanto ao meu “real” interesse pelo campo e meu “verdadeiro” comportamento nele. Muitas das conversas estabelecidas pela internet com os colaboradores de pesquisa estavam o tempo inteiro permeadas pelo flerte, pelas cantadas, pelas avaliações de minha foto, meu *avatar* (BRAZ, 2009, p.90-91).

Inúmeras foram as vezes que fui eu indagada com “já conseguiu algum *crush* na Praia dos *Crush*?” ou “mas sério, o que tu vai fazer lá? Não é possível ter coisas da faculdade aos domingos até tão tarde”. Também experimentei os flertes nas redes sociais, garotos me chamando para “fumar *cannabis*”, ir à praia com eles (não apenas como recém-conhecidos) e até para ir ao cinema.

Dois acontecimentos na PDC foram os mais marcantes para mim, pois me fizeram pensar tanto a respeito dessa falsa proximidade com a qual somos tentados a acreditar e quanto ao fato de sermos observados por aqueles que observamos, não passando assim “neutro” ou “incólume” como Camilo Braz gostaria de ter passado.

O primeiro ocorreu no dia 26 de agosto de 2018. Um garoto, que afirmara já estar me observando com os seus amigos, falou que estava *a fim* de mim. Lembro-me que no momento, eu que já estava a mais de uma hora a observar a praia, me dei conta que também estava sendo observada. Embora tenha insistido para que eu passasse o meu número de telefone, eu não o fiz.

O segundo evento foi no dia 31 de março de 2019. Eu estava em um protesto contra a tentativa do então presidente Jair Bolsonaro de comemorar aquele dia em alusão ao início da ditadura militar no Brasil. A Aula-Ato ocorria no Centro Cultural Belchior. Havia ido eu e mais uma amiga, mas às 18 horas ela resolveu ir para casa. Como percebia um movimento na areia da praia, fui até lá para tentar absorver algo há mais para a minha pesquisa. Ao chegar, fui recepcionada por um rapaz, que logo mostrou um interesse em mim. Como o do dia 28 de agosto ele insistiu para que eu desse o meu número de *WhatsApp*. No entanto, também não o correspondi.

Tais episódios passaram bastante tempo me inquietando. Eu havia reagido a eles como uma *proibição*, esquivando-me de qualquer interação que ultrapassasse a relação pesquisador-pesquisado. E após a leitura do trabalho de

Paulo Rogers me culpava porque queria eu “viver” o meu campo, sentir o que o autor passava ao lermos a sua dissertação.

Mas em que consiste esse viver? O que significa estar aberto ao campo? Compreendi, após muitas reflexões, que todos nós pesquisadores podemos nos deixar afetar em campo, independente das temáticas com as quais trabalhamos, pois como afirmou Geertz

Os métodos e teorias da ciência social não estão sendo produzidos por computadores, mas por homens e mulheres, e sobretudo por homens e mulheres que trabalham não em laboratórios, mas no mesmo meio social a que se aplicam os métodos e se transformam as teorias. É isso que confere à empreitada como um todo o seu caráter especial. A maior parte das pesquisas em ciências sociais envolve contatos diretos, íntimos e mais ou menos perturbadores com os detalhes imediatos da vida contemporânea, contatos de um tipo que dificilmente pode deixar de afetar a sensibilidade das pessoas que a praticam, tal sensibilidade está inserida em sua constituição do mesmo modo como as sensibilidades de uma época se inserem na cultura dessa época (GEERTZ, 2001, p.31).

No entanto, quando uma mulher jovem resolve pesquisar sobre processos de interação afetivos em um lugar que é famoso pelos episódios de encontros tem-se uma dupla afetação, pois não só posso me deixar afetar pelo campo como também é ele bastante afetável, pois “estar na praia seminu junto a estranhos é estar disponível ao outro e simultaneamente não estar. Andar neste fio da navalha é o desafio” (FARIAS, Patrícia, 2002, p.272).

Após conversas e leituras percebi que não precisava *ficar* com alguém em campo para compreendê-lo, para vivê-lo, para experimentá-lo, e até de usar minhas experiências de ter sido paquerada para entender como ocorre o processo de *chegar em alguém*. Existiam outras formas de fazer isso. Não poderia simplesmente reagir a uma paquera como se fosse uma “nativa” da PDC, porque como afirmei anteriormente por mais que queiramos ser “iguais” àqueles que estudamos, nós somos diferentes. E essas diferenças são grandes o suficiente para sabermos qual é o nosso lugar.

Por outro lado, a PDC exercitou em mim outras sensações. Mexeu com outros sentidos, que o olhar, ouvir e andar ainda não davam conta. A *vibe* experimentada a partir da música alta – que dificultava o ouvir; a nuvem de fumaça produzida a partir da maconha e dos cigarros consumidos atrapalhava o olhar. O cheiro destes eram inebriantes e levei bastante tempo para me acostumar; Não menos importante era o calor e a areia da praia. Um nos causa fadiga, nos faz

transpirar mais e mais e a outra nos suja e pesa o andar. No entanto, essa experiência, de sair sempre da praia mais suja, bronzeada, cansada, mais suada e até inicialmente com vergonha de expor o meu corpo, me mostrou, mais adiante, a capacidade de sentir a cidade, pois essas experiências mexeram com minhas sensibilidades, me possibilitaram enxergar efetivamente a PDC como

produtora de sons, cheiros, gostos, texturas e intensidades diversas que se dão pelo imbricamento com o corpo, de um corpo que se faz na cidade e de uma cidade que se faz no corpo, reciprocamente. Esse modo de viver a cidade se difere de uma tentativa de criar uma representação, fixa, institucional, normativa e apriorística, embora acabe criando algum tipo de representação sobre a cidade que, embora não seja fixa, por ser produzida a partir de um lugar social, possui implicações advindas desse lugar. (VASCONCELOS, 2017, p.57).

Vasconcelos (2017) propõe o que ele chama de uma etnografia sinestésica. Para o pesquisador:

Compreende-se por etnografia sinestésica um conjunto de ferramentas analíticas, metodológicas e epistemológicas que partem da compreensão de contextos sociais circunscritos a partir dos modos como os agentes por meio dos sentidos visuais, táteis, sonoros, olfativos e relativos a gostos e sabores criam estratégias de identificação, desidentificação e de espacialização (*idem, ibidem*, p.16).

Um evento que ocorreu comigo ilustra bem a instalação em mim de um misto de emoções que fizeram com que meus sentidos visuais, táteis, sonoros, olfativos e relativos a gostos e sabores ficassem mais aguçados. No dia 25 de agosto, retornando para casa, ao me aproximar da parada de ônibus, duas outras garotas também se aproximaram. Ambas estavam chorando, mas o choro de uma delas era em consolo à outra. Ela chorava de tal forma, soluçando, gritando, que me enchi de dó, e minha vontade era a de chorar junto a ela. Como a parada estava lotada, contive o choro assim como a pergunta de qual seria o motivo de suas lágrimas. Quando um ônibus passou, aliás, o ônibus que pego, resolvi não subir porque percebi que quase todos os que estavam na parada haviam subido nele, mas a dupla de garotas não.

Naquele momento, com a parada menos lotada, e apenas com mais outras 5 mulheres, perguntei a garota o que tinha acontecido. Ela, desesperada, contara que havia terminado com o ex-namorado, e que no dia anterior, apesar dele ter insistido para reatarm o relacionamento, ela não aceitou. No entanto, como ele

era um integrante de uma facção<sup>13</sup>, e que o motivo de seu choro não era o término, mas o fato de um amigo dele ter visto (e fotografado) ela se beijando com outro garoto minutos antes na praia suas lágrimas tinham como motivo o medo, o medo de morrer. Ela chorava, consolada pela amiga, afirmando: *ele vai me matar*. Fiquei novamente sem reação, perguntando-me como seria capaz de ajudar aquela garota. Ela demonstrava ter menos de 16 anos. Infelizmente, no momento em que me preparava para elaborar uma resposta a ela, o ônibus delas se aproximou do ponto de ônibus, que seguiu com a afirmativa da garota de que ela só gostaria de sair dali. Infelizmente, foram embora sem nos despedirmos e sem que eu sequer falasse algo.

Os jovens da PDC exercitam também esses sentidos. *O que se vê é quase que a principal razão para chegar em alguém*<sup>14</sup>. O contato com a areia; a música alta que agrega as pessoas, principalmente as garotas, que dançam de acordo com as últimas coreografias lançadas; o álcool, cigarro e maconha que são consumidos significam alguns dos motivos pelos quais se faz frequentar mais e mais a PDC estimulando sensações e sentimentos que somente a experiência de estar lá é capaz de proporcionar.

A observação direta se constituiu como outro recurso da pesquisa. Ela se fez necessária por dá acesso “ao que se esconde, a fim de retrazar o encadeamento das ações e das interações, ou ainda para apreender o que não se diz, ou ‘o que é percebido sem ser dito’” (CHAUVIN; JOUNIN, 2015, p.125-126). Nesse sentido, ela me possibilitou ter acesso a fatos que se eu não conhecesse não poderia inseri-los como ganchos nas conversas na PDC e nas entrevistas semiestruturadas iniciadas nas redes sociais por tratarem-se de temas delicados que *à priori* não se revela a qualquer pessoa. De acordo Weber e Beaud (2015)

É a repetição prolongada destas observações diretas (ou participantes) que contribui na produção de um material homogêneo, do qual o etnógrafo vai extrair um raciocínio fundado na “observação analítica”, cuja virtude é a de fazer emergir da situação de pesquisa os conceitos adequados da atividade social dos pesquisados (BEAUD; WEBER, 2015, p.195).

---

<sup>13</sup> Facções criminosas são os nomes utilizados para designar coletivos criminais que estão envolvidos com tráficos de drogas e de armas. Para Paiva (2019), cuja análise tem como foco a capital cearense, as facções não apenas lideram e gerem as localidades periféricas, exercendo um “poder de governo”, como também inseriram novas maneiras de fazer e viver do crime utilizando de práticas de tortura, chacinas, expulsão de residências, principalmente direcionadas à população pobre.

<sup>14</sup> Expressão utilizada para definir o momento em que uma pessoa vai até a outra a fim de estabelecer alguma relação afetiva.

Por esse ângulo, a recorrência daquilo que foi observado por mim é o que constitui a capacidade de uma não imposição arbitrária de conceitos, pois como afirmou Bourdieu (2006) a interação entre *pesquisador* e *interrogado* constitui um problema prático e teórico no campo de análise sociológica já que a intrusão e dissimetria presentes na relação social que é a entrevista/conversa é capaz de fazer com que o pesquisador exerça uma violência simbólica sob seu *interrogado*. Para limitar as consequências da intrusão e dissimetria deve-se adotar uma escuta ativa e metódica que tem como preceitos

a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular, que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vistas, em seus sentimentos, em seus pensamentos. (BOURDIEU, 2006, p.695).

Para Camila Holanda (2012), retomando Wright Mills, o artesanato está no centro da prática do pesquisador, é algo vivido cotidianamente e registrado em diários que compõem um arquivo pessoal de anotações que podem acontecer sem que seja uma demanda de pesquisa, mas sim por ser algo experienciado.

Foi o que percebi na PDC, embora eu tivesse algumas questões anteriores ao processo de pesquisa empírico, a praia, a partir de minhas experiências etnográficas, que podem ser mais bem vislumbradas em meus diários de campo, colocou-me problemáticas com as quais eu não pensava que iria trabalhar, principalmente no que condiz à presença maciça daqueles definidos como pirangueiros e os processos de estigmatização pelos quais eles passavam ao estarem na praia.

Logo no início da pesquisa percebi o quanto era difícil realizar entrevistas<sup>15</sup> na PDC. O barulho, o fato de as pessoas não quererem perder tempo dando uma entrevista, pois poderiam estar *curtindo* a praia eram alguns dos fatores que me fizeram refletir acerca desta canonizada técnica de pesquisa. Sendo assim, optei por conversar informalmente com os jovens quando estava na praia.

---

<sup>15</sup> ALMEIDA e TRACY (2013) também experimentaram isso na pesquisa que realizaram com jovens de classe média na cidade do Rio de Janeiro. Elas afirmam que as técnicas de entrevistas, tão comuns para a grande maioria de nós, não se mostraram eficientes na pesquisa, pois não havia, nos discursos de seus interlocutores, sequências lógicas e discursivas, referentes e que havia uma supremacia do que elas chamam de “interatividade movediça do estar *in acto*, e não [de uma] estrutura ontológica do ser” (p.75). Dito isso, a observação e interação diretas apresentaram-se como os recursos-chave das pesquisadoras, pois possibilitaram a valorização de formas de ser e de expressar-se.

Conversas essas que muitas não tinham uma sistematização precisa, já que foram constituídas pausadamente através de poucas frases, algumas interjeições, relatos e apontamentos.

No entanto, realizei entrevistas semiestruturadas por meio do *Instagram* e do *WhatsApp* que se mostraram ótimas ferramentas de pesquisa. Através do perfil *@praiadoscrush\_oficial* no *Instagram* e que se coloca como o perfil oficial da PDC com quase 30K (30000 seguidores) e que reposta<sup>16</sup> fotos de jovens que estiveram na Praia dos *Crush* entrei em contato pelo *direct*<sup>17</sup> com aqueles que eram marcados nessas fotos.

Finalmente, ao espriar-me na praia, pela praia é que este trabalho tornou-se possível. Penso que embora variados sejam os métodos de pesquisa que utilizei, cada um deles contribuiu de alguma forma para que eu chegasse perto de fazer jus às experiências da PDC.

---

<sup>16</sup> Após uma imagem, vídeo etc. serem postados, eles podem ser repostados, o que significa dizer que um perfil pode postar novamente algo, e que esse ato deixará visível de quem era a postagem inicial.

<sup>17</sup> *Direct* é a expressão utilizada para denominar o recurso privado de trocas de mensagens em texto, áudio, envio de fotos e vídeos no *Instagram*.

## 2 FORTALEZA, CIDADE DE LAZER

Fortaleza não é apenas um retrato na parede, uma paragem bucólica, um apelo afetivo. É também uma das mais vivas expressões de nossas contradições, a síntese da dualidade, o lugar por onde passa o equador que divide o corpo social do Brasil. (COSTA, 1988, p.1).

Atualmente, com seus quase 2.669.342 de habitantes em um território de 313,140 km<sup>2</sup>, Fortaleza, a capital do Estado de Ceará é reconhecida como um polo econômico, político, social e um dos lugares mais escolhidos para o turismo, para o lazer. Neste capítulo, não pretendo fazer uma história da cidade, mas apontar de quais formas ela se tornou a metrópole de hoje e como sua imagem foi construída ao longo dos anos como cidade do sol, atrelando a capital alencarina aos seus verdes mares.

Fortaleza, diferente de outras atuais metrópoles brasileiras, como Salvador, Recife, Rio de Janeiro, Manaus, São Luís, Belém não nasceu hegemônica como essas. Tais cidades, durante o primeiro e segundo séculos do processo de colonização do Brasil já aportavam como pontos decisivos para a produção direcionada ao mercado externo e como sedes do aparato burocrático e militar. São estabelecidas duas razões para esse atraso: primeiro as particularidades de sua faixa litorânea e segundo a má qualidade do solo das terras próximas, sem falar da existência de índios desconfiados e rebeldes. Que não faziam mais do que lutar em defesa de seus territórios (LINHARES, 1992).

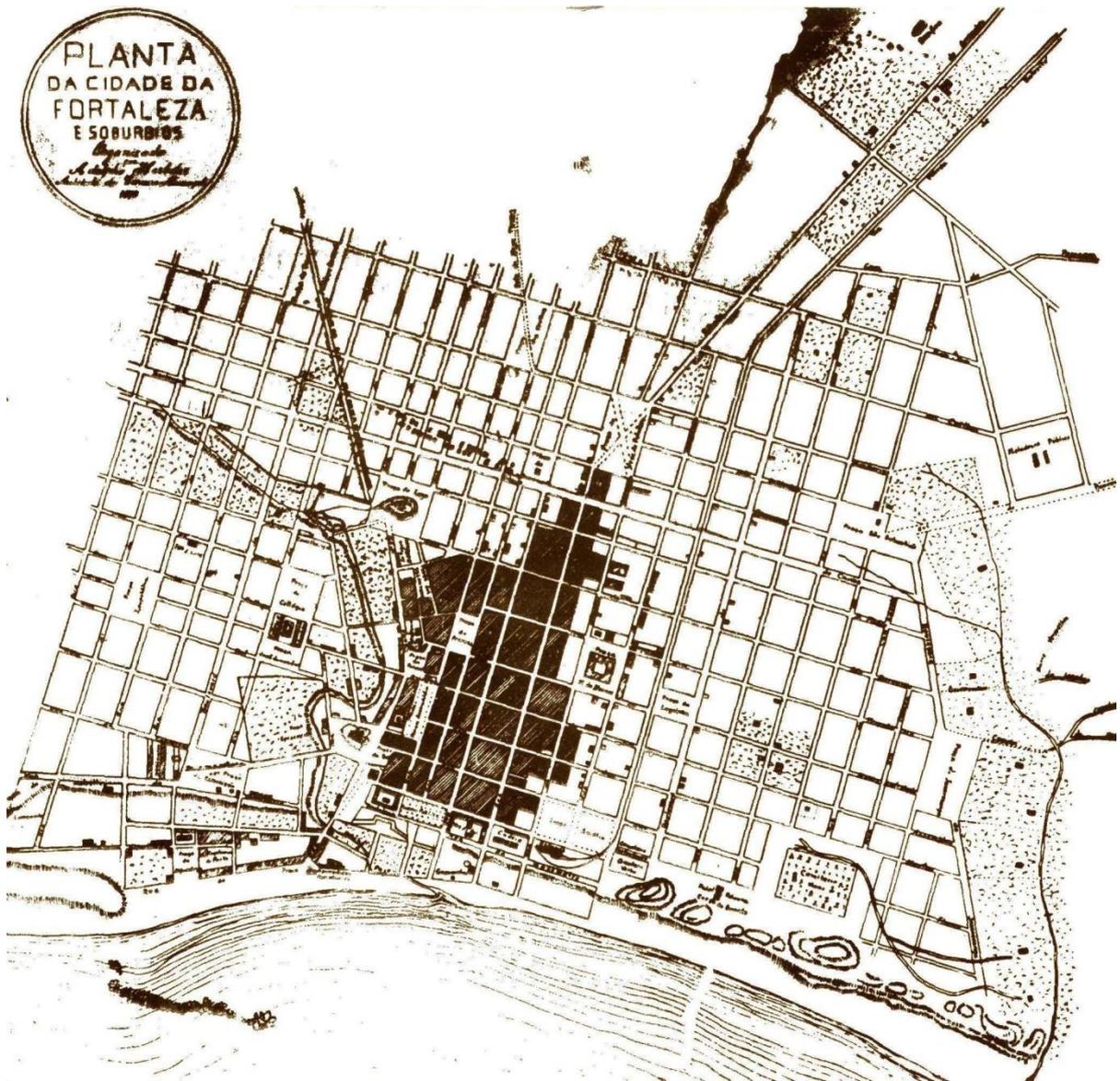
Foi somente durante o século XIX, mais precisamente na segunda metade dele que Fortaleza tornou-se o principal núcleo urbano, econômico, político e social do Ceará (CORDEIRO, 2004). De acordo com Lemenhe (1991) tal fato não pode ser desassociado do sistema que imperava no Brasil naquele período, cujos interesses foram favoráveis à hegemonia atrasada de Fortaleza, por objetivar beneficiar as capitais das províncias. O II Reinado (1840-1889) visava transformar tais províncias em verdadeiros núcleos a serviço do Império cuja unidade territorial ambicionava manter a quaisquer custos.

Dentre as decisões administrativas que favoreceram Fortaleza, podemos citar:

[...] obras no porto (no exato momento em que a rival e decadente Aracati reclamava da erosão de seu porto e da inadequação deste para navios de



Figura 5 – Plano Adolfo Herbster



Fonte: Fortaleza em fotos.

De acordo com Linhares (1992), que não concorda que o modelo de Adolfo Herbster fosse uma imitação do mesmo realizado na capital da França (1992):

[...] ao contrário da reforma parisiense, a reforma Herbster não foi de forma alguma um evento radical. Enquanto Haussamn, sob a proteção de Luiz Napoleão, realiza em Paris uma renovação-convenção em que uma nova sociedade se impõe sobre uma antiga, – em Fortaleza, Adolfo Herbster mantém o traçado original de Silva Paulet (de 1823), conferindo-lhe 3 boulevares (nas atuais avenidas Imperador, Duque de Caxias e D. Manuel). É certo que a chamada “Planta Topográfica de Fortaleza e Subúrbios” estendeu o traçado xadrez até os subúrbios, mas a comparação me parece excessiva. (LINHARES, 1992, p.185).

Por outro lado, Linhares reconhece que o que tem de importante nas reformas realizadas por Herbster “é que elas dariam a centralidade que a cidade manteve até que o fenômeno da “aldeotização” a retirasse progressivamente do perímetro da Avenida Imperador, Duque de Caxias e Dom Manuel” (*idem, ibidem* p.186).

Em contrapartida, para Airton de Farias (2012), os objetivos do plano não eram apenas estéticos, ou se preocupavam somente com o controle da expansão da cidade ou do fluxo de produtos e pessoas que chegavam à capital. Seus interesses, acima de tudo, almejavam estabelecer um tipo de controle social. Para Sebastião Rogério Ponte:

[...] esse modelo de traçado urbano foi utilizado desde Alexandre, o Grande, passando por colonizadores romanos, ingleses e espanhóis nas cidades de seus respectivos impérios, como também nas “vilas novas” do fim do período imperial. Concebido para fins de dominação e ordenamento da expansão urbana, o mesmo corrigia becos, desvios e ruas desalinhadas que facilitavam a ocorrência de motins urbanos, substituindo-os por vias alinhadas, longas e cruzadas em ângulos de 90° que favoreciam a vigília do poder sobre as cidades (PONTE, 1993, p.27 apud FARIAS, Airton, 2012, p.181).

Retomo este plano porque apesar de sua notoriedade ser reconhecida, Herbster não havia considerado Fortaleza como uma cidade marítima, com um litoral capaz de ser ocupado e urbanizado pelas pessoas como espaço de lazer. O mar, para ele, era visto apenas como local de porto e de trabalho. Não mais do que isso (LINHARES, 1992).

Linhares retoma outro plano, que apesar de não ter sido implantado, teve sua importância por justamente retratar que nossa área litorânea não tinha a relevância que goza atualmente. E que sequer vislumbrava-se isso. Trata-se do Plano Nestor Figueiredo de 1933 que foi inspirado em Le Corbusier cujos objetivos eram os de “implantação de um sistema rádio-concêntrico de vias principais, através de ruas periféricas, e o alargamento das vias radiais” (*idem, ibidem*, p.198).

Tal modelo, de inspiração corbusiana, já havia sido implantado na cidade do Rio de Janeiro, que bastante cedo teve sua imagem atrelada às suas praias cariocas. De acordo com Linhares (1992) esta foi “a primeira grande teoria urbana no país, onde a modernidade incorporava à noção de progresso uma nova idéia de natureza” (p.199), que em Fortaleza poderia ter privilegiado a zona leste da capital do Ceará. No entanto, para o autor, isso aconteceria “naturalmente” fazendo desta

parte da capital alencarina “lugar de residência e de lazer das camadas mais ricas” (p.199).

Seria somente em 1962 que Fortaleza finalmente voltar-se-ia para o mar, com a construção da Avenida Beira-Mar: “seguindo recomendações do Plano Diretor de Fortaleza, realizado por uma equipe coordenada pelo urbanista Hélio Modesto, o então prefeito, Coronel Manuel Cordeiro Neto, resolve construir a Avenida Beira-Mar” (*idem, ibidem*, p.205). E “no início da década de 70, a paisagem urbana tipicamente litorânea já está formada” (*idem, ibidem*, p.207), com as antigas chácaras e mansões dando espaço a prédios, cuja imagem turística de cidade sol é construída.

Convêm destacar que tal imagem é fruto de parcerias estatais com iniciativas privadas, os empreendedores turísticos, que ao adotarem uma política de *markentig* na formação dessa imagem da capital alencarina tiveram como objetivo valorizar a zona costeira do estado (falésias, dunas e especificamente as praias) (SILVA, Regina, 2018).

## 2.1 A valorização das praias

Sair de casa em direção à praia, chegar lá e estender uma canga na areia ou sentar-se em alguma cadeira disponível, para tomar sol, beber uma água de coco. Uma prática tão rotineira, ainda mais para quem vive em cidades com lindas praias, como é o caso de Fortaleza, tende a ser pensada como algo dado, naturalizado. No entanto, assim como outros espaços de uma cidade, uma praia também é uma invenção humana. Conforme Risério (2004):

Uma coisa é a linha do litoral. O lugar onde a areia e a onda se limitam. Outra coisa é a praia, como a concebemos. A praia se define no momento em que a linha litorânea, o recorte espacial que reúne ou aproxima ou envolve areia e água, ganha um determinado sentido social. Isto é: no momento em que tal limite relativamente instável se converte em território para o exercício de uma determinada forma de socialidade. [...] O que significa que, mais que acidente geográfico ou dádiva ecológica, a praia é uma invenção humana. Uma criação histórica e cultural (RISÉRIO, 2004, p. 474).

Ora, se ela é uma criação histórica e cultural podemos retomar sua história ao longo dos anos. E veremos que “o litoral por sua vez não se prestou,

durante muito tempo, ao processo de ocupação e organização do espaço (DANTAS, 2002)".

Corbin (1989) em "O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental" aponta que os usos das praias teriam começado em meados do século XVII, consolidando-se entre os séculos XVIII e XIX. De acordo com o autor francês, tais mudanças teriam ocorrido após as relações com os espaços à beira-mar terem estabelecido outros significados para as pessoas. Significados influenciados pelo avanço da ciência oceanográfica e da navegação, a influência da Teologia Natural francesa, e, também, com o início das viagens pelo mediterrâneo com o propósito de entreter os viajantes.

Para tal pesquisa, Corbin retoma pinturas, romances, poesias, diários, relatos de viagens, tratados de medicina e obras religiosas para pensar sobre o que ele chama de "a invenção da praia".

Uma destas influências, a Teologia Natural, teve uma relevância primordial, pois ela tornou possível a eliminação das imagens repulsivas, que eram atreladas às criaturas que poderiam ter o mar como moradia. Esta Teologia, ao estabelecer Deus como criador de todas as coisas e o homem como receptor das obras divinas, assenta que a natureza foi formada para ser admirada.

Conforme Andrade (2015):

O surgimento da teologia natural, na França e da físico-teologia na Inglaterra, já no final do século XVII, reforçou o rompimento com as barreiras diluvianas, apresentando uma nova maneira de contemplar a costa litorânea. Para ambas as teorias, o dilúvio passou a ser encarado como um mal que fosse necessário para a transformação da Terra. A praia e o mar começaram a ser apreciados como espaços naturais que refletiam a perfeição da obra divina. Os elementos que compunham o litoral passaram a ter ordenação e sentido nesta perspectiva teológica, que busca a disciplina do olhar para a observação e contemplação da natureza, como obra do criador (ANDRADE, 2015, p.27).

Ou seja, há uma mudança de imaginário para *a posteriori* haver uma transformação das práticas que darão vida a lugares anteriormente esquecidos. Como veremos a diante, o mesmo ocorreu na cidade de Fortaleza, e mais precisamente na Praia de Iracema.

No século XVIII, o litoral passa a ser lugar privilegiado de distanciamento das cidades grandes que estavam em processo de formação. E é neste período que:

[...] os médicos começaram a recomendar a aproximação com o mar para tratamentos terapêuticos (inicialmente sem indicação dos banhos, ou seja,

sem o contato com a água) e, assim, aliava-se este espaço de cura física e mental ao momento de descanso e deleite da paisagem, transformando o sentimento de medo e pavor em um desejo de contemplação da natureza. Assim, os espaços litorâneos deixavam de ser de uso livre como âmbito de trabalho, provisão de alimentos e lugar de embarque e desembarque de pescadores, passando a ser apreciados pela alta aristocracia e posteriormente pela burguesia, transformando-se em espaço a ser frequentado tanto para os banhos<sup>18</sup> como para caminhadas, cavalgadas e temporadas – verdadeiros efeitos indicadores de moda e da “invenção da praia” (ANDRADE, 2015, p.25-26).

O autor ainda afirma que estes novos hábitos foram responsáveis por grandes mudanças. Apesar de ser realizado pela burguesia, esta convivia, nos espaços à beira-mar com os seus subalternos, além dos trabalhadores do mar. Ou seja, enquanto espaço público, estar na praia acionou, desde o século XVIII, convívio com pessoas diferentes, mesmo que uma parcela deste público não fosse afeito à isso.

É no século XIX que o banho de mar deixa de ser utilizado apenas para fins terapêuticos e passa a se constituir como uma prática de lazer.

Ainda segundo Andrade (2015) até o começo do século XX, os banhos nos mares concentravam-se ou no período da manhã ou no período do final da tarde, para evitar os efeitos nocivos do sol, e principalmente a cor bronzeada, atrelada, naquele tempo, às pessoas que trabalhavam debaixo do sol “sendo o padrão de elegância vigente ter a pele clara, branca” (p.33).

Andrade retomando os autores Leria Lencek e Gideon Bosker (1998), em seu estudo histórico sobre a praia, afirma que estes apontaram que seria nos anos da década de 1920 que o “pegar sol” ou “tomar sol” seriam motivos para o estar na praia. De acordo com ele:

[...] os autores afirmam que os impactos causados pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), constituíram um fator de estímulo para esta nova prática. Em meio à guerra, os soldados imobilizados por trás das trincheiras sonhavam com o calor dos paraísos tropicais, que apareciam nas revistas e nos cartões postais que circulavam naquele momento. Diante da visão dos milhares de corpos dilacerados e mutilados na batalha, a reação foi, por contraste, uma valorização da juventude, da saúde e da natureza. A exibição dos corpos, jovens e saudáveis, fortalecidos pela prática dos esportes ao ar livre, simbolizava o esforço de renovação que a humanidade buscava. Esta nova noção acarretaria tanto numa mudança nos modos de se vestir – o corpo agora deveria ser mostrado, exibido, proclamado – quanto na busca do contato com a natureza. Daí a procura da praia e da cor

---

<sup>18</sup> Conforme Andrade (2015), os banhos não se davam sem orientações e sem disciplina. Havia todo um ritual para que ele assim fosse feito, além do controle de quais vestimentas seriam adequadas para tais práticas.

bronzeada como símbolo desta vida tão desejada, algo que ainda hoje é valorizado por aqueles frequentam a praia. Outro aspecto importante deste fenômeno diz respeito ao tempo de permanência (ANDRADE, 2015, p.33).

Ora: “à medida que a praia começa a ser frequentada na altura do dia em que o “quente” se sobrepõe ao “frio”, chega-se mais tarde à praia, permanece-se mais tempo e desenvolvem-se outras atividades além do banho de mar” o que faz com que a praia seja cada vez mais compreendida como “um espaço de convívio, de alegria, de lazer” (MACHADO, Helena, 2000, p. 213). De outro modo, atualmente, “os espaços litorâneos são espaços das relações” (ARAÚJO, 2013, p.7). Destarte, o estar na Praia dos *Crush* que poderemos ver em seguida, é fruto de todas essas transformações que sofreu os espaços à beira-mar.

Já no Brasil, os primeiros usos dos espaços à beira-mar ocorriam pelos mais desfavorecidos. Segundo Risério (2004):

Escravos e libertos pobres também pescavam e mariscavam para sobreviver, o que, inevitavelmente, se traduzia em intimidade com a beira do mar. Mas o litoral não funcionaria apenas como lugar de onde extrair alimentos – e sim, também, como espaço para o banho higiênico, tiradas recreativas e até para encontros amorosos. O próprio fato de escravos, libertos e pessoas livres pobres não terem, em suas habitações, espaço reservado para o banho higiênico, conduzia-os a se banhar em rios, lagoas, fontes e águas marinhas (RISÉRIO, 2004, p. 475).

Ou seja, antes das elites brasileiras praticarem os banhos de mar, já que foram influenciados pelo que vinha da Europa, os espaços à beira-mar já faziam parte da vida dos menos favorecidos. A autora continua:

Houve assim um período, na história de nossas elites, em que o litoral deixou de ter existência estética ou paisagística. Quando o assunto era paisagem nacional, o que vinha à baila eram lagos, florestas, cachoeiras, bosques, montanhas, celebrações do céu azul e das noites estreladas. Foi nesse contexto que nasceu Petrópolis, a corte brasileira voltando as costas à praia tropical, aos incômodos do Rio de Janeiro, cidade mestiça, escravista, ensolarada e marítima. Petrópolis foi a busca de uma vida elegante e civilizada serra acima, longe do mar. É a cultura de uma época e de uma classe que aí se manifestam (*idem, ibidem*, p. 477).

Da mesma maneira que no Rio de Janeiro, Fortaleza também passou bastante tempo de costas para o mar. Seu crescimento foi voltado para o sertão; as zonas das praias eram tidas como os locais de escoamento dos esgotos da cidade, além de ser local de moradia e trabalho das classes mais pobres, predominantemente pescadores, descendentes de indígenas, de escravos (SILVA, Daniele, 2012).

Será apenas com a prática de banhos terapêuticos, assim como ocorrera na Europa, que esses espaços começarão a ser utilizados por uma elite fortalezense, e conseqüentemente disputados. A partir de 1930 soma-se a isso o desejo destes mesmos agrupamentos de se afastar do centro da cidade, que estaria tornando-se cada vez mais um local de comércio (LINHARES, 1992). Vemos, então, uma série de práticas de lazer que terão nas praias os seus pontos de encontro, e conseqüentemente, sua valorização não apenas como lugar de convivência, mas também imobiliária.

Nos anos 1970, após a construção da Avenida Beira-Mar, formam-se outras relações com a área litorânea da capital alencarina, com os nossos verdes mares sendo identificados como constituintes de nossa cultura, dando subsídios para que Linhares (*ibidem*) afirme que “o espaço litorâneo da cidade é o meio que “fornece sentido” à nossa cultura, pois ele suscita uma interminável recorrência própria da cultura, um incessante retorno das coisas sobre elas mesmas, das pessoas sobre os lugares” (p.254). Ou seja, “a cultura do lazer à beira mar foi incorporada no imaginário coletivo das cidades litorâneas brasileiras, através das transformações do espaço ao longo do tempo” (SILVA, Regina, 2018, p.76).

No que diz respeito à Fortaleza, a urbanização trouxe para o espaço das praias fortalezenses uma diversidade de usos. Elas são usadas como lugares de encontro, de consumo, de eventos. Tornando-se palcos, quadras, praças, com estes espaços tornando-se mais do que objeto de contemplação (SILVA, Regina, 2018). É o que veremos em relação à PDC; Ela tornou-se festa ao ar-livre, ponto de encontro para a realização de eventos de cunho político.

## **2.2 Historicizando as práticas de lazer na capital alencarina**

Entre cinemas, praças, praias, clubes as formas de lazer de Fortaleza mudaram ao longo dos anos, o que torna possível retomar algumas destas práticas a partir da história da cidade. Ora, os significados atribuídos a estas práticas foram muitos e diversos ao longo dos séculos. Durante a idade média, por exemplo, devido à forte influência que a Igreja tinha na vida da maior parte da população, tanto o lazer como o seu “oposto”, o trabalho, eram objetos de pensamento e de normas. Enquanto o trabalho era visto como padecimento, sacrifício, os momentos de não

trabalho deveriam estar preocupados com a busca da paz e da purificação. Nesse sentido, aquilo que hoje atribuímos às práticas de lazer, tais como festas, jogos e espetáculos eram tidos como perigosos nessa busca de purificação e paz, e, portanto condenados (PONTES, 2005).

Posteriormente, na idade moderna, principalmente após o desenvolvimento das práticas produtivas, isto é, nas origens da Revolução Industrial, tanto o trabalho quando o lazer passam a ser pensados diferentemente, tendo em vista que

[...] o ato de trabalhar passou a ser associado a algo penoso, rotineiro, obrigatório e alienante onde não se podiam exercer a criatividade e a iniciativa. Os únicos momentos de real prazer seriam, portanto, aqueles do tempo não trabalhado. Nesse contexto, o lazer seria a quebra de rotina, associado à realização, à iniciativa, à fuga dos problemas, à compensação das frustrações, à recuperação das energias e à criatividade (PONTES, 2005, p.100).

Seria depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), principalmente após a difusão de um “suposto clima de liberdade e da possibilidade de extravasamento de repressões contidas” que ao lazer seriam atribuídos sentidos culturais, principalmente aqueles alicerçados “na busca do prazer estimulado pelo desejo e pela fantasia” (PONTES, 2005, p.101). Ou seja, percepções mais próximas do que compreendemos como lazer atualmente.

Destarte, O conceito de lazer do qual me aproprio é o de Joffre Dumazedier. O autor, um dos clássicos para pensarmos os momentos de lazer, esforçou-se por desenvolver uma sociologia do lazer que não fosse apenas pensada com referência ao seu “oposto”, através de uma sociologia do trabalho. Para ele, o lazer possuiria quatro características principais: ele é desinteressado, hedonista, pessoal e liberatório, além de também estar centrado em três funções especiais: divertimento, desenvolvimento e relaxamento. Entendendo que “o estudo do lazer constitui uma verdadeira introdução ao conhecimento da vida cotidiana”. (DUMAZEDIER, 1974). São nesses traços que centrarei a forma como penso o lazer. Somo a essas concepções que

As escolhas por quaisquer tipos de lazer não se dão somente ao nível pessoal. Como o homem vive em sociedade, elas também se processam em função do que é valorizado pelo grupo sociocultural, pois além de ser um fator de maior produtividade porque restaura as forças do indivíduo libertando-o do stress, o lazer é também elemento de integração do ser humano individual em uma coletividade, por facilitar contatos em clima de espontaneidade e alegria (PONTES, 2005, p.102).

Ou seja, o lazer não pressupõe apenas a uma necessidade individual, mas é objeto de coletividade, do estar em grupo. Nesse sentido, os jovens da PDC tanto requerem o que eles chamam de “descanso após uma semana cheia”<sup>19</sup> quanto querem estar lá pela necessidade de integração, pela necessidade do estar junto.

Retomando Pontes (2005), a historiadora afirma que foi entre finais do séc. XIX e princípios do séc. XX que uma série de “obras e espaços públicos destinados ao lazer seriam implementados em Fortaleza, na esteira do processo de “modernização” e reformas urbanas pelo qual passou a cidade” (p.105). Este período foi impregnado pela influência do movimento Belle Époque.

Para Ponte (2004) a Belle Époque, iniciada em Fortaleza a partir de 1860 e que entraria em declínio após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) ensejou, a partir do desejo de seguir um modelo europeu de modernização da urbe, tal qual observava-se em Paris, grandes mudanças que não foram apenas de ordem política, econômica e urbana “como também afetou profundamente o cotidiano e a subjetividade das pessoas, alterando seus comportamentos e condutas, seus modos de perceber e de sentir” (*idem, ibidem*, p.163).

É conhecido o caso de Bembém Garapeira. Bembém era um popular vendedor de caldo de cana no Mercado de Ferro, atual Mercado dos Pinhões. Como estava no meio da onda de afrancesamento, decidiu poupar dinheiro e viajar para Paris para enfim ver de perto aquilo que tanto se dizia da cidade que servia de inspiração à Fortaleza. O relato do vendedor, apresentado por Otacílio de Azevedo, após retornar da França, revela o quanto ele ficou maravilhado com o que havia encontrado:

“Aquilo que é cidade! [...] No hotel onde me hospedei fui obrigado a escrever meu nome. Como a língua era outra, escrevi: “Bien-Bien” e mais embaixo, “Garapière”. [...] Lá eu só andava com um homem chamado Cicerone, que sabia português como eu. Terra adiantada aquela: todo mundo falando francês, até mesmo os carregadores chapeados, as mulheres do povo e as crianças”. Bembém não se cansava de falar da Fornaça e completava declarando que lá a única palavra que ouvia em português fora “mercibocu”. (AZEVEDO, 1983, p.155-156 apud PONTE, 2004, p.173).

Embora o autor não deixe claro se Bembém estaria falando sério ou se estava sendo apenas irônico, o fato é que “ao mesmo tempo que comprova um afrancesamento epidêmico na cidade, seu relato satiriza-o e acaba por denunciar

---

<sup>19</sup> Trecho de entrevista com Gabriela, realizada no dia 09 de abril de 2019.

algo de podre no reino daquela modernização adotada pelos notáveis de Fortaleza” (PONTE, 2004, p.174), pois com as reformas provenientes da Belle Époque, particularmente a construção de largas avenidas, a formação de espaços de socialização como os cafés, também começava a surgir o desejo de “civilizar” e “domesticar” a grande massa populacional, principalmente aqueles que não se encaixavam nos padrões estabelecidos por uma elite.

Eram “excluídos” da parte central da cidade idosos, loucos e meretrizes, pois eram vistos como ameaças à saúde e à segurança pública. Ora, a partir disso podemos afirmar que não é de hoje esta repulsa direcionada àqueles que não se inserem por não possuírem estéticas, comportamentos que foram anteriormente definidos como os “certos” por uma fatia populacional que persegue símbolos de distinção, que busca, a quaisquer custos, uma superioridade em relação à massa da população.

O passeio público, por exemplo, era dividido em três planos, o primeiro, mais embelezado, embebecido pelo movimento Belle Époque, era destinado às elites, enquanto que os dois outros planos, mais simples, eram ocupados pelas classes médias e pobres, respectivamente (PONTE, 2004).

Figura 6 – Passeio Público em 1908



Fonte: Fortaleza Nobre.

A principal área de lazer e sociabilidade de Fortaleza no final do século XIX e início do seguinte, e que servia também de vitrina para o desfile da elegância civilizada europeia, era o Passeio Público. Zelosamente cuidado e bastante arejado, com ampla vista para o mar, fora inaugurado em 1880 (e ampliado depois), constituindo-se verdadeiro cartão de visitas da cidade [...] O passeio público contava com bancos, canteiros, jardins, réplicas de esculturas clássicas e três planos ou avenidas – uma para o gozo da elite (o Passeio propriamente dito, batizado de Avenida Caio Prado), a segunda para as classes médias (denominada Carapinima, sem nenhum embelezamento e que virou campo de futebol no início do século XX) e uma terceira para os populares (Padre Mororó, muito arborizada, com aspecto de sítio) [...] Embora não fosse proibido a um indivíduo transitar entre os planos do Passeio, as questões de classe e de cultura se impunham na divisão espacial e nos contatos – uma pessoa de menos recursos não tinha as roupas chiques, o ar elegante, a refinada educação ou a amizade de alguém dos setores mais abastados. Então, o normal era que ficasse na sua avenida, com seus iguais, conforme o código social da época, especialmente das elites – o que não quer dizer que não ocorresse de pessoa menos abastada igualmente frequentar o primeiro plano (FARIAS, Airtón, 2012, p.182).

Destarte, os processos de distinção não ocorriam sem conflitos, era comum a presença daqueles “que por meio da irreverência, da galhofa, do deboche

ou mesmo da vaia faziam as devidas críticas a tais segregações” (PONTE, 2004, p. 185). Estes grupos dariam origem ao epíteto Ceará Moleque<sup>20</sup>.

Outro espaço famoso à época era a Praça do Ferreira, localizada no centro da cidade. Assim como o Passeio Público, a praça não era compartilhada de forma igualitária. Por exemplo, o jardim Sete de Setembro, era o recinto da elite cearense. Na Praça de Ferreira se concentrava muitos bares e cafés (PONTES, 2005).

Conforme Airton de Farias (2012) no último quartel do século XIX, a praça ganhou quatro quiosques de madeira (demolidos em 1920), “os quais serviam de ponto de encontro para os boêmios, intelectuais e políticos. Desses quiosques, o mais famoso foi o “Café Java”, pertencente a Mané Coco e onde, em 1892, seria fundada a célebre Padaria Espiritual<sup>21</sup>” (p.183).

Segundo Daniele Silva (2012), a Praça do Ferreira foi um recinto daquilo que foi chamado de boemia cearense, que *à posteriori*, com a valorização do litoral na capital, esta alcunha seria endereçada à Praia de Iracema. A praça era movimentadíssima à noite, point para aqueles que trabalhavam nos seus arredores, tais como os jornalistas, que “após fechamento das redações, para lá se encaminhavam de modo a participar das conversas e colocar os presentes a par das notícias e mexericos da cidade” (*idem, ibidem*, p.61).

---

<sup>20</sup> Expressão utilizada para afirmar certa tendência que teriam os cearenses para o humor. Desde o século XIX tornou-se recorrente em Surgida recorrente em narrativas, textos, romances sobre o Ceará. Sua primeira aparição se deu na obra literária A Normalista, de Adolfo Caminha, publicado em 1893. Atualmente, é utilizada para atrair turistas, fazendo uma forte relação entre a alcunha e os comediantes da cidade (SECUNDO; ACSELRAD, 2009).

<sup>21</sup> A Padaria Espiritual foi um grêmio literário formado por Antônio Sales em 1892. Com vários jovens intelectuais, dentre eles, Ulisses Bezerra, Sabino Batista, Tibúrcio de Freires, Álvaro Martins, Lopes Filho, criticavam a sociedade burguesa cearense. Ficava proibido aos membros, os padeiros, como eram chamados: “recitar ao piano, escrever nas folhas mais ou menos perfumadas dos álbuns, usar o tom oratório, sob pena de vaia. Era-lhes vedado ainda o emprego de palavras estranhas à língua vernácula, dizendo ainda o artigo 21 que se julgava indigna de publicidade qualquer peça literária em que se fale de animais e plantas estranhas à fauna brasileira – esse nacionalismo contrariava frontalmente o estrangeirismo da belle époque” (FARIAS, Airton, 2012, p.165). Em 1898 ela desmanchou-se pelo próprio desinteresse de seus membros.

Figura 7 – Praça do Ferreira em 1920.



Fonte: Ceará Nordeste.

A ida ao cinema e o entendimento deste como um espaço de lazer foi difundido em Fortaleza entre o final do século XIX e início do XX. A primeira sessão pública de cinema data do dia 28 de dezembro de 1895, na cidade de Paris, organizada pelos irmãos Auguste (1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948). De acordo com Neves (2018) será somente com os empreendimentos de Severiano Ribeiro que o acesso ao cinema será mais organizado, saindo da precariedade no qual encontrava-se logo no começo de sua aparição em solo fortalezense.

Foi com ele [Severiano Ribeiro] que as salas passaram a funcionar em sistema de “arrendamento”, por um período mínimo de cinco anos, pagando-se ao proprietário uma renda fixa, as salas ganhavam um espaço fixo, com uma programação pré-estabelecida, o que contribuía para a criação de uma regularidade importante para a formação de públicos e plateias. Era uma forma de organização administrativa do negócio até então inexistente. A partir daí, surgem alguns dos cinemas mais importantes da cidade, tais como o Polytheama (1911), Majestic-Palace (1917) (ver imagens 7 e 8), Moderno (1921), Cine Diogo (1940), Cine Ventura (1941), entre outros (NEVES, 2018, p.30)

Assim como a Praça do Ferreira, o Passeio Público, os cinemas também eram espaços de segregação, até porque não eram todos aqueles que podiam pagar a entrada, e se pudessem havia uma série de condutas, códigos de ação que deveriam ser adotados nas salas de exibição. Ainda conforme Neves, os cinemas

“populares” só irão surgir na década de 1930. O mais famoso destes foi o Cine Luz, que aglutinava pessoas mais humildes, e que funcionava na atual Praça da Estação, no cruzamento das ruas General Sampaio e Castro Silva.

Figura 8 – Cine Theatro Majestic Palace na década de 1920.



Fonte: Fortaleza Nobre.

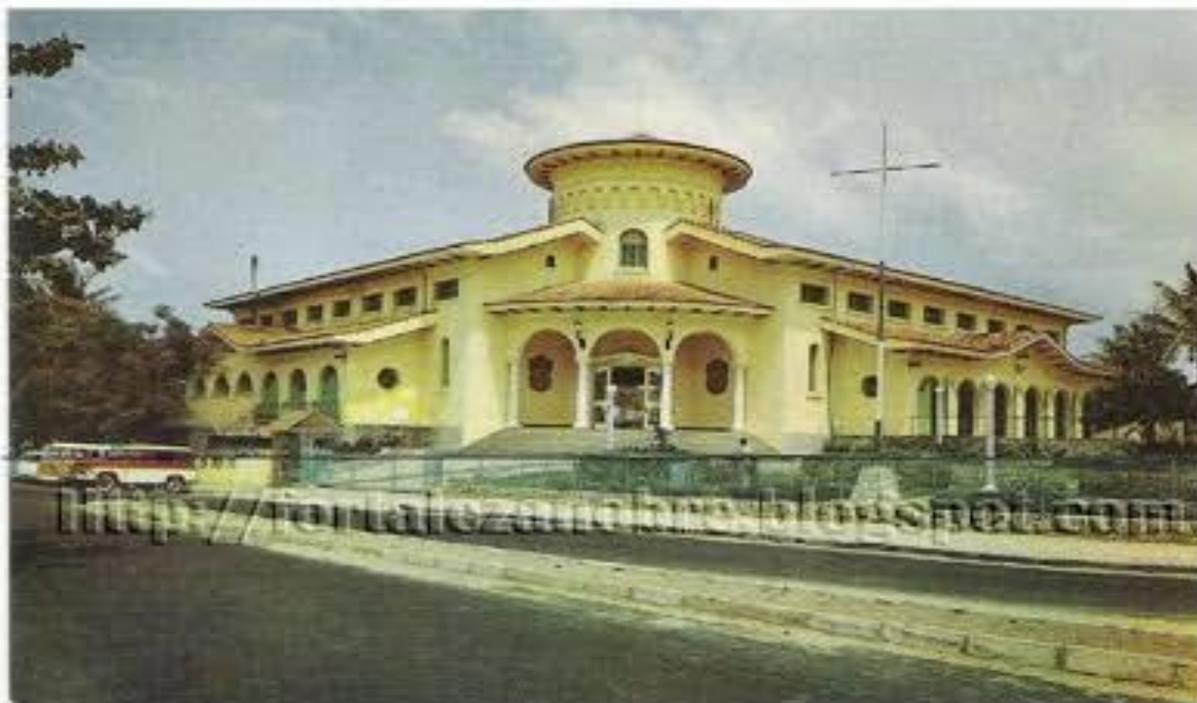
Consonante Albertina Pontes (2005) foi por conta da fama da Praça do Ferreira, como coração pulsante onde se concentrava a sociabilidade da população, com cinemas, cafés, comércio, e com o “burburinho” que só crescia, que alguns setores mais elitistas da cidade passaram a requerer lugares “mais restritos, tranquilos, com mais estrutura, que levem para longe os “indesejados”, que segreguem, em relação aos “diferentes” e congreguem, em relação aos pares, ao

mesmo tempo” (p.67) que surgirão os clubes, espaços de sociabilidade, de convivência entre iguais, para ver e serem vistos. Entre o período 1950-1960 eles vão predominar como outra opção de lazer de Fortaleza, principalmente para as camadas mais ricas na zona leste, que passa a ser espaço privilegiada de convivência entre esses segmentos.

Em 1960 começa a surgir os clubes “suburbanos”, dentre eles “o SECAI – Sociedade Esportiva Arco-Íris (no Pirambu), o Vila União, o Clube Recreativo Tiradentes (na Parquelândia), o Tiro e Linha (no Jardim América), o Quintandinha, o Grêmio dos Ferroviários (Av. Francisco Sá), o Romeu Martins (na Itaoca)” (*idem, ibidem*, p.141). Todos esses em zonas geográficas menos privilegiadas.

Um dos mais difundidos clubes da época foi o Náutico Atlético Cearense (NAC) que embora tenha sido fundado em 1929, só se tornaria uma “sensação” com a inauguração de uma sede no Meireles em 1950, já que os jovens da cidade pensavam que ao se tornarem sócios do clubes estariam mais próximos das praias. (PONTES, 2005).

Figura 9 – Clube Náutico em 1950 já na sede do Meireles



Fonte: Fortaleza Nobre.

Com a consolidação das áreas litorâneas como espaços de lazer, passa a haver, por parte dos segmentos que antes as queriam para o seu deleite, uma série de condenações em relação àqueles que apesar de serem excluídos destes espaços, teimavam em ocupá-los. Conforme Jucá (2004) “a presença de pobres nas praias e festas públicas, espaços frequentados pelas pessoas de “boa família”, era, por exemplo, associada à irresponsabilidade e à falta de decência” (p. 192). Além de que os discursos Institucionais, como a Secretaria de Segurança Pública, também comungavam destes pensamentos, que com o rigor policial reprimiam os “vagabundos” das classes inferiores.

Retomo um pouco das opções de lazer da cidade de Fortaleza ao longo dos anos para esclarecer que não é de hoje a existência de lugares na capital alencarina que ao oferecem opções de lazer também discriminam os mais pobres, negros, moradores de áreas que não são privilegiadas. Ou seja, o fenômeno da Praia dos *Crush*, inserido em uma das áreas mais conhecidas da cidade de Fortaleza, cartão-postal da cidade, mostra-nos que estas pessoas continuam resistindo na luta por espaços de interação, na luta por um direito à cidade.

### 3 A PRAIA DOS CRUSH ENTRE O ADEUS E A BOEMIA DA PRAIA DE IRACEMA<sup>22</sup>

Adeus, adeus,  
 Só o nome ficou  
 Adeus Praia de Iracema  
 Praia dos amores  
 Que o mar carregou  
 Quando a lua te procura  
 Também sente saudades  
 Do tempo que passou  
 De um casal apaixonado  
 Entre beijos e abraços, que tanta coisa jurou  
 Mas a causa do fracasso  
 Foi o mar enciumado  
 Que da praia se vingou  
 Adeus, adeus,  
 Só o nome ficou  
 Adeus praia de iracema  
 Praia dos amores  
 Que o mar carregou  
 (Luiz Assumpção, 1954).

Não tem-se dúvida de quanto o bairro Praia de Iracema, um dos menores da cidade de Fortaleza, localizado na Regional II, é um dos cartões-portais da cidade e parada obrigatória para os que visam conhecer a capital do Ceará. Além disso, o bairro também recebe, a cada dia, o público local de diferentes partes da *urbe*.

Nesse sentido, a PI é vista como “um espaço condensador de imagens de Fortaleza, tanto pelo que guarda da memória da cidade, como pelas radicais transformações no uso e na ocupação do seu território, sobretudo nas duas últimas décadas” (GONDIM, 2001, P.13).

Fundada a partir de uma aldeia de pescadores, conhecida como Porto das Jangadas, Praia do Peixe ou Grauçá muitas foram as metamorfoses sofridas ao

---

<sup>22</sup> Parte do título do capítulo teve como inspiração da tese de doutoramento de Roselane Bezerra (2008) que é: “O bairro Praia de Iracema entre o “adeus” e a “boemia”: usos, apropriações e representações de um espaço urbano”.

longo dos anos. A partir da importância atribuída ao mar, a Praia de Iracema é “descoberta”, o bairro é apropriado pela elite econômica de Fortaleza e as representações de um lugar encantador e bucólico são alguns dos adjetivos que passarão a ser usados para a descrição da PI. Quando o mar é palco de uma série de sociabilidades e de moraria dessas pessoas, estas mesmas “pessoas de bem” passam a reclamar aquele espaço, condenando a presença daqueles que não possuem a mesma “relevância” que elas, ou seja, os mais pobres, e que no momento em que estes compartilhassem com aqueles o mesmo espaço significaria certa irresponsabilidade do governo (DANTAS, 2002; PONTES, 2005).

Habitar um lugar que era conhecido como Praia do Peixe (já que esta dominação, dentre as outras que mencionei, foi a mais marcante) não *se era lá bem visto*. Nesse sentido, moradores, apoiados pela imprensa local resolvem trocar o nome do bairro para Praia de Iracema. O primeiro passo foi a construção de uma estátua em homenagem à “virgem dos lábios de mel” e em seguida um abaixo-assinado direcionado ao então prefeito, Goldofredo Maciel, para que assim a mudança fosse feita (BEZERRA, 2008). Escreveram “Solicitamos que mude a denominação imprópria e vulgar por que é conhecido aquelle encantador trecho de Fortaleza para a de Praia de Iracema” (Revista Ceará Ilustrado, nº. 13, 5 de outubro de 1924 apud BEZERRA, 2008, p. 36). E assim se deu umas das primeiras disputas que acarretou na mudança de nome do bairro. Dava-se início a uma série de transformações e representações a partir dali.

Os meios de comunicação participaram efetivamente da criação e reprodução da Praia de Iracema, nos meados dos anos 20 do século passado, como “um lugar de hábitos e sociabilidades selectos” e “caracterizando os usos e apropriações das elites como legítimos para aquele espaço da cidade” (BEZERRA, 2008, p.36).

Figura 10 – Praia de Iracema na década de 1930



Fonte: Fortaleza Nobre.

Em 1940 são forjadas novas representações, principalmente após erosões em virtude do avanço do mar, ocasionado pela construção do porto do Mucuripe. Tida como uma “tragédia anunciada” (PONTES, 2005) ela levou consigo os famosos “*bungalows*” onde residia a elite cearense, que são praticamente destruídos, surgindo assim a narrativa do “fim” da PI. De acordo Bezerra (2008) a canção com a qual iniciei este capítulo, produzida após esse “fim” tornou-se o mito fundador que baseia a “degradação” da Praia de Iracema fazendo com que o “adeus” à ela se constituísse enquanto uma parte bastante significativa (e sofrida) da história oral e documental, da memória coletiva sobre o bairro.

Após esse episódio, há uma saída parcial das classes mais abastadas para o bairro do Meireles, que fica ao lado do bairro da Praia de Iracema, o que faz com que embora eles tenham saído da PI, eles ainda possam usufruir dos espaços litorâneos em nome do lazer (SILVA, Regina, 2018).

Figura 11 – “Bangalow” destruído na década de 1940.



Fonte: Arquivo Nirez.

Outro termo, além do *adeus*, constituiu-se:

Antagônica às classificações da Praia de Iracema por meio do *adeus*, a *boemia* é outro ícone de visibilidade social deste bairro, sendo utilizada recorrentemente em imagens e discursos para justificar a sua importância na cidade. Neste sentido, a *boemia* é também associada à tradição e ao lazer, pois o bairro é referenciado em crônicas, artigos jornalísticos e trabalhos acadêmicos como “reduto de artistas e intelectuais”, “cartão postal” da cidade ou “lugar tradicional”, “bucólico” e “boêmia”, ou mesmo como cenário “lítero-etílico-cultural” (BEZERRA, 2008, p.43).

Daniele Silva (2012) em sua pesquisa sobre a boemia na cidade de Fortaleza, em que lidava com diversos personagens boêmios (músicos, poetas, jornalistas, publicitários, arquitetos etc.) objetivou pensar de quais formas esses personagens, durante o período de 1964 até 1979 integraram um modo de vida boêmio. De acordo com a autora, a boemia é uma categoria moderna, que desponta no final do século XIX e início do século XX. Este modo de vida implicava condutas intermediárias, de permissividade, de desvios de condutas. Em contextos mais recentes, esta palavra estaria atrelada, principalmente, a uma certa áurea romântica e idealizada.

Admitindo que em Fortaleza esta palavra teria sido usada de formas diferentes, seja pelos interlocutores de sua pesquisa seja nos discursos

institucionais, tornou-se comum a concordância de que alguns lugares das cidade de Fortaleza eram “redutos boêmios”. Seria o caso do bairro Praia de Iracema, passando a ser visto como um patrimônio cultural, um bairro tradicional, ponto de encontro de uma intelectualidade.

Consonante Daniele Silva (2012), esta imagem foi se construindo porque embora inicialmente a PI ainda não concentrasse os bares e os locais de encontro desses personagens, começou-se por “esticar”, “deslizar-se” até o espaço litorâneo da PI. Segundo a autora, na década de 1960 a PI ainda era pouco habitada, cujos principais habitantes ainda eram os pescadores.

Os boêmios, a partir da frequência mais assídua ao Estoril, que se tornaria na década 1970 um ponto privilegiado de encontro para essas pessoas, eram de início tachados como maconheiros, transviados, putas e comunistas. O que nos faz pensar que a PI tem, historicamente, presenças que não são bem aceitas pelo resto da população. Ou seja, um lugar privilegiado para a sociabilidade de outsiders (SILVA, Daniele, 2012). Na década seguinte, esses mesmos boêmios passam então a ter seu uso legitimado daquele território, o que faz com que em 1990 o bairro Praia de Iracema finalmente receba o “atributo boêmio como qualificador de seu perfil. A Praia de Iracema transforma-se no reduto bucólico e tradicional da boemia cearense” (*idem, ibidem*, p.44).

Durante a década de 1980 a PI foi a *menina dos olhos* de projetos de desenvolvimento econômico e disputas políticas entre os governos estadual e municipal<sup>23</sup> que objetivavam transformar a PI em polo turístico.

Na busca de um desenvolvimento econômico para o Estado do Ceará, Tasso Jereissati, à frente do governo estadual, inicia na sua primeira gestão (1987-1990) uma reforma administrativa com objetivo de modernizar o Estado e desenvolver o turismo local. Essa política teve continuidade no governo de Ciro Gomes (1991-1993), seu aliado político, e no seu segundo e terceiro mandatos (1994-1998 e 1992-2002). Com o objetivo de construir uma imagem do Ceará como um Estado moderno, foi implantada uma política industrial mediante concessão de incentivos fiscais e investimentos em infra-estrutura de transporte, recursos hídricos e educação. [...] Como parte desse modelo administrativo, que planeja a atividade turística nos moldes empresariais, foram construídos um terminal internacional para o aeroporto, rodovias ligando Fortaleza às praias do litoral Leste e Oeste, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, além da reforma das Pontes do Ingleses, na Praia de Iracema (BEZERRA, 2008, p.45).

---

<sup>23</sup> Para entender melhor essa disputa, ver *Imagem da cidade ou imaginário sócio-espacial? Reflexões sobre as relações entre espaço, política e cultura, a propósito da Praia de Iracema* (GONDIM, 2001).

Finalmente, a visão litorânea-marítima da cidade Fortaleza fortalece-se, e em 1990 a cidade transforma-se, definitivamente, em um centro de recepção e de distribuição dos fluxos turísticos, com a materialização da política de desenvolvimento do turismo no Ceará, que “busca voltar Fortaleza para o Atlântico, abrindo a cidade construída para o mar integrando o lado oceânico ao lado continental” (SILVA, Daniele, 2012, p.44).

É conveniente sublinhar que embora este projeto também estivesse atrelado a esta imagem turística, cujo processo de expulsão das camadas mais pobres ocorreu para se dar lugar, principalmente, à hotéis, esses menos favorecidos ocupam os arredores destas partes mais ricas da cidade, cujo exemplo mais pontual no que condiz à PI seja o Poço da Draga<sup>24</sup>, que fica praticamente inserido na Praia de Iracema, mas que ao invés de ser considerado como fazendo parte do bairro Praia de Iracema, é tido como pertencente ao centro da cidade, que fica mais distante. Então, devemos lembrar que o processo de formação de imagens de cidade urbanizadas, turísticas, criativas sempre tem um custo, custo esse que costuma estar alicerçado em processos de exclusão.

Por exemplo, um dos principais polos de lazer da cidade, reconhecido nacionalmente e quiçá internacionalmente é O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, ou simplesmente Dragão do Mar, inaugurado em 28 de abril de 1999, substituindo o que antes era a antiga área portuária da Praia de Iracema, foi construído a partir de alguns objetivos:

servir de “âncora” para uma política cultural articulada à promoção do turismo, tendo em vista inserir Fortaleza na economia globalizada; (b) criar um “espaço memorável”, capaz de atuar como catalisador da requalificação de antiga área portuária, e, simultaneamente, contribuir para a recuperação do espaço público da cidade (GONDIM, 2007, p. 41).

Embora atualmente o centro reivindique que é para toda cidade, ele não foge da premissa da exclusão. Em conversa há alguns anos com os moradores do Poço da Draga, durante um projeto de extensão da Universidade Estadual do Ceará, os mesmos afirmavam que as programações contidas no calendário do Centro não

---

<sup>24</sup> A comunidade do Poço da Draga é uma das primeiras da cidade de Fortaleza e a história dela é a de que o nome surgiu a partir “um erro projetual na construção de um quebra-mar na Praia do Peixe, em 1888, que obrigava a retirada das águas paradas através de uma draga” (SERGIO E SILVA, 2017, p.52). Ela seria resultante de um processo de baixa oferta de trabalho e pobreza que fez com que os moradores da cidade habitassem aquele espaço sem planejamento habitacional.

era destinada àqueles que moravam em seus arredores, ao ponto de aquelas pessoas não se sentirem à vontade para frequentá-lo.

Desde então, a Praia de Iracema sempre tem sido objeto de uma série de projetos de requalificação, todos baseados na vontade de reerguer um ar de boêmio que teria se perdido. Em 2007, a então prefeita Luiziane Lins lançou uma proposta cujo principal objetivo era o de tornar, ainda mais, a PI em um polo cultural, turístico e gastronômico.

Já em 2011 é lançado o Instituto Iracema, uma Organização Social, cujos principais objetivos são os de “promover a educação, o acesso à ciência e tecnologia, a diversidade cultural, o meio ambiente, a cidadania, o esporte, a defesa e conservação do patrimônio histórico, artístico e cultural, a formação profissional”. (Instituto Iracema. Disponível em: <<https://www.institutoiracema.com/quemsomos>>. Acesso em 01 maio. 2019).

O Instituto é responsável pelo gerenciamento dos equipamentos: Centro Cultural Belchior, Casa do Barão de Camocim e Vila Das Artes. Todos estes equipamentos têm em comum a discussão sobre patrimônio, arte, cidade, cultura; realizando shows, seminários, oferecendo também programas formativos nas áreas de audiovisual e ensejando discussões sobre pensamentos criativos e críticos na cidade de Fortaleza/CE e continuam em atividade até hoje.

Em dezembro de 2017 foi lançado pela Prefeitura de Fortaleza o *Planejamento Estratégico Colaborativo Praia de Iracema* que objetivava, sobretudo, agir em 8 áreas de atuação: comércio; ordenamento urbano; segurança; moradores; cultura e eventos; mobilidade urbana; meio ambiente; turismo.

Para Bezerra (2008) que etnografou diversos lugares da PI (Calçadão, Ponte dos Ingleses, Pirata, Estoril) e que buscou, por meio dos moradores, comerciantes e frequentadores, entender como se dava a ocupação dos espaços e como o bairro aparecia nas representações destes personagens e também dos meios de comunicação, ela afirma que:

Recorrentemente, a Praia de Iracema é percebida como um bairro tradicional, bucólico, boêmio, turístico e aprazível, mas também como decadente e degradado; nesse sentido, existem diferentes construções simbólicas sobre o real, onde o poder das palavras para enaltecer ou recriminar esse bairro depende da legitimidade daqueles que as pronunciam (BEZERRA, 2008, p.32).

Ora, as representações associadas à Praia de Iracema<sup>25</sup> parecem permanecer. Ao conhecer duas garotas de São Paulo que estavam em Fortaleza de férias, em uma das várias idas à PDC, elas me disseram que as pessoas com quem haviam tido contato até então, principalmente motoristas de *Uber*<sup>26</sup> e o gerente do hotel onde elas estavam hospedadas falaram que a PI era perigosa, cheia de “bandidos”, “marginais”, e que elas “tivessem cuidado para não serem roubadas” porque era esse o *tipo* de gente que elas poderiam encontrar tanto no calçadão, nas ruas, quanto nos arredores do local. Embora tenham ficado bastante preocupadas no início, não se deixaram vencer pelo que tinha sido dito a elas e resolveram ir ao calçadão. Ao chegarem lá, acompanharam uma pequena apresentação que estava acontecendo no Centro Cultural Belchior<sup>27</sup>, sentaram em uns banquinhos e acompanharam o “show” tomando algumas cervejas. Confidenciaram-me que haviam adorado, e que para elas a PI tinha “um quê de boemia”.

A consideração final a que chega Roselane Bezerra (2008) é a de que:

A Praia de Iracema foi “inventada” enquanto um lugar de lazer da cidade. Inventar vem do latim *invenire*, que significa na língua portuguesa descobrir, imaginar, arquitetar, idear, urdir ou tramar. Ou seja, esse bairro foi inventado porque as práticas sociais idealizam, concebem, tramam os sentidos dos espaços urbanos. (*idem, ibidem*, p.74).

Ora, a PDC como parte da PI, também foi inventada pelos seus frequentadores. Além disso, a Praia dos *Crush* reflete também as disputas simbólicas que aconteceram – e acontecem – constantemente no bairro, uma disputa de significados, de símbolos, de práticas cotidianas.

Atualmente, todos os dias, os calçadões e ruas da PI são apropriados. As principais diferenças de usos ocorrem no final de semana, já que durante a semana é comum haver pessoas caminhando, andando de patins, jogando vôlei, famílias que andam com seus cachorros. A coisa muda realmente na sexta, sábado e domingo, pois nesses dias há uma super-lotação de não apenas moradores das redondezas, mas principalmente de pessoas que moram mais distante dali e de

<sup>25</sup> Ver de forma mais detalhada tais representações em Bezerra (2008).

<sup>26</sup> *Uber* é uma empresa multinacional americana, presente em diversos países, que oferece um serviço privativo de locomoção através de carros.

<sup>27</sup> Este é um equipamento cultural da Prefeitura de Fortaleza, inaugurado no mês de maio do ano de 2017. Inicialmente chamaria Casa da Lusofonia, mas como dias antes o cantor e compositor Belchior havia falecido, decidiu-se então trocar o nome do equipamento para Centro Cultural Belchior. Ele encontra-se na Rua Pacajus, em frente à Praia dos *Crush*.

turistas também, que utilizam dos equipamentos culturais presentes naquele território, como bares, casas noturnas, restaurantes.

### 3.1 Uma guerra de nomes

Aprendi, há alguns anos, com um amigo, que as palavras nunca são dadas, elas são ditas. Ou seja, há por trás delas, pessoas, grupos interessados. Ele enfatizava isso em diversas circunstâncias. Da mesma maneira, sublinhava que por isso poderíamos refazê-las quantas vezes fosse necessário. Para ele, como historiador, o passado não era uma sequência de fatos já transcorridos, mas era o momento em que entrava em disputa, no presente mesmo, a invenção desse passado. Chamo de guerra de nomes o que pode ser encontrado em relação à Praia dos *Crush* porque sua manutenção entra em conflito a todo instante com nomes antes utilizados para a definição do trecho que fica entre o Espigão da João Cordeiro e a Ponte dos Ingleses, ou seja, várias são as tentativas de transpor um passado, e em relação a Praia de Iracema este passado está imerso em narrativas saudosistas, de “um tempo que não volta mais”, onde a PI agregava certa boemia cearense. Para isso, recorre-se a memória do bairro.

A memória diz respeito, antes ao presente, que ao passado. Exilá-la no passado é deixar de entendê-la como força viva do presente. Sem memória, não há presente humano, nem futuro. A memória gira, portanto, em torno de um dado básico do fenômeno humano, a mudança. Se não houver memória, a mudança será sempre fator de alienação e desagregação, pois inexistiria uma plataforma de referência e cada ato seria uma reação mecânica, uma resposta nova e solitária a cada momento, um mergulho do passado esvaziado para o vazio do futuro. A memória é que funciona como instrumento biológico-cultural de identidade, conservação, desenvolvimento, que torna legível o fluxo dos acontecimentos. A memória interessa-me porque estou vivo, aqui e agora. (Bezerra de Meneses, 1990, p.31 *apud* Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho, 2003, p.26).

Ou seja, a memória que se tem de algo não apenas sustenta estes conflitos, como também fornece as bases necessárias para que as transformações possam realizar-se, afinal, sem memória não haveria passado, presente e muito menos futuro.

Ora, o próprio romance utilizado como inspiração para a nomeação do bairro Praia de Iracema, escrito por José de Alencar, foi formulado com o objetivo de

“fechar feridas, cuidar das cicatrizes, em nome do Brasil e da saudade de um Brasil que os brasileiros ainda não conheciam, mas deveriam conhecer, para termos, além do Brasil, os brasileiros” (p.288). Ou seja, o romance nasceu com o interesse de dar ao Ceará uma memória, um mito fundador (RAMOS, 2008).

Afinal, esse é um livro que, de maneira astuciosa e sedutora, procurava ensinar a ter saudade de um passado heroico e de um futuro promissor. Saudade de nós mesmos, de um Brasil selvagem, porque a natureza nos daria a nossa força patriótica. Mas não era uma selva qualquer e sim um caleidoscópio de natureza e civilização, um imbróglio estético e existencial típico do século XIX. Alencar não criou simplesmente uma idealização harmoniosa e sim uma idealização tensa, cheia de ambiguidades que desafiam os estudiosos e fascinam os leitores (*idem, ibidem*, p.290).

Ou seja, penso que o romance Iracema assim como o bairro Praia de Iracema e a utilização desta alcunha que dá nome às belas praias de nosso litoral que estão geograficamente delimitadas naquele bairro, já se formaram com uma sede por idealização (RAMOS, 2008). Enfim, “o que está em evidência nessa modalidade de interpretação é o suposto de que o passado não é simplesmente aquilo que passou e sim uma complexa composição subordinada aos interesses de quem aciona os jogos da memória” (*idem, ibidem*, p.295).

Por essa razão, a PDC enfrenta algumas contestações quanto a denominação atribuída a ela, cujo principal questionador gira ao redor da “memória” da PI. No entanto, ela tem se mantido fortemente como Praia dos *Crush* e tem tido o reconhecimento massivo de frequentadores, notícias, postagens nas redes sociais e até mesmo a partir da realização de diversos eventos políticos e festivais que a têm como ponto de partida e de encontro. As contestações são de algumas pessoas que ora lhe chamam por Praia de Iracema ora de Praia do Lido Manso.

O desejo de que ela seja conhecida como Praia de Iracema parte do pressuposto de que a denominação “Praia dos *Crush*” não é fiel à PI. Para Ana o nome “não tem nada a ver”. A garota diz sempre optar por colocar em suas fotos (precisamente na localização) *Praia de Iracema*, pois pensa que:

*O nome Praia dos Crush desvirtuou totalmente, é um nome superficial, além de ser de outra língua, e que tira o teor histórico da praia para um teor de modismo. O nome possibilitou uma maior popularização do lugar, para ser positiva. Mas temos que resgatar mais a nossa própria história e pertencimento com a cidade*<sup>28</sup>.

<sup>28</sup> Trecho de entrevista com Ana, realizada no dia 29 de março de 2019. Mesmo que os interlocutores tenham decidido, por vontade própria, participarem da pesquisa, eu optei por mudar os seus nomes. Nesse sentido, os nomes são fictícios.

A preocupação da garota em colocar como localização Praia de Iracema nas suas fotos que são postadas no *Instagram* reflete que ela compreende que a *Internet* se constitui como um espaço importante dessas disputas, pois tem a capacidade de publicizar um local e de engrenar desejos para conhecê-lo, e que para ela sua atitude deixa claro em que lado dessa guerra de nomes ela se encontra, funcionando assim como uma ferramenta a ser utilizada.

Apesar de não ter o mesmo movimento que a PDC vem tendo e de não ter sido batizada como “epicentro de paquera dos jovens da capital cearense”<sup>29</sup> ela já foi conhecida como Praia do Lido Manso, embora ainda ajam adeptos de tal nomeação. No *Instagram*, mais especificamente no perfil @fortalezadosencontros tem-se um vídeo em que diversas pessoas são questionadas sobre o nome dado à Praia. A grande maioria, mais jovem, afirma que ali se trata da Praia dos *Crush*, enquanto os demais (aparentemente mais velhos) respondem Praia do Lido. Na postagem, o perfil afirma:

Você conhece a Praia do Lido? E a Praia dos Crush? A Praia do Lido passou a ser chamada assim em 1955 por conta do Restaurante Lido, que introduziu a famosa receita do peixe à delícia e funcionou até os primeiros anos da década de 1980. Por conta das ondas altas que batem do lado direito do espigão da João Cordeiro, a Praia recebeu o apelido de Lido Bravo! Diz-se até que as ondas costumavam bater na estrutura do restaurante durante os meses de janeiro e fevereiro, dando um espetáculo para os olhos dos frequentadores do local. Era um encontro perfeito com o mar! Do outro lado do espigão, as ondas calmas receberam o nome de Lido Manso, que, há algum tempo, também ganhou outro apelido: Praia dos Crush. Poderia até ser por conta do refrigerante de laranja Crush que marcou a Praia de Iracema, com a fábrica que funcionava bem na esquina da Heráclito Graça com João Cordeiro. Mas a Praia se tornou ponto de encontro da juventude cearense, que tem nela o seu espaço pra relaxar, curtir com os amigos e, quem sabe, encontrar uma paquera: um crush! Com qualquer nome, a Praia é nossa! E aí, bora aproveitar? (Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Briydtvn0E5/>>. Acesso 10 fevereiro. 2019).

Ou seja, o perfil apresenta a história do nome Praia do Lindo Manso, que teria sido originado a partir da influência de um restaurante famoso da época, que, aliás, era conhecido como “um restaurante fino”. Sendo o fundador do restaurante um francês, Charles Delleva, a casa foi tornando-se um *point* para a sociedade fortalezense, mais especificamente para aqueles que poderiam pagar pela comida (PONTES, 2005).

<sup>29</sup> Afirmação contida em uma matéria do grupo VICE que se apresenta como “o maior grupo de mídia global do mundo focada em jovens” contando com 36 escritórios espalhados em mais de 25 países. Disponível em: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/gyk7xw/falamos-sobre-crush-na-praia-dos-crush-em-fortaleza](https://www.vice.com/pt_br/article/gyk7xw/falamos-sobre-crush-na-praia-dos-crush-em-fortaleza)>. Acesso 06 fevereiro. 2019.

Para João, o nome PDC aparece como algo que pode confundir seus antigos frequentadores:

*Acho que se torna confuso pra quem frequentava essa praia antigamente porque eles conhecem como praia do Lido, Lido manso e aí depois de um tempo, eu acho que uns 3 anos pra cá o público jovem colocou como Praia dos Crush, não sei por qual motivo, né, mas é bonito esse nome atual também, Praia dos Crush, eu gosto. É como se fosse um apelido carinhoso e que virou quase o nome fixo, né? Porque hoje todo mundo só conhece como Praia dos Crush<sup>30</sup>.*

Compreendi então que a denominação Praia do Lido Manso remete à representação de boemia associada ao bairro, pois o restaurante Lido era tido como um local de socialização de uma elite fortalezense que aos poucos também se estendeu para o uso dos boêmios. O que reflete que a vontade de nomear o trecho entre a Ponte dos Ingleses e o Espigão da João Cordeiro a partir da referência ao restaurante ou ao bairro em si significa trazer de volta algo que fez parte da história da capital cearense, conseqüentemente das próprias experiências de seus frequentadores.

Como afirmou Ana: “trazer de volta a nossa própria história”. Mas em que consistiria essa “nossa história”? Se a história está repleta de conflitos, se o passado não pode ser tido como algo terminado, se essa história é inventada, quem a inventou? Não significa colocar em xeque apenas “uma nomeação”, mas o que está em jogo na utilização das palavras são os usos do lugar juntamente com a preocupação acerca dos novos frequentadores. Aliás, “a história não é, obviamente, um sistema de alavancas mecânicas inanimadas e automatismos de ferro e aço, e sim um sistema de pressões exercidas por pessoas vivas sobre pessoas vivas” (ELIAS, 1994, p.47).

Gostaria de deixar claro que isso não significa que Ana ou qualquer outra pessoa que opte pela denominação Praia do Lido defenda que aquele espaço seja utilizado por pessoas semelhantes ao antigo público do Restaurante Lido ou da Praia de Iracema. Mas não deixa de revelar o peso das representações, especificamente das representações da PI, que não foram formuladas do nada, e sim em um contexto histórico de valorização das zonas litorais atrelada ao uso de pessoas reconhecidamente mais nobres, que com suas influências foram capazes de trocar a antiga denominação “Praia do Peixe” para “Praia de Iracema”.

<sup>30</sup> Trecho de entrevista com João, realizada no dia 29 de março de 2019.

Figura 12 – Inauguração do Restaurante Lido em 27 de novembro de 1955.



Fonte: Joanna Dell'Eva.

Wellington Maciel (2011) buscou compreender, a partir de sua pesquisa realizada na Praia do Futuro<sup>31</sup>, o processo de redefinição e marcação dos lugares durante as práticas de lazer e o movimento que ele chamou de *ir da palavra à cidade/da cidade à palavra*. De acordo com o sociólogo, as denominações “praia nova” e “praia velha” são o exemplo das disputas que circundam aquele lugar. Para ele:

as palavras que nomeiam os espaços da cidade podem representar ricas fontes de investigação, quando se trata de compreender as maneiras singulares pelas quais elas os informam e constituem. Por outro lado, ao se observar como são designadas as “partes” de uma cidade, é possível olhar as palavras como expressões das dinâmicas urbanas que se inscrevem simultaneamente na cidade e na linguagem. (*idem, ibidem*, p.40).

Dessa forma, os nomes atribuídos ao trecho localizado entre a Ponte dos Ingleses e o Espigão da João Cordeiro são representativos das diferentes formas de se viver a cidade e conseqüentemente das distinções entre as pessoas na urbe, havendo assim uma disputa simbólica quanto ao nome que lhe é atribuído, pois tal

<sup>31</sup> A Praia do Futuro é uma praia e também um bairro de Fortaleza. Ela ocupa 8 dos 25 Km do litoral da capital cearense.

nome “legitimaria” os usos para os quais ela foi destinada. De acordo com Irllys Barreira (2003):

Repensar a cidade sob a ótica de sua “memória” ou sob o prisma de significados atribuídos à noção de patrimônio supõe compreender a lógica das **prioridades sobre o uso e valorização de espaços** efetivados ao longo do tempo. Prioridades que aparecem como coletivamente construídas, embora sejam objeto permanente de **disputas simbólicas que revelam interesses de diferentes atores sociais**. O que preservar, como mudar ou o que mudar são questões que vêm à tona atualmente com mais evidência, alimentando o plano das representações sobre a cidade, que orientam diferentes discursos. (BARREIRA, 2003, p.315. Grifo da autora).

Ora, como já destaquei o próprio nome do bairro Praia de Iracema foi gerado a partir dos interesses de uma elite econômica. No momento em que há *peessoas X* contestando como as *peessoas Y* denominam algo, as primeiras também estão contestando as utilizações que estas fazem da cidade, como se houvesse “prioridades sobre o (seu) uso”. Uma disputa de memórias, patrimônio, preservação. Parto do princípio de que o direito à cidade passa pelo direito de reinventá-la, ela e os nomes atribuídos às suas partes, de acordo com os nossos desejos (HARVEY, 2014). Afinal:

As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras (LAROSSA, 2002, p.21).

Destarte, percebi que no caso do espaço entre a Ponte dos Ingleses e o Espigão da João Cordeiro, as disputas das palavras no que condiz com a nomeação daquele trecho pauta-se em dois aspectos: por tempo de ocupação e também entre gerações, pois aqueles que lhe conhecem como Praia do Lido ou Praia de Iracema são antigos frequentadores, além da maioria deles ser mais velha. Os que a conhecem por Praia dos *Crush* são “recentes” naquele lugar e rotineiramente são mais novos. Não parto do princípio de que tanto uns quanto os outros não estão habituados a ir semanalmente à praia. Eles coexistem nela. Por outro lado, essa “guerra de nomes” é frequentemente vista seja em comentários de matérias online seja nos *posts*<sup>32</sup> das redes sociais. Ela acontece também porque aqueles que se

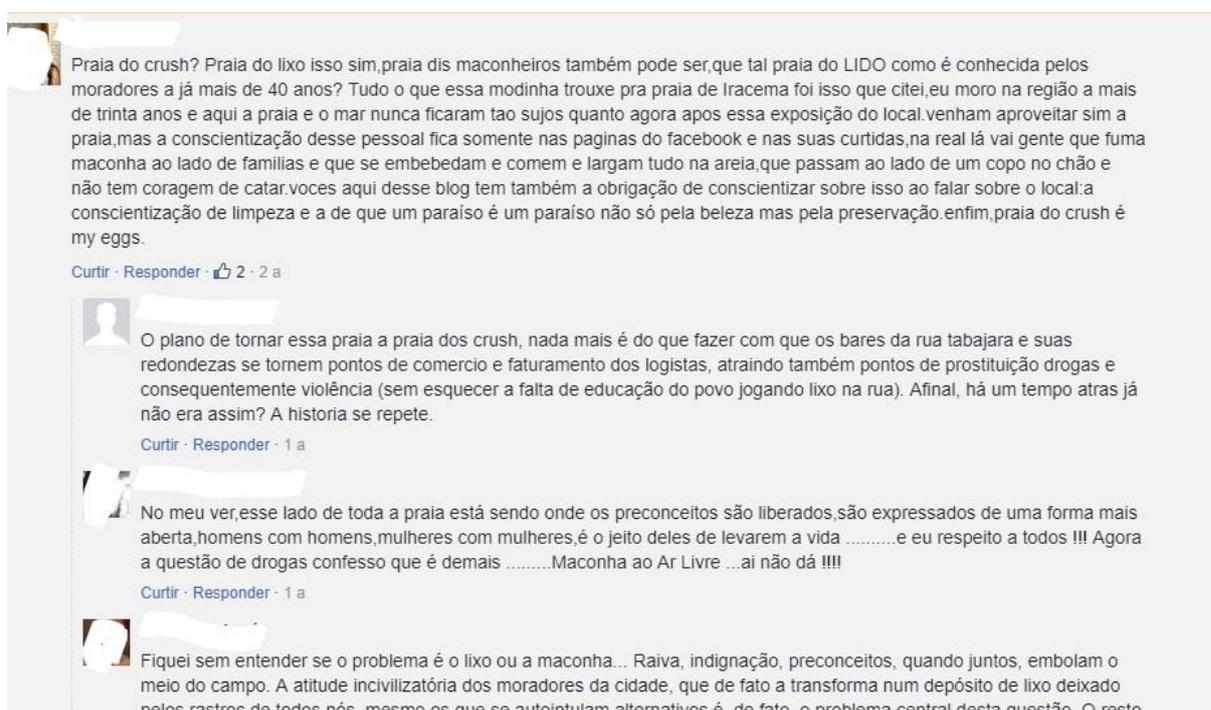
---

<sup>32</sup> *Post* é um redutivo utilizado para referir-se à postagem ou publicação de alguma mensagem/foto/vídeo/áudio em uma rede social.

intitulam como “antigos frequentadores” e/ou moradores do bairro Praia de Iracema incomodam-se com algumas das atividades de lazer que podem ser vistas atualmente na Praia dos *Crush*, ou seja, dos usos daquele trecho.

Não obstante, estes usos estão em disputa porque as representações associadas à Praia dos *Crush*, principalmente aquelas sobre o seu público serão outros motivos que ocasionam os conflitos simbólicos quanto a recente denominação, pois se pensa que a troca de nome foi responsável por uma *libertinagem liberada*. Penso que é relevante destacar que nem todos aqueles que reivindicam essa nomeação coadunam com pensamentos moralistas (o que é certo ou errado), práticas racistas, homofóbicas e comportamentos discriminatórios e preconceituosos. No entanto, essa questão não poderia ser deixada de fora.

Figura 13 – *Print* de uma conversa de um *site*.



Fonte: Elaborada pela autora.

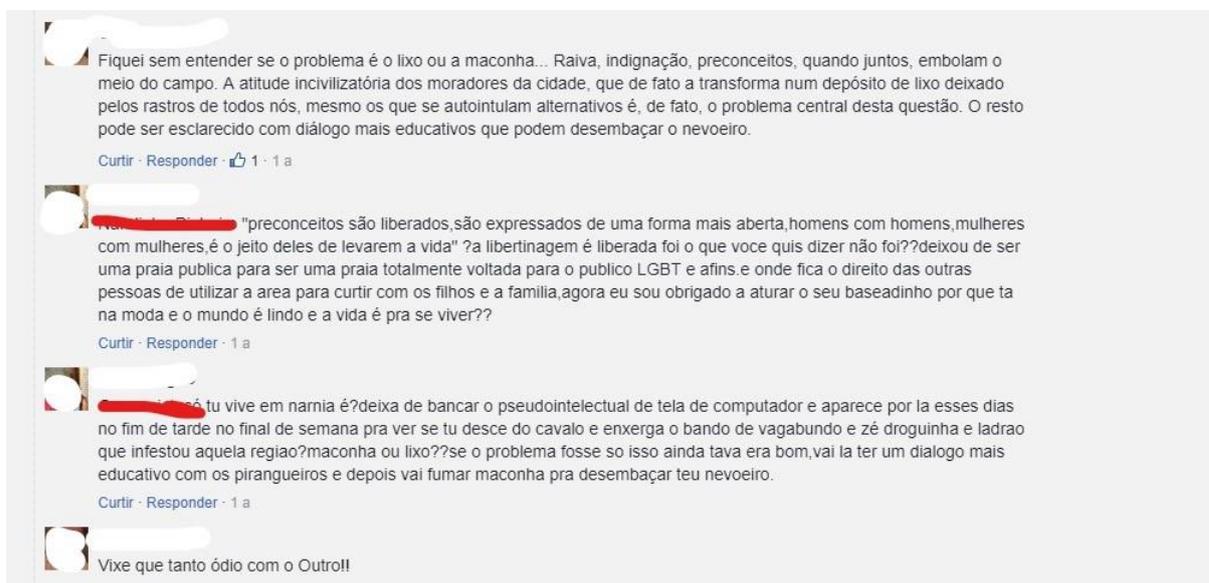
Como podemos ver, a primeira pessoa a comentar mostra-se inicialmente confusa quanto ao nome que deveria ser dado à praia. Praia do lixo e dos maconheiros aparecem como as primeiras boas opções, demonstrando certa ironia no questionamento. Depois ele (a) enfatiza que o nome da praia é Praia do Lido como lhe conhecem moradores há 40 anos. Ele (a) admite que o fato de ela passar

a ser conhecida como Praia dos *Crush* trouxe uma maior exposição do local, mas questiona os usos da praia, afirmando que há falta de conscientização, de respeito para com as famílias que também utilizam aquele trecho para o lazer.

A segunda pessoa afirma que “o plano de tornar essa praia a praia dos *crush*” não passaria de uma iniciativa dos comércios locais para assim faturarem mais e mais, além de atrair prostituição, uso de drogas e práticas violentas. Houve sim a partir da maior exposição da praia um alargamento do comércio, principalmente os que oferecem lanches baratos, rápidos e bebidas. No que condiz à prostituição jamais presenciei algo que fosse semelhante a essa prática. Já acerca da violência, a maior parte dela está concentrada na relação hostil entre os policiais da área e alguns frequentadores.

A terceira pessoa mostra-se mais otimista, mesmo que discorde do uso das drogas. Para ela, ali, na PDC, as pessoas sentem-se mais confortáveis para expressar suas afetividades não normativas. E a discussão continua:

Figura 14 – *Print* da continuação da conversa pelo *site*.



Fonte: Elaborada pela autora.

Ora, a pessoa que havia comentado primeiramente mostra-se ainda mais contrária aos usos da PDC nos segundo e terceiro comentários feitos. Quando afirma que a praia “deixou de ser uma praia pública para ser uma praia totalmente voltada para o público LGBT e afins” exterioriza que os usos que essas pessoas fazem da praia não são legítimos já que tiraria o direito de outras pessoas a

frequentarem. Além disso, também age como se este “público recente” houvesse expulsado o antigo. Ele (a) ainda continua dizendo que também se tem regularmente um “bando de vagabundo”, “zé droguinha”, “ladrão”, “piranguieiros”.

No entanto, a denominação Praia do Lido parece ter sido “engolida” pela de Praia dos *Crush*. Como disse João – jovem com o qual conversei – “hoje todo mundo conhece por Praia dos *Crush*”. Aliás, pesquisando algumas notícias que se referissem, exclusivamente, à Praia do Lido, encontrei somente uma, do ano de 2012. Na verdade, não se tratava bem de uma notícia, mas de um relato de um surfista contando como tinha sido a sua espera por boas ondas, para enfim curtir, surfando, as ondas da capital cearense<sup>33</sup>.

Nas outras notícias em que aparece, ela é utilizada sempre como um referente para a PDC, não mais do que isso:

Praia dos Crush

**Antiga** Praia do Lido, o Aterrinho também receberá shows os dois fins de semana seguintes. No dia 21, o duo paraibano Glue Trip e a banda Dubaile se apresentam. Já no dia 28, é a vez do carioca Chico Chico – filho da cantora Cássia Eller – e a cearense Luh Livia (ex-Mafalda Morfina). Sempre a partir das 15 horas. (*Site Cearensidade*, 11 de julho de 2018. Disponível em: <<http://cearensidade.com.br/francisco-el-hombre-faz-show-gratuito-na-praia-dos-crush/>>. Acesso 13 abril. 2019.

Conhecida pelos **mais antigos** como Praia do Lido, a Praia dos Crush faz parte da orla de Iracema, fica entre a Ponte metálica e o espigão que fica a estátua da Iracema Guerreira. O nome **atual** foi uma “cocriação” dos frequentadores de lá, que viam sempre seus crushs por ali. (*Tribuna do Ceará*, 15 de março de 2019. Disponível em: <<http://www.penteadeiraamarela.com.br/2019/03/15/onde-ir-em-fortaleza/>>. Acesso 13 abril. 2019.

Ao nome Praia dos *Crush* poderia não ter se dado importância, deixá-lo de lado, já que ele foi *inventado* por recentes frequentadores, invertendo a ótica estabelecidos-*outsiders* (ELIAS, 2000). Nesse caso, os *outsiders* tiveram a capacidade de fazer com que não só o nome frutificasse como também confundisse o “antigo” público. Mas quais foram os motivos que fizeram com que isso acontecesse? Sem dúvida, a presença mais contínua dos recentes frequentadores e as suas aproximações com a *Internet*, mais especificamente as redes sociais, foram bastante importantes para este movimento. Destarte, apesar de terem obtido

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://nasondasdoceara.com/2012/04/06/zero-pela-manha-lido-a-tarde/>>. Acesso 10 abril. 2019.

sucesso quanto à denominação da praia, eles ainda são vistos como *outsiders* por parte de outros frequentadores, que pudemos ver um pouco anteriormente. Eles são repreendidos pela polícia, olhados de lado, designados como “pivetes”, “pirangueiros”, “pessoas do mal”, “vagabundos”, “zé droguinha”, “prostitutas”, “vetim” etc.

Ora, tomando a cidade como *locus*, Pais (2010) afirma que nela há imprevistos e previstos, ou seja, aquilo que é capaz de inverter a ordem oposta quanto aquilo que a afirma, sendo os “imprevistos” tratados com preconceito ou estereótipo. Os pirangueiros, que aparecem tanto nos discursos que fazem referência à PDC quanto no espaço da Praia, mais especificamente nos finais de semana, são estes imprevistos.

No entanto, vendo a cidade como “um aglomerado permanente, relativamente grande e denso, de indivíduos socialmente heterogêneos” (WIRTH, 1975, p.96) penso que a PDC, embora não seja um espaço em grande escala, tal qual a metrópole Fortaleza ou um bairro da capital alencarina, é capaz de trazer à tona tais características de uma cidade, principalmente no que condiz à existência de indivíduos socialmente heterogêneos. E os pirangueiros são alguns destes grupos.

De acordo com Joca (2013) o termo “pirangueiro” é utilizado para referir-se aos jovens que são responsáveis por furtos e/ou assaltos, que decorre em uma série de conflitos e violências.

Ademais, embora alguns desses jovens realizem alguns atos infratores, não podemos afirmar que todos aqueles que estão na praia têm este intuito. Para o reconhecimento desses jovens, são utilizados alguns marcadores que vão além das condições de classe, raça e faixa etária. O que mais chama atenção neles são os gestos, as vestimentas, a linguagem. É principalmente através disso que se constrói a imagem do pirangueiro. Por exemplo, expressões como “tá ligado”, “trombado”, “véi”, “vai ser sal”, “baca” são algumas das palavras usadas<sup>34</sup> para se reconhecer um pirangueiro acompanhadas de uma fala nasal. As vestimentas, quando trata-se dos garotos, são a utilização de chinelas kenner, shorts estilo surfista, camisetas no

---

<sup>34</sup> “Tá ligado” significa que você está compreendendo tudo, que não está desligado para os fatos que estão acontecendo. Já trombado é quando você cruza com alguém, quando ver uma pessoa. “Véi” é uma abreviação de “velho” utilizada para fazer referência a alguém, para se dirigir a uma pessoa. Já “vai ser sal” é uma frase otimista, dando a entender que aquilo que foi planejado anteriormente vai dar certo, será realizado. Já “baca” é uma abreviação de “baculejo” que diz respeito ao momento em que os jovens são parados pelos “praças” (policiais de rua) para serem averiguados.

ombro, sobancelhas raspadas apenas de um lado, boné virado etc. Em relação às garotas faz-se o uso de shorts curtos e apertados, chinelas de silicone, blusas curtas e também sobancelhas com falhas propositais. A partir desses marcadores é que aqueles jovens são nomeados como pirangueiros, aonde há então a presença dos estigmas.

Para Goffman (1988) o estigma baseia-se em atributos depreciativos, naquilo que “escapa” aos padrões pré-estabelecidos da “normalidade”. Para o autor existem três tipos de estigma.

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aqueles que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto. Nós e os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados de normais (GOFFMAN, 1988, p.14).

Quando falamos dos jovens moradores de periferia que são aqueles conhecidos como “pirangueiros” estamos não apenas falando de estigmas que decorrem de suas raças – até porque como demonstrou muito bem Florestan Fernandes (1965), a grande parte daqueles que habitam nesses territórios são descendentes de escravos, que ao terem sua “liberdade” decretada não obtiveram, por parte do Estado, políticas públicas que os capacitassem para estarem em níveis de igualdade com os demais moradores das grandes cidades – mas também de uma juventude que ao estar em seus momentos de lazer é vista como propensa à realização de crimes.

É comum, conforme demonstra Zaluar (1985), que os jovens moradores de favela sejam nomeados, pelas representações sociais, como perigosos, como um “tipo social propenso a cometer um crime” (MISSE, 1990), sobretudo por grupos da elite da Cidade e da classe média, sendo por estes associados ao tráfico de drogas, assaltos, homicídios, além de outras práticas de uso indiscriminado da violência. Além disso, jovens que têm envolvimento com a criminalidade são vistos por muitos moradores das próprias comunidades como “elementos irrecuperáveis”. Isso concorre para fundação de fronteiras simbólicas entre os “cidadãos de bem” e os “maus

elementos”, entre aqueles estabelecidos e os outsiders (XAVIER; ALMEIDA, 2008, p.313).

Ou seja, opera-se uma série de representações sobre estes jovens que tendem a vê-los como não cidadãos. Ora, “o ‘não cidadão’ é geralmente identificado como ‘vagabundo’, ‘bandido’, ‘de menor’, ‘traficante’, ‘alma sebosa’, ‘pirangueiro’ e pelo termo ‘envolvido’, aglutinador dos anteriores” (BENICIO *et all*, 2018, p.200).

Destarte, estes jovens resistem na manutenção de momentos de sociabilidade entre os seus pares, ocupando espaços que jamais poder-se-ia imaginar que também pertenceriam a eles algum dia. Afinal, eles fazem dos espaços das cidades seus pontos de encontro:

As novas formas de sociabilidade que se gestam entre os jovens, moradores dos bairros periféricos das grandes cidades, nascem principalmente da socialização no mundo da rua, suas esquinas e pontos de encontro, onde desenvolvem relações de amizade e lazer, enfrentam os mecanismos da violência urbana e vivem, na luta pela sobrevivência, o confronto diário com os aparelhos repressivos. Neste espaço buscam construir identidades coletivas e diversas modalidades de sociabilidade (SPOSITO, 1993, p.161).

Enfim, esse é um dos motivos pelos quais a PDC tem sido ocupada por esses jovens.

### **3.2 A história da Praia dos *Crush***

Como frequentadora “antiga” recordo-me que em meados de 2016 o trecho entre o Espigão da João Cordeiro a Ponte dos Ingleses já recebia o nome de PDC, o que as redes sociais (*Facebook e Instagram*) e *sites, blogs*, jornais, frequentadores parecem confirmar. Data também desse ano as primeiras matérias, publicações e movimentos iniciados para a publicização da PDC. O *blog* “Somos Vós” publicou em setembro de 2016 uma matéria cujo título era: “Uma Praia para chamar de *Crush*”.

Figura 15 – Capa da matéria do Somos Vós



Fonte: Thyago Souza e Arthur Henrique.

De acordo com Mariana Marques que escreveu a matéria do *site*, ela não sabe quem foram os responsáveis pela nomeação, mas os agradecem porque mesmo que o seu *crush* já a acompanhe “não deixa de tornar a coisa toda uma verdade, porque o clima na praia ultimamente é de *crush* mesmo, *crush* com a areia, com a cervejinha ou a água gelada, *crush* com o mar quase sem onda”.

O *site* a partir de diversas imagens feitas pela dupla de fotógrafos Thyago Souza e Arthur Henrique (*Light Panic*) começa a explorar a imagem da PDC como um ponto de encontro, paquera, de romance, representando-a como uma *Praia de Amores*. Seria, então, o ressurgimento da praia da canção de Luiz Assumpção?

Figura 16 – Casal beijando-se em frente ao mar



Fonte: Thyago Souza e Arthur Henrique.

Em uma matéria no final do ano de 2016 a Tribuna do Ceará<sup>35</sup> busca explicar o que significa a expressão *crush*, já que ela havia sido o termo mais procurado do *Google* durante todo o ano. Nesse sentido, a PDC surge a partir de uma palavra que estava em voga naquele momento, uma palavra que passou a ser utilizada por um público mais jovem. Efetivando, diríamos, o movimento *da palavra à cidade/da cidade à palavra* (MACIEL, 2011). Ou seja, por meio de uma vivência mais aproximada com a rede mundial de computadores, de onde surge e viraliza a expressão *crush*, foi que a um espaço da cidade de Fortaleza pode reinventar-se. Reinventar seu público e seus usos. Demonstrando então a relevância que estes meios têm adquirido em nossas vidas.

O que significa também que se o público mais familiarizado com essas mídias são os jovens nascidos a partir do ano 2000 serão eles também quem sairão à frente em uma possível disputa de sentidos e significados atrelados à um determinado espaço público (adicionando, claro, suas ocupações cotidianas do

---

<sup>35</sup> Para ter acesso à matéria completa, acesse: <https://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/tecnologia/voce-nao-sabe-o-que-e-crush-nao-e-so-voce-indica-o-google/>. Acesso 10 de abril. 2019.

lugar) pois a palavra *crush* foi gerada nestas mídias, mais precisamente no *Facebook*, *Instagram*, *Youtube* e *Twitter*.

No início de 2017 ela foi uma “febre”. Diversos foram os memes<sup>36</sup> criados e reproduzidos. A maioria que viralizou<sup>37</sup> nas redes sociais surgiu a partir de um vídeo da *youtuber*<sup>38</sup> Nicks Vieira (Nicole Vieira). Nele, a jovem canta um *rap* sentimental sobre um *crush* que não dava importância para ela. A partir de então foram criados vários *Gifs*<sup>39</sup>, imagens e vídeos diferentes com a expressão “poxa *crush*, porque não me nota” em destaque, uma referência direta a letra do *rap* feito por Nicole:

Quem que não tem um crush, né?/Ah, eu tenho certeza que todas tem um crush/Mas esse é supremo, é um crush especial/Sabe qual é a diferença entre você e o cubo mágico?/É que do cubo mágico eu desisto/Poxa, crush, por que não me nota?/Como eu queria que você me desse bola/Poxa, crush, estou te idolatrando/Suas fotos do Instagram, todas tô salvando/Poxa, crush, por que não me nota?/Como eu queria que você me desse bola/Poxa, crush, estou te idolatrando/Suas fotos do Instagram, todas tô salvando/Te vejo na rua, encaro, fico tímida/Te dou um sorriso, você ri, mas não me liga/Estou ficando louca e desesperada/As minhas amigas te acha feio e sem graça/Vou emprestar os meus olhos pra todas elas ver/O jeito que sorri, eu tô louca, louca por você/Eu tô ficando louca de verdade, é serio!/Vai por mim Estamos namorando e cê nem sabe ainda/Caí na realidade, mas que verdade fria/Fico me dedicando, querendo um beijo seu/Mas tá tão difícil de você ser meu/Celular vibrou, coração disparou/E infelizmente não foi você quem chamou/Estou obcecada, não sei o que fazer/De 10 coisas que eu penso, 9 são só em você/Poxa, crush, por que não me nota?/Como eu queria que você me desse bola/Poxa, crush, estou te idolatrando/Suas fotos do Instagram, todas tô salvando/Meus amigos estão doidos dizendo que sou trouxa/Mas eu vou fazer o quê se você me deu onda?/Não queria ser assim, não sei o que aconteceu/Mas quando cê chegou meu coração te escolheu/Já tive alguns crush tipo da padaria/O da sala de aula, amigo da minha prima Mas com você foi tão diferente/Dou bloqueio nos contatinho e você não me entende/Poxa, crush, por que não me nota? Como eu queria que você me desse bola/Poxa, crush, estou te idolatrando/Suas fotos do Instagram, todas tô salvando... (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fy5cbFxoS2M>>. Acesso 15 abril. 2019.

<sup>36</sup> O termo *meme* vem do grego *mimena*, que tem como significado imitação. Baseados no humor, eles reproduzem, a partir de imagens, *GIFs* (um tipo de imagem movimentada), vídeos algo especial, marcante.

<sup>37</sup> O termo é utilizado para referir-se a algo que se espalha e se populariza de forma bastante rápida na Internet. A maioria do que é viralizado é efêmero, no entanto, a palavra *crush* ainda é bastante utilizada e parece ter se edificado no vocabulário jovem.

<sup>38</sup> *Youtuber* é qualquer pessoa que tenha um canal no *Youtube*. Nos últimos anos, se tem tido uma maior popularização da “profissão” de *Youtuber* tendo em vista o alcance de pessoas que ele tem apresentado, influenciando no que compramos, no que comemos, no que vestimos, para onde viajaremos etc.

<sup>39</sup> *Gif* é uma espécie de imagem em movimento, com uma duração curta.

No rap da *youtuber* podemos entender que *crush* é aquela pessoa por quem se tem um sentimento até então não correspondido. Além disso, é possível perceber as associações que a garota faz entre sua vida sentimental e as atitudes tomadas nas redes sociais, como o bloqueio nos outros “contatinhos” e o salvamento das fotos de seu *crush* no *Instagram*. O bloqueio é uma ferramenta utilizada para o silenciamento de alguém, o que significa que este alguém fica impossibilitado de enviar mensagens ou de visualizar o que é postado por aquele que o bloqueio. Para Nicole, isso significaria exclusividade com seu *crush*, ou seja, que apesar de existirem outras pessoas interessadas nela, ela teria apenas olhos para ele.

Figura 17 – Um dos *memes* que viralizou na *Internet*.



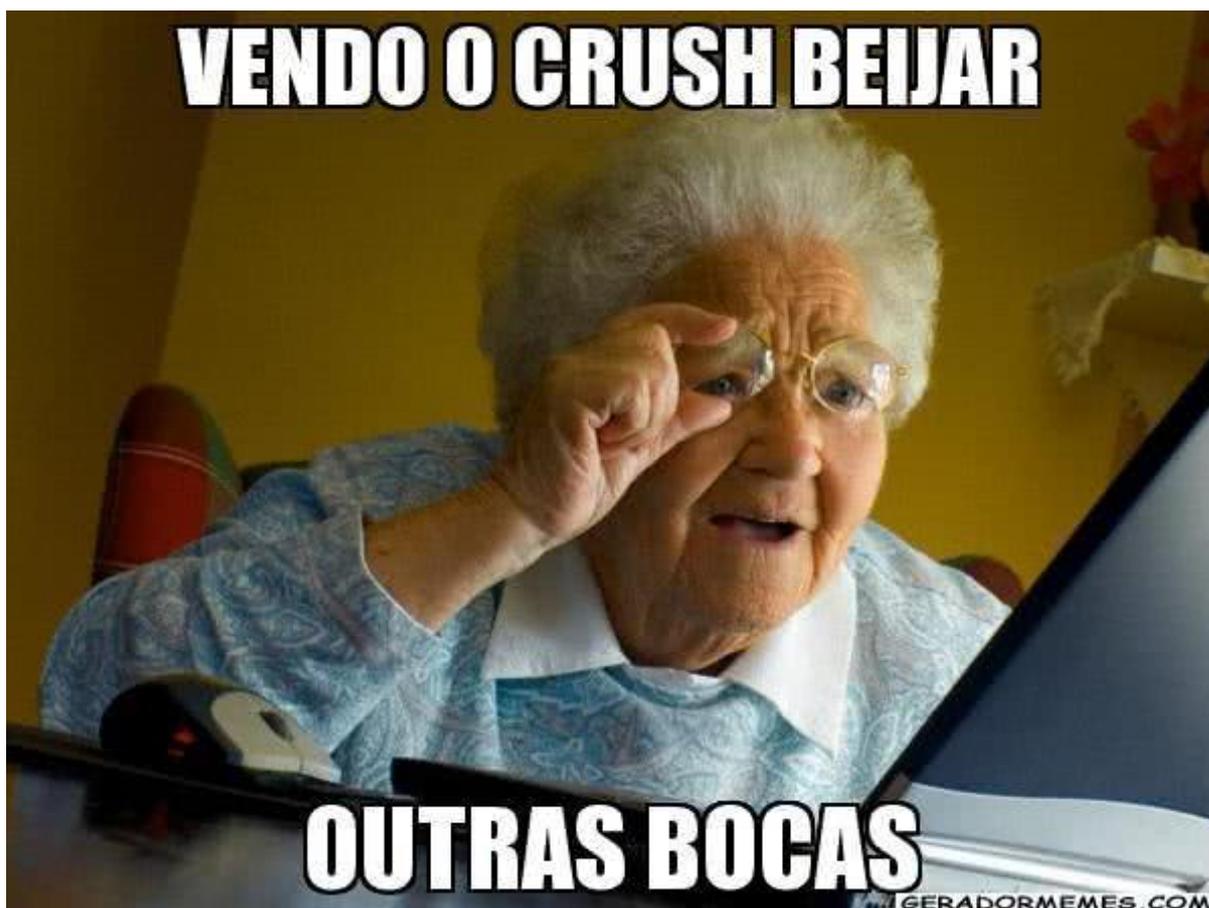
Fonte: Elaborada pela autora.

A questão é que o compartilhamento cada vez mais rápido e intenso de diversos *memes* atrelados à palavra *crush* o consolidou no vocabulário juvenil, além de compartilhá-la também com outras gerações.

Mas qual o significado dessa expressão? Não é de hoje que adotamos palavras estrangeiras para nomear ruas, bares, boates, objetos etc., mas a tarefa de

pensar sobre isso não me parece cansativa – muito menos inútil. A palavra “*crush*” originada do inglês, pode ser literalmente traduzida por “esmagar” ou “colidir”. Sendo assim, o *crush* representaria a força “esmagadora” do sentimento que teríamos por alguém. Suas expressões mais recorrentes são: “*get a crush on*” e “*have a crush on*” que equivalem ao nosso “ter uma queda por”. No início, embora ainda ajam adeptos a esses sentidos, se ter *crush* em alguém significava que se tratava de um “amor não correspondido” ou “amor platônico”. No entanto, ultimamente a palavra vem experimentando uma banalidade quanto ao seu significado, e não significa estar necessariamente apaixonado por uma pessoa, mas ter um simples interesse afetivo ou sexual em alguém seja ele realizável ou não. Além disso, podem-se ter vários *crushes*.

Figura 18 – Um dos *memes* que viralizou na *Internet*.



Fonte: Elaborada pela autora.

Atualmente, mesmo que aqueles interesses afetivos/sexuais mantenham, a palavra *crush* pode ser utilizada para fazer referencia também à pessoas nas quais

têm se certa admiração. Por exemplo, a imagem abaixo foi veiculada após a soltura do ex-presidente da república Luís Inácio Lula da Silva, no dia 07 de novembro, fazendo um trocadilho com a frase Lula, livre. Um movimento que não apenas concentrou-se nas redes sociais, mas que também tomou várias cidades do Brasil. Em Fortaleza, como veremos a seguir, o ponto de encontro desse movimento na cidade foi a Praia dos *Crush*.

Figura 19 – Postagem em referência ao ex-presidente Lula



Fonte: Perfil do *Instagram* Cantadas Progressistas.

A imagem foi curtida, compartilhada e comentada por milhares de pessoas o que demonstra tanto o entendimento da expressão quanto sua utilização recorrente, tornando-se então, parte do vocabulário. Enfim, para Almeida e Ferreira

(2008) procurando compreender as fronteiras entre os bairros Alto da Balança e Aerolândia, localizados na cidade de Fortaleza, e utilizando a perspectiva bourdiesiana da nomeação, o ato de nomear produz fronteiras sociais. O que significa, agora trazendo à discussão Michel de Certeau (2003) que os praticantes dos espaços não “só consomem os equipamentos públicos, como também desviam o sentido de uso do produto imposto por uma prática de linguagem. Os moradores-consumidores nomeiam os produtos conforme sua trajetória pessoal e convivência no espaço comum” (p. 117). Os moradores destes bairros me auxiliam a pensar que os jovens frequentadores da Praia dos *Crush* superaram os usos comuns de uma praia, tornando-a, por exemplo, uma festa ao ar-livre, onde a alcunha *crush* traz àquele espaço características *que a priori* não são utilizadas para a descrição de uma praia.

## 4 A VIBE DA PDC NAS REPRESENTAÇÕES DOS MOMENTOS DE SOCIABILIDADE

### 4.1 As representações da PDC em jornais, *blogs* e *sites*

A partir de todo o material que será apresentado a seguir, cujas datas estão localizadas entre 2016 e 2019, a Praia dos *Crush* tem sido representada como *o trecho mais agitado da orla, um espaço democrático e descontraído, uma praia própria para banho em que não se gasta quase nada, com um clima despojado, um público diverso, uma galera mais alternativa de diferentes idades, gêneros e classes sociais. Um lugar de paquera, encontros, para reunir os grupos de amigos e um ponto de encontro da comunidade LGBT.*

Figura 20 – Matéria da Revista Online Freak Market.



Fonte: Elaborada pela autora.

É recente o apelido que o Aterrinho da Praia de Iracema recebeu, mas o nome já está oficializado em busca do Google com endereço, avaliação e fotos. Recente também é a crescente ocupação daquele pedaço da orla de Fortaleza não só por moradores da região. É lá que, principalmente, uma **galera mais alternativa** tem levado canga, violão e curtido o mar calminho e umas cerveja geladas no fim de tarde. A poucos metros dali está a Ponte Metálica, atração obrigatória a quem quer ter uma vista ainda mais bela daquela praia, e o Bar do Mincharia, sugestão para terminar a noite com os amigos. (Revista online Freak Market, 17 de Abril de 2017. Disponível em:

<<https://freakmarket.com.br/revista/vida/fortaleza-fora-do-obvio>>. Acesso 11 abril de 2019. Grifo da autora).

A primeira delas é a da *Revista online Freak Market* que indicando vários locais da cidade de Fortaleza para um público mais “alternativo” considera a Praia dos *Crush* como uma parada obrigatória. Além disso, afirma também que o nome estaria “oficializado” na Internet a partir das buscas no Google que disponibiliza o endereço, avaliações e fotos.

Com **praia própria para banho e clima despojado**, um **público diverso** ocupa o **trecho mais agitado da orla**.

Um dos pontos mais frequentados é a famosa "Praia dos Crush", trecho da orla localizado entre o Espigão da João Cordeiro e a Ponte dos Ingleses. O local é frequentado por **públicos de diversas idades**. O pôr do sol e a água gelada do mar são as atrações mais procuradas, além da **paquera e dos encontros** ao entardecer.

A professora Isabela Guilherme, 36, aproveitou o período das férias dela e dos dois filhos para levar os pequenos para um banho de mar. Apesar de morar perto da Praia do Náutico, ela resolveu pegar o trânsito da Avenida da Abolição e mostrar um novo pedaço da cidade à família.

"Lá em casa todo mundo é praieiro. Eles pedem para gente levar todo final de semana. A gente já foi no cinema e em parques nas férias, mas a praia é o que eles querem. Esse pedaço da Beira-Mar vem crescendo e ganhando **públicos diferentes de novos gêneros**", explica .

Os amigos Igor Freitas (18), Miguel de Almeida (17) e Vitória Emanuela (17) estão há um semana frequentando a "Praia dos Crush". "Por ser **barato** a gente vem direto. Não tem outro ponto da cidade como esse. Aqui não tem estresse com nada. **Somos todos amigos**", brinca a universitária Vanessa. (Diário do Nordeste, 15 de Julho de 2017. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/praia-dos-crush-ganha-mais-adeptos-nas-ferias-1.1788937>>. Acesso 11 de abril. 2019. Grifo da autora).

Essa segunda matéria do jornal Diário do Nordeste apresenta alguns adjetivos à praia: diversidade, local de paqueras e encontros, programação com baixo custo. Com duas falas de dois tipos de frequentadores, um mais familiar e outro de amigos, elas servem para ilustrar a afirmativa produzida pelo jornal de que a praia é o local de diferentes públicos de diversas idades.

Figura 21 – Capa da matéria da Folha de São Paulo.

**VIAJA** sãopaulo

## 'Praia dos crushes', Aterrinho é ponto de azaração e saltos no mar de Fortaleza



Fonte: Elaborada pela autora.

Ao redor, praticamente nenhum turista fritando ao sol - todos aproveitam as tardes para explorar mares mais afastados, sobretudo Canoa Quebrada. Isso torna o Aterrinho ponto certo para esbarrar com gente da cidade, reunida em **grupos de amigos** que tiram uma folga para manter o bronzeado e, quem sabe, **arranjar um encontro** para mais tarde. Não à toa, o lugar ficou conhecido no boca a boca como a "praia dos crushes". (Folha de São Paulo, 19 de novembro de 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2017/11/1936180-praia-dos-crushes-aterrinho-e-ponto-de-azaracao-e-saltos-no-mar-de-fortaleza.shtml>>. Acesso 11 abril. 2019. Grifo da autora).

Já nessa matéria da Folha de São Paulo é enfatizado como a PDC é um ponto de "azarção"<sup>40</sup>, e que não teria sido à toa que ela ficou conhecida assim, tendo em vista que pode possibilitar o arranjo de encontros.

Além da água apropriada para banho e de proporcionar um dos melhores pôr-do-sol da capital cearense, a Praia dos Chush é frequentada por **moradores e turistas de diversas idades, gêneros e classes sociais**. Nos últimos dois anos, banhistas vêm dando vida a essa parte da orla de Fortaleza que estava esquecida. De lá para cá, tornou-se a preferida de quem foge dos padrões das tradicionais barracas da Praia do Futuro, em busca de um **espaço democrático e descontraído**, e bem mais central. (No olhar digital, 21 de novembro de 2017. Disponível em: <<https://noolhardigital.com.br/tag/prai-dos-crush/>>. Acesso 11 abril. 2019. Grifo da autora).

<sup>40</sup> Azaração é um sinônimo do ato de paquerar, isto é: conversar, olhar, tocar uma pessoa que se tem uma atração ou interesse afetivo-sexual.

Vemos, outra vez, a característica atribuída à Praia como um local de diversidade, seja de faixa-etária, gênero ou classes sociais, tornando-se, desse modo, um espaço democrático e descontraído.

*POP Viagem: voltinha queer por Fortaleza*

A cidade de Fortaleza guarda muitos espaços gay-friendlies, às vezes desconhecidos por nativos e turistas LGBTs. A cidade, na busca de atrair um público com potencial de turismo e consumo, oferece diversão e respeito, de praia a boates. Confira as dicas do POP Turismo, que encerra em Fortaleza a série Turismo Queer. A Praia dos Crush, faixa da Praia de Iracema que localiza-se em frente ao Centro Cultural Belchior, é o **ponto de encontro da comunidade LGBT**, principalmente aos finais de semana. Sempre tem alguém que leva um sonzinho para tocar muita música pop, além de contar com uma barraca sinalizada com a bandeira LGBT. De manhã, é um ótimo local para garantir o bronze e dar um mergulho. Estendendo-se até a tarde, você pode contemplar o belíssimo pôr-do-sol. É um **ótimo local para paquerar** também, não à toa **recebeu o título dado pelo público jovem de Fortaleza**. (*Blog Populares*, 26 de outubro de 2018. Disponível em: <<http://blog.populares.com.br/pop-viagem-voltinha-queer-por-fortaleza/>>. Acesso 11 abril. 2019. Grifo da autora).

Essa última matéria, também de um site que propõe apresentar a PDC como um local a ser conhecido, enfatiza que ela é um ponto de encontro da comunidade LGBT. Além disso, também vemos novamente a palavra paquerar como sendo algo do cotidiano das práticas encontradas na Praia já que foi por esse motivo que os jovens teriam atribuído a ela a denominação de Praia dos *Crush*.

Todo esse conteúdo enfatiza como legítima a denominação dada à PDC já que ela faria jus ao que lá é visto. Elas não só deixam claro que a Praia dos *Crush* é um local de paquera, como reproduzem essa afirmação. Além disso, a questão da diversidade do público também é uma das principais características do trecho entre a Ponte dos Ingleses e o Espigão da João Cordeiro que são mais mobilizados por esse material.

Realmente, ao estar na Praia, pude perceber o quanto diverso é o seu público, que variam principalmente conforme os dias e os horários. Durante a semana, a praia é ocupada por moradores do bairro, alguns turistas e alguns moradores de outros bairros. Mas trata-se de uma paisagem bastante “vazia”, em que prevalece usos tais como: banhos de mar, tomar sol, beber uma água de coco, caminhar e correr na areia. Já no final de semana, especificamente aos domingos, há uma super lotação das areias da praia. O público mais familiar, em sua maior

parte, privilegia as idas matutinas enquanto que o público mais jovem privilegia ir no período da tarde, para “esticarem” até o por do sol.

Como já falei anteriormente, o momento de maior mistura ocorre nesses dias de domingo, em que os espaços da praia são ocupados por alguns públicos em particulares, como os LGBTQI + e os pirangueiros. Estes são mais numerosos que aqueles, e neles também há um público LGBTQI+ embora sejam diferentes dos primeiros em especial por adotarem condutas distintas. Os “bacaninhas”, como são denominados pelos “pirangueiros” sentam-se nas areias das praias com suas cervejas caras, curtem uma música quase silenciosa e conversam sobre a rotina, artistas de quem gostam, da situação política do país etc. Mas também usam da praia para relacionarem-se afetivamente, seja beijando alguém na prática do ficar seja conhecendo novas pessoas.

O “chegar em alguém” nesse grupo é bastante semelhante com o dos “pirangueiros”. A primeira coisa a ser perguntada costuma ser o perfil do *Instagram*. E a última, caso a conversa seja boa, o número do *WhastApp*. Ou seja, inicia-se e termina-se com as informações para não perder o contato com a pessoa, e levar aquela relação para as redes sociais.

Figura 22 – Jovens jogando bola e no fundo a barraca com a bandeira LGBTQI+



Fonte: *Blog da Jor.*

#### **4.2 As representações da PDC no Facebook**

Há no *Facebook* uma página direcionada à Praia dos *Crush*. Ela tem quase 8500 curtidas, e funciona como uma espécie de cartão-postal virtual da praia. Através de fotos, posts e comentários de pessoas que frequentam a PDC, a página na comunidade se tornou um meio importante para acessarmos as representações associadas à PDC. Diferente das matérias, este espaço é exclusivamente feito por pessoas que não teriam “nada” a ganhar com isso. Escrevem, avaliam, simplesmente porque o querem fazê-lo.

Figura 23 – *Print* de uma postagem do Perfil Praia Dos *Crush*.

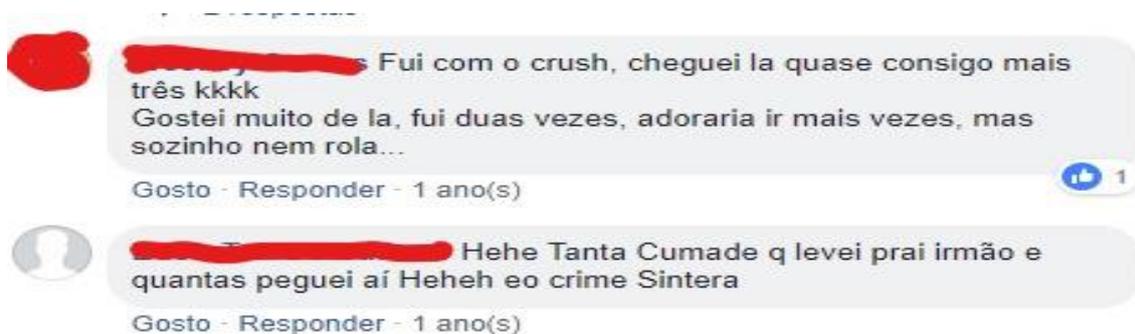
Fonte: Elaborada pela autora.

O perfil interessa-se por representar a Praia dos *Crush* como o lugar certo para “ficar” com alguém, seja alguém que se conheça lá mesmo ou alguém que já é seu namorado, “ficante”, seu “amor”:

Figura 24 – *Print* da página da Praia dos *Crush* no *Facebook*

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 25– *Print* da página da Praia dos Crush no Facebook.



Fonte: Elaborada pela autora.

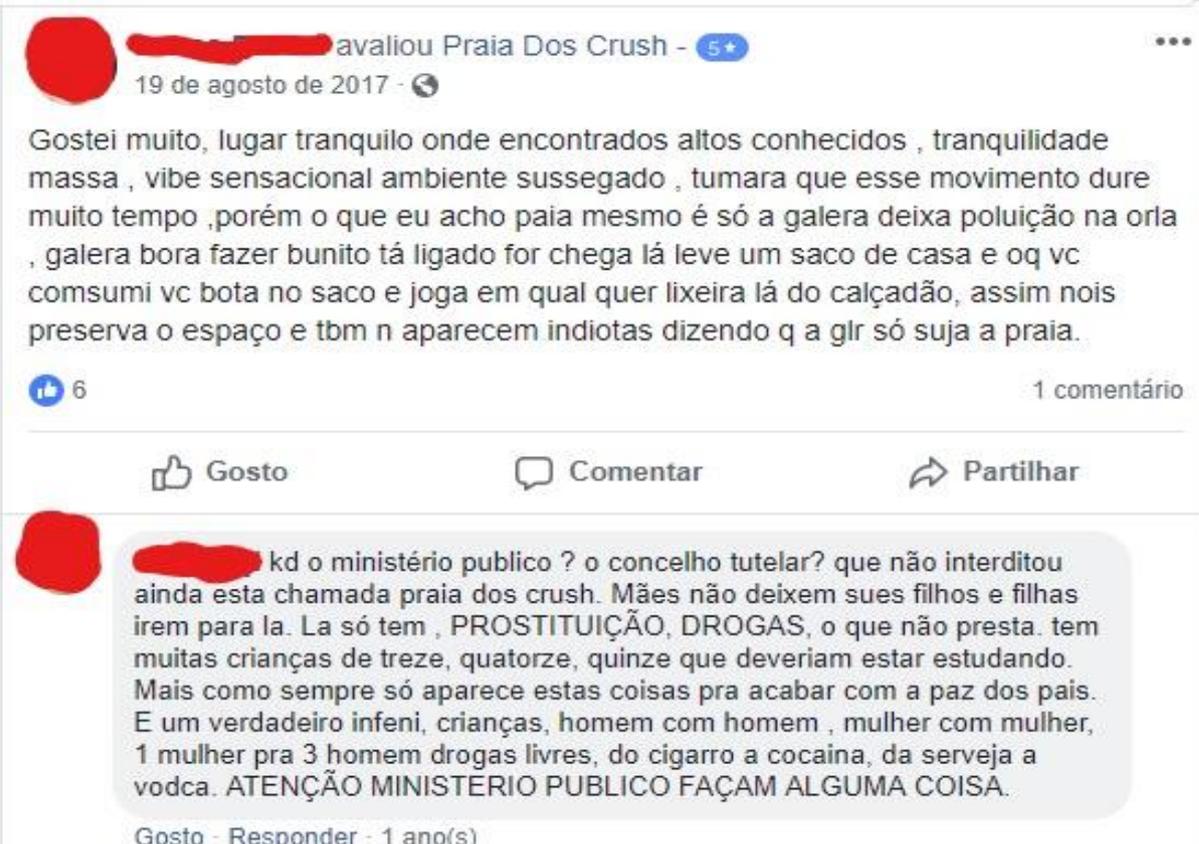
Figura 26 – *Print* da página da Praia dos Crush no Facebook.



Fonte: Elaborada pela autora.

Porém, além de vê-la como ponto de encontro de amigos, como um ótimo lugar para beijar, conhecer pessoas, também se comenta que há bastante poluição, drogas, prostituição, que os “piragueiros se apossaram”, “um verdadeiro inferno”, e que “lugar público é assim mesmo, é só as pessoas de bem não se acompanhar com as pessoas do mal”. Uma das pessoas até pede intervenção do conselho tutelar, já que o público seria sua grande maioria composto de “crianças entre treze e catorze anos”.

Figura 27 – Print da página da Praia dos Crush no Facebook.



 [Redacted] avaliou Praia Dos Crush -    
19 de agosto de 2017 · 

Gostei muito, lugar tranquilo onde encontrados altos conhecidos , tranquilidade massa , vibe sensacional ambiente sussegado , tumara que esse movimento dure muito tempo ,porém o que eu acho paia mesmo é só a galera deixa poluição na orla , galera bora fazer bunito tá ligado for chega lá leve um saco de casa e oq vc comsumi vc bota no saco e joga em qual quer lixeira lá do calçadão, assim nois preserva o espaço e tbn n aparecem idiotas dizendo q a glr só suja a praia.

 6 1 comentário

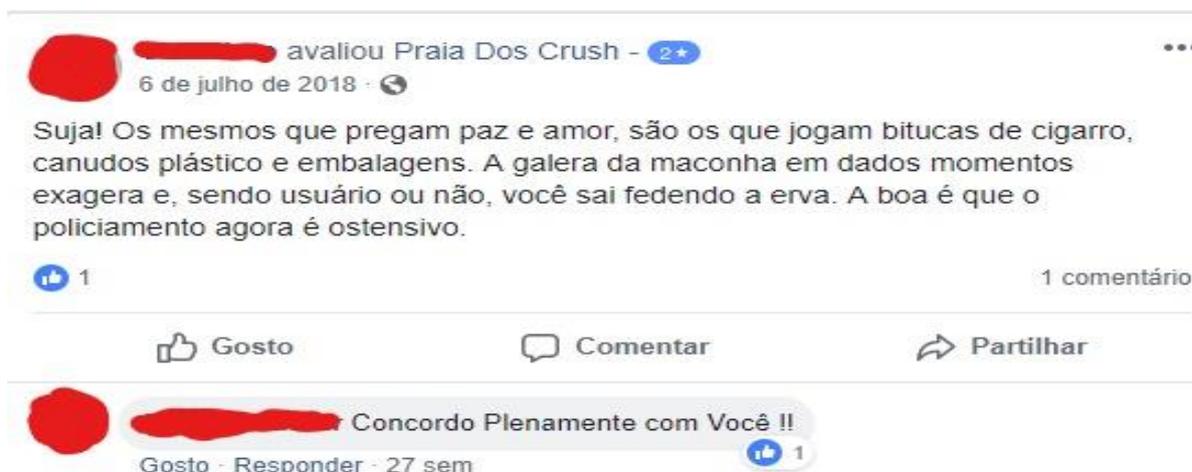
 Gosto  Comentar  Partilhar

 [Redacted] kd o ministério publico ? o concelho tutelar? que não interditou ainda esta chamada praia dos crush. Mães não deixem sues filhos e filhas irem para la. La só tem , PROSTITUIÇÃO, DROGAS, o que não presta. tem muitas crianças de treze, quatorze, quinze que deveriam estar estudando. Mais como sempre só aparece estas coisas pra acabar com a paz dos pais. E um verdadeiro infeni, crianças, homem com homem , mulher com mulher, 1 mulher pra 3 homem drogas livres, do cigarro a cocaina, da serveja a vodca. ATENÇÃO MINISTERIO PUBLICO FAÇAM ALGUMA COISA.

Gosto · Responder · 1 ano(s)

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 28 – *Print da página da Praia dos Crush no Facebook*



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 29– *Print da página da Praia dos Crush no Facebook.*



Fonte: Elaborada pela autora.

Percebo então que novamente é acionada a imagem da PDC como um lugar de paquera, de estabelecimento de relações afetivas, a ser frequentada com amigos ou “ficantes” já que “ir sozinho nem rola”. Por outro lado, ela também é descrita como um local de drogas, falta de educação quanto a forma que se deve estabelecer com os lixos.

### 4.3 As representações da PDC no Instagram

No *Instagram*, mais precisamente a partir do perfil @praiadoscrush\_oficial que tem aproximadamente 30000 seguidores as imagens atreladas à praia são diferentes. Os administradores do perfil estabelecem, entre seus seguidores, uma

relação de proximidade. Troca-se divulgação, questiona-se quando se irá à praia, mediam-se reencontros entre aqueles que se conheceram (ficaram) na praia, mas perderam os contatos.

Figura 30 – *Print do story do perfil do Instagram*



Fonte: Elaborada pela autora.

Rotineiramente, aos sábados, questiona-se quem irá à praia. O domingo sempre “ganha”, ele é o dia de maior movimento na Praia, principalmente porque consegue agregar jovens que passam a semana trabalhando e têm folgas aos domingos. Também há algo conhecido como divulgação. A divulgação é o ato dos perfis de se marcarem mutuamente, seja para atrair novos seguidores seja para fazer algum tipo de “parceria”, divulgar festas, produtos, que ocasionaria em um retorno financeiro. Esse tipo de “troca” tem se tornado mais comum nas redes sociais.

Almeida e Tracy (2003) no início dos anos 2000 definirão 3 principais tipos de mídia que são integrantes para as culturas jovens, principalmente na

difusão de músicas<sup>41</sup>: os meios de comunicação de massa (*mass media*); as mídias setoriais (*niche media*); e por último as micromídias (*micro media*). A primeira inclui a televisão, as rádios comerciais e os periódicos de circulação nacional. A segunda são os segmentos voltados para os jovens, em que tais veículos “contribuem para categorizar os grupos, classificar as preferências e padronizar o vestuário” (p.172). Seu principal exemplo seria a MTV<sup>42</sup>. O terceiro é representado pelos *flyers*, *fanzines*, *flyposters*, rádios-pirata e listagens de endereço, telefone e e-mail e também o boca a boca. As micromídias deturpam de mais credibilidade entre os jovens.

Ultimamente, as culturas jovens têm utilizado principalmente as redes sociais para se informarem, conhecerem pessoas, seguir pessoas que influenciarão seus estilos de vidas. Além disso, as redes sociais conseguem movimentar o *fazer-se conhecer* em amplitudes não alcançadas por essas micromídias, que eram, de acordo com as autoras, o que circulava de forma mais efetiva entre os jovens e que tinha a confiabilidade deles.

Figura 31 – *Print* do que eles chamam de divulgação

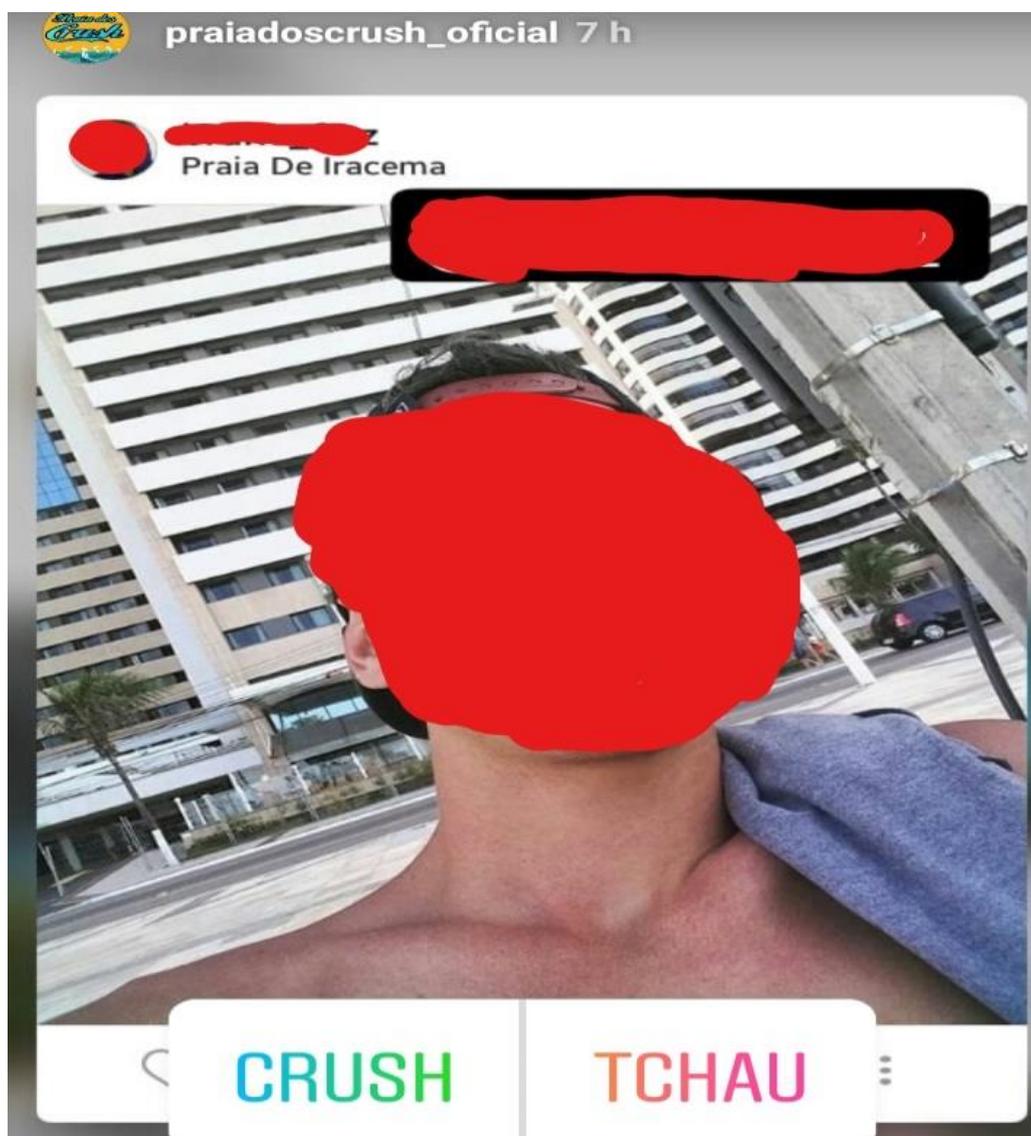


Fonte: Elaborada pela autora.

<sup>41</sup> No entanto, o contato com essas mídias não se restringe às músicas.

<sup>42</sup> MTV, sigla de *Music Television*, foi uma emissora da rede de TV brasileira. Criada em 1990, foi extinta em 2013. A principal característica da MTV era a de divulgar diversos clipes musicais de diferentes bandas, cantores. Era uma das formas pelas quais, principalmente os jovens, poderiam acompanhar aqueles dos quais eram fãs.

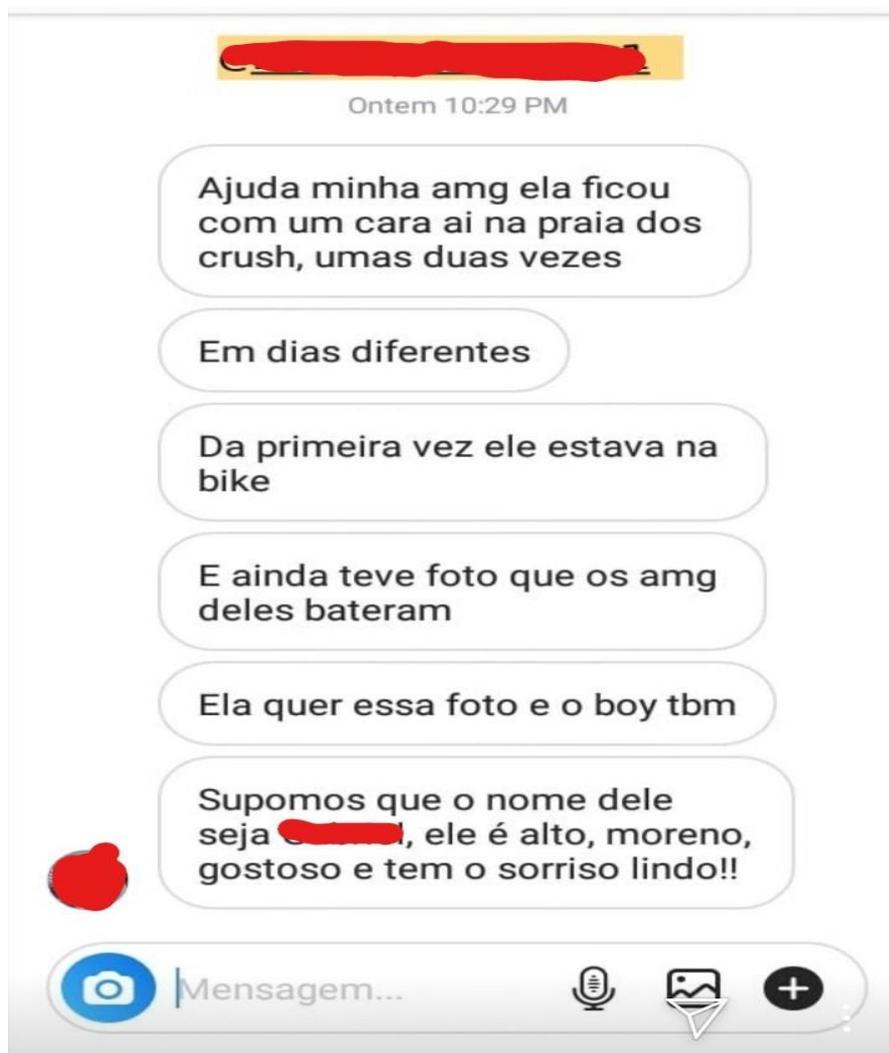
Figura 32 – Print do story do perfil do Instagram.



Fonte: Elaborada pela autora.

Todas as segundas, o perfil da PDC divulga outros perfis que estão interessados em conhecer novas pessoas. Anteriormente há a procura das pessoas para fazerem parte da “brincadeira”. A partir do “crush” ou “tchau” apresenta-se alguém, marca seu perfil e os que se interessarem clicam em “crush” e podem começar a seguir a pessoa, e quem sabe, desenvolver algum tipo de relação com ela.

Figura 33 – Print do *story* do perfil do *Instagram*.



Fonte: Elaborada pela autora.

O perfil também serve como mediador para encontrarem-se os amores perdidos. As pessoas costumam dar características de quem se está procurando. O perfil posta a foto da conversa, e caso seja possível, há o reencontro entre os desencontrados.

O perfil do *Instagram* também media um grupo no *WhatsApp* que qualquer pessoa pode fazer parte, apenas seguindo o link disponibilizado no início do perfil. No entanto, uma das regras do grupo é o de interagir. Minha permanência no grupo foi bastante rápida, não conseguia acompanhar todas as mensagens, nem respondê-las, o que ocasionou minha exclusão.

Figura 34 – Regras do Grupo do WhatsApp



praiadoscrush\_oficial 1 h

**Se entrar respeite as regras!**

Praia dos Crush Oficial 🌴🌅

Criado por você, 11/05/18

**Link na bio**

**Descrição**

**Sejam Bem Vindos ao Grupo**

👉 **Regras** 👉

- ❌ Proibido conteúdo pornográfico.
- ❌ Proibido qualquer tipo de discriminação.
- ❌ Se enviar fotos ou vídeos de drogas você será removido.
- ✓ Seja um membro ativo, pois se ficar na moita será removido.
- ❌ Proibido discussões no grupo, querem brigar se matem no pv. 🙄👊👊👊👊

Façam amizades e se divirtam.👥

Encontro do grupo todo domingo às 14hrs no Letreiro **Fortaleza**.

**Adm do Instagram: Pedro Evander**

Fonte: Elaborada pela autora.

O grupo virtual tanto serve para marcar encontros quanto para mediar diálogos entre os jovens. Envia fotos e vídeos deles mesmos em casa ou na praia; perguntam quem irá à PDC; “*onde está as gata desse grupo?*”; e embora seja proibido conteúdo pornográfico, eles enviam fotos e mensagens de teor sexual. Chamou-me atenção como eles tecem tramas de cumplicidade sem muitas vezes sequer se conhecerem pessoalmente. Passam a imagem de “somos todos amigos” o que os leva a compartilhar arquivos e pensamentos que não são partilhados com desconhecidos.

Nesse sentido, a partir da exposição das dinâmicas das redes sociais, percebe-se que atualmente os acontecimentos de um lugar, na maioria das vezes, nunca permanecem somente nele. Há um deslocamento do real para o virtual, e vice-versa, – que não necessariamente deixa de ser verdadeiro – mas que rompe com a lógica de tempo e espaço tal como eram apresentados antes da influência tecnológica. Ou seja, pode-se sair da praia e ainda assim continuar se relacionando com o que acontece ao redor dela através de um aplicativo.

No que diz respeito à utilização das redes sociais para a mediação de afetos, convém destacar que estas atuais formas pelas quais as juventudes têm se envolvido afetivamente e sexualmente com seus parceiros são constantemente colocadas em pauta, seja na academia, nas novelas, na literatura, nas redes sociais. Todas com diferentes abordagens que se misturam. Algumas dessas abordagens têm um caráter quase de saudosismo com o passado; outras reforçam o caráter passageiro – mas nem menos intenso – de como se dão os relacionamentos juvenis; outras privilegiam as relações com parceiros do mesmo sexo etc. Para Pais (2012):

Há ritualizações associadas aos afetos e à sexualidade que produzem, entre os jovens, uma mediação entre desejos, angústias e decepções. Também é frequente, quando surge o cansaço, mandar-se o (a) namorado (a) “dar uma volta”, ou pô-lo (a) a “girar” ou “bugiar”, isto é, pô-lo (a) a distância ou à ilharga. A metáfora das “voltas” aplica-se ainda às relações sexuais (PAIS, 2012, p.9).

Ora, se quisermos atualizar ainda mais essa citação de Pais, poderíamos completar que o mandar o outro “dar uma volta” pode ser dado também, hoje, através das redes sociais. Pode-se bloquear, deixar de seguir, silenciar.

Assim como no espaço da Praia e nas redes, há a prevalência de alguns termos, sendo os de “ficar”, “pegar” mais utilizados. Mesmo que facilitem a compreensão de que esses envolvimentos sejam efêmeros e/ou descompromissados eles não perdem em intensidade.

ALMEIDA e TRACY (2003) em obra conceituada para se pensar as subjetividades jovens já nos lançavam luzes para pensarmos sobre os regimes afetivos juvenis. O ficar, prática esperada, desejada, planejada é definida na obra como: “Ficar é essencialmente beijar. Beijar em série, beijar muito, reconfigurando temporalidades antes submetidas ao crivo da cadência amorosa e sentimental” (p.136). Embora acreditemos que as autoras inovaram por suas significações do

*ficar*, estabelecendo diferenças entre o namoro e o *fica*, diferença essa que é percebida na distinção que elas fazem entre sentimento e afeto, tais distinções tornaram-se mais dissolvidas atualmente. Separar experiências entre profundas, intensas, duradouras com outras rasas, rápidas é um risco hoje em dia. A própria palavra *crush* usada ora para se referir a diversas pessoas pelas quais se têm interesses afetivos ora para somente uma, nos mostra como se tornou mais complexo as maneiras pelas quais as juventudes orientam seus desejos, suas sexualidades.

Para Elias, tal processo de denominação das afetividades juvenis (“*pegação*”, “*ficar*”, “*crush*”, “*contatinho*”) seria um retrato das mudanças observadas nos últimos anos no que condiz ao modo pelo qual os jovens experienciam suas sexualidades, pois ele afirma que “o aparecimento mais ou menos súbito de palavras em línguas quase sempre indica mudanças na vida do próprio povo” (ELIAS, 2011, p. 66).

No espaço da praia já presenciei inúmeras vezes conversas entre os jovens sobre as pessoas que estavam conhecendo. Entre amigos, os jovens pedem conselhos sobre os “*ficas sérios*”, que não são entendidos como namoros, mas que têm regras de funcionamento determinadas pelos próprios parceiros. Pode haver ou não exclusividade – o não envolvimento com outras pessoas – assim como outras características. Nessas conversas, a maioria demonstra que mesmo que nem eles saibam direito o que têm isso não significa que aquilo que vivem seja menos verdadeiro. Muitas vezes isso é sinônimo de leveza para os jovens, por não se sentirem por demais pressionados.

Finalmente, penso tal qual Diogo (2011), que embora peque em ver os meios digitais como mundos não reais, adiantou que as interações sociais e as trocas entre os jovens estariam, no decorrer dos anos, mais associadas ao virtual. Acredito que as sociabilidades dos jovens da PDC demonstram que esses dois “mundos” mostram-se cada vez mais inseparáveis, tendo em vista o sentido de complementação entre eles, por exemplo, conhece-se uma pessoa na praia e a partir das redes sociais coletadas é que se aprofundam os conhecimentos necessários para fortificar (ou não) uma futura relação.

#### 4.4O que os jovens pensam sobre o nome atribuído à Praia

A maioria dos jovens com quem conversei gosta do nome dado à praia e acredita que ele combina com ela. Para uma das frequentadoras que tive a oportunidade de entrevistar o nome “*é interessante, até porque acho que várias pessoas marcam de se encontrar lá, ou até mesmo ficar*”.<sup>43</sup> Já outro fez questão de enfatizar que o nome Praia dos *Crush* é “*legal e jovem, bastante criativo, que chama a atenção da juventude*”. Ou *inusitado “mas deve ser pelo fato de ser um ambiente que as pessoas podem se socializar e até paquerar”*.<sup>44</sup>

*Eu acho que ficou com esse nome porque as pessoas iam pra encontrar os crush né hehe. Eu gosto de ir pra praia quando eu tô...tipo...quero sair da minha rotina porque eu passo a semana toda estudando e tal. É fazendo trabalho e tal. Aí quando eu tô muito cansada...eu gosto de ir pra praia porque é de certa forma pra mim uma forma de descansar, de desopilar um pouquinho. Porque tipo eu amo praia. Qualquer praia. E eu gosto muito da Praia dos Crush. E...tipo assim...é mais acessível pra mim. Aí eu gosto de lá por causa disso. E...eu...tipo assim acho que é... por causa disso muita gente gosta e tal, aí a praia acaba ficando um pouco suja né. Pessoal não respeita e tal.*<sup>45</sup>

*Na minha opinião acho que combina sim, porquê lá pincipalmente nos domingos lota bastante, tem pessoas de vários tipos e diversidade, alguns lá se paqueram e foi por isso que deram esse nome. Combina totalmente com o “clima” de lá. Entendi. E você já foi paquerado ou paquera lá? Não. Mas você conhece alguém que já foi? Sim, várias...*<sup>46</sup>

*É um nome daora, até pq mt gnt cola na praia atrás de uma “crush” e rola mt disso por lá. Você já conseguiu alguém lá? Ou sabe de alguém próximo que tenha conseguido? Já, os dois casos.*<sup>47</sup>

Nesse sentido, eles não apenas gostam como também confirmam que o nome faça jus ao que é a PDC: uma praia jovem destinada a um público jovem. Além disso, fica claro na fala desses jovens de que a alcunha *crush* faz jus à proposta da PDC, combinando com o “clima” de lá. Ou seja, um ótimo lugar para encontrar alguém, ir com namorado, ficante.

<sup>43</sup> Trecho de entrevista com Marcela, realizada no dia 09 de abril de 2019.

<sup>44</sup> Trecho de entrevista com Vitor, realizada no dia 11 de abril de 2019.

<sup>45</sup> Trecho de entrevista com Gabriela, realizada no dia 09 de abril de 2019.

<sup>46</sup> Trecho de entrevista com José, realizada no dia 17 de abril de 2019.

<sup>47</sup> Trecho de entrevista com Lucas, realizada no dia 02 de abril de 2019.

Em busca de diversão, de relaxamento, de interação com novas pessoas, de curtidão com os amigos. Também “tomam” para si a palavra “crush”, pois ela faz parte do vocabulário deles, já que é *uma palavra mais utilizada por jovens*:

*Acho interessante, o nome convém pois “crush” é uma palavra mais utilizada por jovens e a praia também é frequentada por um público jovem. Acho que é mais uma forma dos jovens se encontrarem, conhecer pessoas novas e até quem sabe um “crush” como a gente fala.*<sup>48</sup>

Para Luan (17 anos) a praia proporciona experiências e sensações únicas na vida. Lá ele foi perdendo a timidez de conversar com pessoas até então desconhecidas, de fazer novas amizades ou de “ficar” com alguém.

*Legal até, combina bastante com a praia, pq normalmente as pessoas vão lá na expectativa de ficar com seus crush, ou até msm conhecer uns nvs. **Você já conheceu alguém lá? Ou sabe de uma pessoa que já tenha conhecido?** Eu já conheci sim alguém por lá, e tbm conheço pessoas que conheceram alguém por lá. **E como é?** Experiência única na vida. Sempre bom conhecer pessoas nvs. Sinceramente, é uma experiência única quando você conhece alguém na praia. Pra mim, quando você conhece alguém na praia, pela primeira vez, obviamente que vai bater a vergonha, mas, tipo, com o tempo, sei lá, você vai conhecendo várias pessoas, tipo, mano, é uma sensação única, entende? É a única coisa que eu consigo falar. Na praia, quando você conhece pessoas é uma sensação única da vida. **Que massa! Algumas dessas pessoas se tornaram amigas ou algo mais?** Sim, mas algumas acabaram se separando tbm, e outras são apenas amigas msm<sup>49 50</sup>.*

As imagens e significados atribuídos à Praia dos *Crush* são de dois tipos. Hora ela significa momentos de diversão, felicidade, lugar certo para relaxar, descansar hora se constitui como um local em que as pessoas podem ser livres. De acordo com Luan (17 anos) a “Praia dos *Crush* [...] é um local onde as pessoas podem ser livres. Tanto mentalmente, quanto fisicamente. Local de encontros únicos e experiências”.<sup>51</sup>

Para Larossa (2011) a palavra experiência é na maioria das vezes utilizada de forma banal, sem explicações teóricas, críticas ou práticas. É por isso que o autor mobilizará alguns princípios para a compreensão do que seria experiência: princípio da exterioridade; princípio da reflexividade; e princípio da transformação. Os três significam:

<sup>48</sup> Trecho de entrevista com Juliano, realizada no dia 29 de março de 2019.

<sup>49</sup> Quando digitam mensagens é comum haver a abreviação das palavras. *Pq* é referente a porque; *msm* é igual a mesmo; *nvs* significa novos; e finalmente *tbm* é utilizado para também.

<sup>50</sup> Trecho de entrevista com Luan, realizada no dia 09 de abril de 2019.

<sup>51</sup> Trecho de entrevista com Luan, realizada no dia 09 de abril de 2019.

Se lhe chamo “princípio de exterioridade” é porque essa exterioridade está contida no ex da própria palavra ex/periência. Esse ex que é o mesmo de ex/terior, de ex/trangeiro, de ex/tranheza, de êx/tase, de ex/ílio. Não há experiência, portanto, sem a aparição de alguém, ou de algo, ou de um isso, de um acontecimento em definitivo, que é exterior a mim, estrangeiro a mim, estranho a mim, que está fora de mim mesmo, que não pertence ao meu lugar, que não está no lugar que eu lhe dou, que está fora de lugar [...] Se lhe chamo “princípio de reflexividade” é porque esse me de “o que me passa” é um pronome reflexivo. Poderíamos dizer, portanto, que a experiência é um movimento de ida e volta. Um movimento de ida porque a experiência supõe um movimento de exteriorização, de saída de mim mesmo, de saída para fora, um movimento que vai ao encontro com isso que passa, ao encontro do acontecimento. E um movimento de volta porque a experiência supõe que o acontecimento afeta a mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero, etc. Poderíamos dizer que o sujeito da experiência se exterioriza em relação ao acontecimento, que se altera, que se aliena [...] Se lhe chamo “princípio de transformação” é porque esse sujeito sensível, vulnerável e ex/posto é um sujeito aberto a sua própria transformação. Ou a transformação de suas palavras, de suas ideias, de seus sentimentos, de suas representações, etc. De fato, na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobre tudo, faz a experiência de sua própria transformação. Daí que a experiência me forma e me transforma. Daí a relação constitutiva entre a ideia de experiência e a ideia de formação. Daí que o resultado da experiência seja a formação ou a transformação do sujeito da experiência. Daí que o sujeito da experiência não seja o sujeito do saber, ou o sujeito do poder, ou o sujeito do querer, senão o sujeito da formação e da transformação. Daí que o sujeito da formação não seja o sujeito da aprendizagem (a menos que entendamos aprendizagem em um sentido cognitivo), nem o sujeito da educação (a menos que entendamos educação como algo que tem que ver com o saber), mas o sujeito da experiência. (LAROSSA, 2011, p.7).

Ou seja, o estar na praia dos *crush* produz, como produziu em Luan, um sentimento de se deixar afetar, de se deixar mudar pela praia. Se antes ele tinha vergonha de começar uma conversa com alguém que não conhecia, com a ajuda de amigos conseguiu superar isso, e experimentar sensações antes nunca sentidas.

As significações do que significa a Praia dos Crush continua:

*Significa conexão com a natureza e história. Além de ser uma diversão 100 % gratuita (se você quiser) e de qualidade. Um lugar também super democrático e acessível. É o meu lugar preferido de Fortaleza.*<sup>52</sup>

*É o local em que eu descanso o corpo e a mente dos problemas, é o lugar em que eu me sinto livre, então ela significa liberdade.*<sup>53</sup>

A relação entre Praia dos *Crush* e o sentimento de liberdade é bastante presente na fala dos jovens. Percebo então que essa liberdade ocorre

<sup>52</sup> Trecho de entrevista com Ana, realizada no dia 29 de março de 2019.

<sup>53</sup> Trecho de entrevista com Juliano, realizada no dia 29 de março de 2019.

principalmente pelas práticas que lá são adotadas. Para Ferreira (2008), em diálogo com Machado Pais, a partir dos “ingredientes na arte de bem viver” como a música, as drogas, as bebidas é que esse sentimento se basearia. Além disso, também há o desejo de que a vida é pra ser vivida festivamente “com intensidade e prazer, aberta a novas experiências, à exploração de diferentes sensações e imagens, à comunicação, à partilha, ao convívio, sempre na perspectiva da liberdade como fundamento da acção”. (FERREIRA, Vitor, 2008, p.110). Aliás, quando estamos falando de jovens da periferia, que cotidianamente passam por situações embaraçosas, que vivem realidades violentas, que os matam e os aprisionam, encontrar um lugar para socializarem-se, em um dos bairros mais conhecidos da cidade de Fortaleza, e que apesar de toda a repressão que ainda sofrem, sabem que é muito mais difícil serem mortos por esses atos ali, naquele lugar da cidade, do que em seus lugares de origem devido a publicização que ocorreria se fossem mortos em bairros nobres da cidade, pois em seus bairros, conjuntos habitacionais, eles serão mais uma estatística.

A PDC enquanto um espaço público, localizado na cidade, entre ruas, mobiliza o sentimento de liberdade dos jovens porque ao lhe enxergarem como um refúgio, lugar de interações afetuosas buscam-na para exercerem seus espíritos livres.

A “rua” e as redes de sociabilidade que a partir dela se estruturam, proporcionam-lhes um espaço convivial de natureza informal e lúdica, onde sentem que podem viver longe dos olhares disciplinadores da família e dos professores, ou seja, à margem das instituições que tradicionalmente o enquadram e controlam, à distância dos interditos que tais instituições ditam. Simultaneamente, concedem-lhes um amplo espaço de possibilidades de ação e uma ampla margem de liberdade para concretizá-las, permitindo-lhes experimentar os limites da sua própria individualidade, bem como toda uma nova ordem de referências sociais e simbólicas que colocam esses jovens no mundo sob novas condições sociais e culturais, no âmbito de novos coletivos e regras comuns. (FERREIRA, Vitor, 2008, p.119).

Isto é, a praia dos *crush*, nesse sentido, traria benefícios tanto para o corpo quanto para a mente. Lugar de refúgio (da rotina, da família, dos problemas), já que “*vamos para curtir, relaxar, tirar o estresse da semana, sabe?*”,<sup>54</sup> ela também possibilita que os jovens, entrem em contato com a natureza e com os seus pares.

---

<sup>54</sup> Trecho de entrevista com José, realizada no dia 17 de abril de 2019.

Ora, não apenas a PDC significa muito para os jovens como eles também significam muito para ela. Não devemos apenas compreendê-la na tentativa de relacioná-la somente com os seus frequentadores. A areia, o mar, o calçadão:

Longe de serem a coisa inanimada tipicamente imaginada pelo pensamento moderno, materiais, neste sentido original, são os componentes ativos de um mundo em formação. Onde quer que a vida esteja acontecendo, eles estão incansavelmente em movimento – fluindo, se deteriorando, se misturando e se transformando. (INGOLD, 2015, p.61).

Desse modo, embora estes elementos da natureza ainda estivessem lá, “fluindo, se deteriorando, se misturando e se transformando” os usos que deles são feitos não apenas os mudam como também transformam os seus usuários. Apenas o que tem vida pode fazer outro ser sentir-se vivo. E é isso que a PDC proporciona aos seus frequentadores.

#### **4.5 Eventos na Praia dos *Crush***

A Praia dos *Crush* tem se constituído como um local agitado. Entre eventos de cunho político, festas, notícias de casais interagindo sexualmente em público e até um caso de assassinato<sup>55</sup>, o trecho entre o Espigão da João Cordeiro e a Ponte dos Ingleses tem sido bastante ocupado pelos fortalezenses e também turistas. O objetivo de trazer à tona esses eventos se faz importante porque eles atualizam que tipos de sujeitos estão naquele território.

Retomo o termo “práticas cotidianas” de Certeau (2003) tendo em vista que é a partir dessas práticas que se faz a cidade, pois seus “modos de uso”, mesmo que planejados anteriormente por propostas culturais, urbanísticas não se mantêm como previsto, pois é o cotidiano que sustentará e validará a utilização daquele espaço para determinados fins. O melhor exemplo disso é de que não se planejou que aquele trecho passasse a ser conhecido como Praia dos *Crush*, no entanto, seus usos possibilitaram essa denominação. A diferenciação que Certeau estabelece entre espaço e lugar é relevante para compreendermos a lógica de ocupação da PDC, pois para o autor:

---

<sup>55</sup> Para ter acesso à matéria completa: [http://cnews.com.br/cnews/noticias/115609/jovem\\_morto\\_na\\_praia\\_dos\\_crush\\_nao\\_era\\_criminoso](http://cnews.com.br/cnews/noticias/115609/jovem_morto_na_praia_dos_crush_nao_era_criminoso)

Entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do "próprio": os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar "próprio" e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade (...) Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidades polivalentes de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço está para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando percebida na ambigüidade de uma efetuação (...) Em suma, o espaço é um lugar praticado. (CERTEAU, 2003, p.201-202).

Se no lugar é impossível que duas coisas distintas o ocupem, no espaço não há tal unicidade, e por isso é ele marcado por dissonância, conflitos e apropriações de diferentes significados. Os eventos, principalmente de cunho político, chamaram-me bastante atenção por conter essas diferenças nos usos do espaço da Praia e conseqüentemente dos significados atribuídos a ela.

No ano de 2017 o "Happy Hour da Diversidade" teve como lócus a Praia dos *Crush*. Com o lema "*Uma cidade sem Lesbofobia é um direito de todas*", o evento reuniu pessoas que lutam pela causa.

Dia 29 de Agosto é o dia Municipal da Visibilidade de Lésbicas e Mulheres Bissexuais em Fortaleza, a data não poderia passar despercebida por isso a Secretaria dos Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual) promove hoje, 27 de agosto mais uma edição do "Happy Hour da Diversidade".

O evento acontece pela primeira vez na "Praia dos Crush", iniciando às 16h com os DJ's Duda Silva e Marcelo Forte. Durante o evento também acontecerá a premiação dos times vencedores do Torneio da Visibilidade Lésbica 2017 que aconteceu nos últimos dois finais de semana.

"Celebrando o direito de ser e existir, com o tema " Uma cidade sem Lesbofobia é um direito de todas", estaremos na Praia dos Crush levando informações, cultura e entretenimento para todas e todos a fim de difundir e celebrar essa data tão importante para o movimento social LGBT, pois visibiliza as lutas das mulheres contra o machismo, o racismo e a Lesbofobia." (Blog Para Mocinhos, agosto de 2017. Disponível em <<http://www.paramocinhos.com.br/2017/08/prefeitura-de-fortaleza-promove-happy.html>>. Acesso 11 abril. 2019. Grifos meus).

Figura 35 – Evento *Happy Hour* da Diversidade.

## Prefeitura de Fortaleza promove "Happy Hour da Diversidade" na Praia dos Crush

Evento, Fortaleza, LGBT



Fonte: Elaborada pela autora.

A PDC, com toda a sua diversidade exposta nas matérias, eventos e redes sociais que aqui já vimos, concentrou-se em um determinado tipo de público. Em meados de 2017 um amigo e eu estávamos deitados nas areias da PDC e como ele já a frequentava há mais tempo que eu, confidenciava-me, apontando para uma bandeira LGBT que encontrava-se enfiada na areia da Praia, já bastante consumida e deteriorada pelo sol, que ela era um símbolo da diversidade que poderia ali ser encontrada. Porém, no ano de 2018, quando iniciei a pesquisa, a PDC já não era a mesma caracterizada pelo meu amigo. Minha primeira “tomada de consciência” acerca de seus frequentadores, embora eu já pensasse sobre isso, se deu no final do ano de 2018 quando eu havia ido para um Ato em protesto ao então

candidato à presidência Jair Bolsonaro<sup>56</sup>, que depois seria eleito. Insiro aqui uma parte do meu diário de campo desse dia:

No dia 29 de novembro, num sábado à tarde, a Praia dos *Crush* foi o ponto de concentração para um movimento que ficou conhecido em todo o Brasil como “#ELENÃO”<sup>57</sup> em referência ao candidato à presidência da República Jair Bolsonaro. Representada como um ponto de diversidade sexual, geracional, étnica (bandeiras defendidas pelo movimento citado) aquela faixa da praia (embora o movimento não tenha ficado apenas lá, levando em consideração as milhares de pessoas que lá se encontravam) foi a escolhida como o ponto de partida. Sem dúvida, tal representação da Praia dos *Crush* é bastante comum – mesmo que eu ainda não saiba bem se podemos percebê-la desse modo.

Eu não poderia deixar de estar presente por dois motivos: primeiro porque o movimento “#ELENÃO” me representou, me representa e irá me representar sempre; e segundo porque queria entender mais o porquê de a Praia dos *Crush* ter sido a escolhida como o ponto de concentração do Ato. Os organizadores do movimento poderiam muito bem ter escolhido colocar o nome de Aterrinho da Praia de Iracema (que já foi muitas vezes ponto de partida de diversos outras passeatas) ou o Centro Cultural Belchior que fica ali do lado. Ambos também concentraram as pessoas presentes. Com certeza, existe uma importância que foi dada à PDC pelas representações que falei anteriormente.

A diversidade do movimento era visível: pessoas de diferentes orientações sexuais, geracionais, étnicas, de classe, políticas (eleitores de Fernando Haddad (PT), Ciro Gomes (PDT), Marina Silva (Rede), Guilherme Boulos (Psol) e Vera Lúcia (PSTU).)<sup>58</sup> etc. No entanto, não os identifiquei como àquelas pessoas que sempre estão na Praia dos *Crush*. Muitos deles sequer tinham ido alguma vez à Praia dos *Crush*, e foi o que eu constatei após perguntar para algumas pessoas se elas já tinham ido até lá. Além disso, o perfil oficial do *Instagram* da Praia dos *Crush* (@praiadoscrush\_oficial) lançou uma enquete em suas histórias – como lança todos os sábados – perguntando quem iria à Praia naquele dia ou só no domingo (sem fazer nenhuma referência ao movimento, o que se manteve durante a realização da passeata e depois dela). O resultado foi o mesmo que sempre costuma ser: a maioria iria ao domingo, cerca de 74 %. Aliás, também observei que na faixa de areia da Praia estava uma significativa quantidade de pessoas, em que uma boa parte estava apenas olhando para o ato e outra “curtindo” o mar e sol<sup>59</sup>.

Eu fiquei incrédula quanto a possibilidade de a Praia dos *Crush* ser aquilo que as pessoas achavam que ela era. Por isso minhas dúvidas se aquelas representações fariam jus ou não a PDC. Por outro lado, as representações não surgem do nada, elas são construções das pessoas que vivem em sociedade. O que

<sup>56</sup> Para saber mais sobre o movimento #EleNão, acesse <<http://www.vermelho.org.br/noticia/315409-1>>.

<sup>57</sup> A hashtag #EleNão surgiu na internet e foi encabeçada, principalmente, por mulheres de todo o país em luta contra o fascismo, homofobia, racismo, incitação à violência etc. que fazem parte das afirmações costumadamente pronunciadas pelo atual presidente Jair Bolsonaro, que na época era apenas um candidato.

<sup>58</sup> Também foi bastante comum ver adesivos, de diversos candidatos à presidência, que contavam com a #EleNão escrita.

<sup>59</sup> Trecho retirado do diário de campo.

me apontava que mesmo que uma mudança de público fosse visível, isso não significava que eles simplesmente teriam sumido dali. Como já expliquei anteriormente.

Esse evento, que tinha como ponto de partida a PDC, atualizava seus usos na medida em que era o lugar de concentração de um movimento diverso com pautas em comum. Quando falo de uma concentração de um público, notadamente jovens moradores da periferia de Fortaleza/CE estigmatizados com o adjetivo de “piranguinhos”, isso não significa que demais pessoas, de estilos e realidades distintas, deixaram de ir à Praia. A questão é que não o fazem na mesma proporção do que os “piranguinhos”, portanto não causam uma surpresa quanto ao número de integrantes de seus *bondes*<sup>60</sup>.

Figura 36 – PDC no dia 29 de novembro de 2018 durante o Ato #EleNão



Fonte: Elaborada pela autora.

Outros eventos de cunho político aconteceriam para que algumas questões fossem geradas por mim em relação ao público.

---

<sup>60</sup> Palavra utilizada pelos jovens piranguinhos para falar dos grupos aos quais pertencem.

No dia 31 de março, domingo, saí de casa às 15h25min para uma Aula-Ato que tinha como ponto de encontro a Praia dos *Crush*. Fui de Uber porque já estava um pouco atrasada. Cheguei por volta das 15h50min. Uma amiga estava à minha espera. Ainda não estava tão cheio. De início, procurando enxergar a areia da praia percebi que ela estava lotada como de costume. No entanto, não fui até lá e fiquei, juntamente com as demais pessoas do Ato, ao lado do Centro Cultural Belchior. Estendi minha toalha, e minha amiga e eu sentamos no chão mesmo para acompanhar a Aula-Ato. O objetivo da Aula-Ato foi o de, através de canções, histórias e memórias, protestar contra o interesse do atual Presidente Jair Bolsonaro de comemorar o dia 31 de março, que no ano de 1964 deu início a um golpe, a uma ditadura que duraria 21 anos. A tarde foi intensa, com a presença de pessoas que admiro bastante pela garra; pessoas que transformaram a dor causada pela ditadura em força para lutar. Muitas foram às vezes que me emocionei. Havia pessoas distintas, bandeiras e movimentos diferentes. Mas o desejo de lutar contra qualquer tipo de opressão, de violência os unira. Em certo momento, um dos organizadores falou alto, no microfone, para gritarmos “Ditadura nunca mais. Esquecer? Jamais” a fim de que “a praia possa nos escutar”. Nesse momento, compreendi mais forte do que da minha chegada, a percepção de que os que estavam depois da areia, “curtindo a praia”, não estavam interessados no que estava ali acontecendo. Mesmo assim, o Ato seguiu. Ele terminaria às 19, mas minha amiga foi para casa às 17h50min e eu resolvi ir até depois da areia. Chegando lá, percebi que os frequentadores da PDC estavam escutando música, dançando, bebendo<sup>61</sup>.

Figura 37 – Aula-Ato sobre a ditadura militar



Fonte: Elaborada pela autora.

<sup>61</sup> Trecho retirado do diário de campo.

Figura 38 – Aula-Ato sobre a ditadura militar



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 39 – Areia da PDC durante a Aula-Ato sobre a ditadura militar



Fonte: Elaborada pela autora.

O fato de um dos organizadores do evento gritar para que as pessoas que estavam “curtindo” na Praia nos ouvissem, deixou claro que aqueles que estavam na

areia da Praia eram diferentes dos que estavam ao lado do Centro Cultura Belchior. Claro que essas diferenças eram perceptíveis. No Ato havia pessoas mais velhas, mais vestidas e com expressões faciais mais sérias.

Outro evento ocorreu no início do mês de abril de 2019. A proposta foi a de fazer um Ato Cultural em defesa ao ex presidente Lula que encontra-se preso em Curitiba/PR. O Ato foi intitulado de *Lula Livre* e também acontecia em outras cidades do Brasil. Novamente, o fato de ter como ponto de concentração a Praia dos *Crush* nas notícias veiculadas em jornais, sites, redes sociais novamente oficializavam aquele trecho como Praia dos *Crush*.

Era uma multidão de gente. Quase que não dava para passar sem esbarrar em alguém. Havia um palco, com uma proposta bastante cultural. Pelo menos 7 atrações iriam cantar, tocar. Intercalados com as apresentações, uma mulher falava ao microfone, gritando palavras de ordem: “Lula Livre”; “Quem matou Marielle?”; “Os indígenas resistem”; “Não à Reforma da Previdência”; Além disso, gritou algumas vezes perguntando: “Cadê o público LGBT daqui?” Tal questionamento era respondido com alvoroço, demonstrando que eles estavam lá. Também conversava com o público que estava na areia da praia: “**Vocês, jovens, que estão aí curtindo a praia, venham somar com a gente**”. Percebi poucas pessoas saindo da praia para observar o ato. Dois amigos, uma menina e um menino, foram os mais marcantes: Ela gritava: “Lula Livre, pau no cu do Bolsonaro”. Após dizer essas palavras, retirou-se e voltou à areia da praia.

Fui até a areia da PDC. Chegando lá foi como se eu tivesse ido para outro lugar. Havia vários sons que aglomeravam jovens ao redor (que competiam também com as atrações que estavam se apresentando no calçadão). Ao som de Anitta, 4 jovens dançando (3 meninas e um garoto gay) estavam como se estivessem fazendo um show, pois havia uns 30 espectadores de frente para eles. Eu era uma delas. Como havia marcado com uma garotas de São Paulo que havia conhecido na noite anterior, voltei ao nosso ponto de encontro que era em frente ao Centro Cultura Belchior.

Sendo assim, passei um tempo na escadaria do Centro o que me fez perceber quais as pessoas que estavam também ali. Havia diversos grupos. Na frente do Centro, voltado para o mar, estavam 4 grupos de jovens. Todos eles um pouco parecidos: todas as meninas de short jeans com um tope, biquíni ou *body* e os garotos sem camisa com shorts estilo surfista mostrando a cueca. Quase todos estavam com uma garrafa de plástico na mão, cheirando cola ou loló<sup>62</sup>. É um pouco difícil especificar o que seria. Já no lado direito, voltado mais para o Ato cultural, havia pessoas mais velhas, bem vestidas. Vi 5 professoras e 1 professor conhecidos meus lá. Acredito que nunca tinham ido à Praia dos *Crush* antes. Estava também um advogado, pai de um amigo meu, Benedito Bizerril que foi preso e torturado durante a ditadura. Os que não estavam com camisetas vermelhas escrito “Lula Livre” dividiam-se entre aqueles com roupas coloridas, homens com calças, tênis, um estilo “básico” e garotas que estavam com saias longas, *cropped*<sup>63</sup>, vestidos, também muito coloridos.

Uma das meninas de SP havia chegado. Ela é lésbica, e embora eu a tenha feito ficar perto dos jovens da escadaria do Centro, ela dizia que não era

<sup>62</sup> Loló é o nome dado, popularmente, ao lança-perfume. Ele é um entorpecente preparado à base de clorofórmio, benzina, éter e substâncias perfumadas.

<sup>63</sup> *Cropped* é como se fosse uma blusa, com um comprimento que vai até o umbigo, portanto é mais curto.

aquele público de quem ela gostava de estar junto, e sim os mais “politizados” do outro lado do Centro. Fomos então para a frente do palco. O que a deixou super feliz. Ela falava: **“Nossa. Como é contrastante. Deste lado o pessoal falando de política e do outro aquelas meninas rebolando a bunda<sup>64</sup>”**.

Figura 40 – Ato Cultural Lula Livre



Fonte: Elaborada pela autora.

Os contrastes existem, e mesmo que de maneira tímida, não tão presente quanto os “piranguinhos”, podemos ver sim pessoas de outras orientações sexuais e com uma dimensão de crítica política. A Praia dos *Crush* tem recebido sim um público diverso, embora haja uma maior concentração de jovens entre 13 – 18 anos. Que “chamam a atenção” por se reunirem em grupos bastante numerosos, de mais de 7 integrantes que ou ficam “circulando” ou se reúnem em volta de uma caixa de

---

<sup>64</sup> Trecho retirado do diário de campo.

som, com os volumes das músicas bastante altos, em que principalmente as garotas ficam dançando *funk*, fazendo quadradinho<sup>65</sup> e descendo até o chão.

#### 4.6 Praia dos *crush*: point de encontro

Figura 41 – Jovens na Praia dos *Crush*



Fonte: Elaborada pela autora.

Fala-se muito dos jovens e quais são os papéis que eles devem desempenhar em diferentes contextos de tempo e espaço. Ter sido jovem é um dos artifícios utilizados por pais, familiares, professores entre outros, para reivindicar, em nome da experiência passada, uma autoridade para dizer ou desdizer o que quer que seja relacionado às juventudes. Os que já foram jovens cobram dos jovens de atualmente uma série de condutas juvenis que nem mesmo aqueles foram capazes de desempenhar.

Nesse contexto, circulam representações paradoxais sobre o que é ser jovem. Ora eles são visto como problemas sociais, imersos em irresponsabilidades, “perdições” ora são representados como o “futuro” da nação.

O próprio surgimento da juventude enquanto fase de vida, que encontra-se entre a adolescência e a vida adulta é construída na passagem do século XIX

<sup>65</sup> Quadradinho é uma coreografia do funk em que o principal objetivo é o de movimentar a região do quadril formando um quadrado.

para o século XX. Groppo (2000) afirma que as preocupações direcionadas a esse fenômeno moderno eram mediadas por instituições que queriam os proteger de suas fragilidades ou instituições que objetivavam potencializar as suas capacidades.

Em “*a juventude é apenas uma palavra*”, título de uma entrevista concedida por Pierre Bourdieu (1983), ele nos mostra, com efeito, a não homogeneidade de grupos tidos como juvenis. Para o sociólogo francês as relações entre idade biológica e social são sempre complexas. Importa-nos, todavia, em não tê-las como dadas, e sim como produtos da história e da sociedade, principalmente como categoria manipulada e manipulável, já que em sua grande maioria essas falsas unidades são formuladas de acordo com interesses – sociais, políticos, estatais e culturais – maiores.

Machado Pais (1990) afirma que a noção de juventude pode repassar, implicitamente, uma falsa “unidade social” e “interesses comuns”. É por isso que:

A questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos, culturais, por exemplo), mas também – e principalmente – as diferenças sociais que entre eles existem (PAIS, 1990, p.140).

Exatamente por isso, Machado Pais faz parte da ala de pensadores que ao refletirem e problematizarem o papel dos jovens na sociedade utilizam a palavra *juventudes* para que dessa forma entenda-se que existem mais diferenças do que semelhanças e que o reconhecimento das multiplicidades<sup>66</sup> juvenis se faz importante para a constituição de direitos específicos para determinados grupos. Para os sociólogos Irllys Barreira e César Barreira:

O caráter plural das expressões e práticas juvenis questiona o essencialismo oriundo de formulações psicobiológicas que uniformizam categorias sociais com base em faixas etárias. De fato, a abordagem sociológica sobre o que é designado por “fase juvenil” supõe uma ruptura com uma ótica substantiva e uniforme que não considera as condições sociais e históricas que estão subjacentes à própria idéia de juventude. Do mesmo modo, o conceito de “cultura juvenil” precisa ser relativizado para conter a pluralidade de situações que dizem respeito às práticas sociais de jovens. (BARREIRA, I; BARREIRA, C, 2009, p.12).

---

<sup>66</sup> Outro termo bastante utilizado para referir-se às diferenças juvenis é o de pruralidades. No entanto, para Fernanda Eugenio (2006a) “a lógica do plural admite a combinação e o arranjo, mas é então de uma relação entre termos/inteiros que se trata. A multiplicidade nomeia, por sua vez, sínteses que se dão por contaminações, as ‘diferenças’ convertidas em gradações” (p.50).

Nesse sentido, os estudos das juventudes não devem se enquadrar em faixas etárias<sup>67</sup>, pois muito seria deixado de fora, por não condizerem com suas realidades concretas, pois para Regina Novaes (2012) “qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais” (p.105). Nesse sentido, para a autora ter a mesma idade não constitui realidades semelhantes. Tal frase também evidencia que os estudos das juventudes não devem levar em consideração apenas as semelhanças, muitas vezes forjadas, mas sim as diferenças. A autora chama a atenção para um tipo de diferença não muito comum nos estudos das juventudes: “a discriminação por endereço”, pois de acordo com ela:

Hoje, certos endereços também trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia –chamadas de favelas, subúrbios, vilas, periferias, morros, conjuntos habitacionais, comunidades. Ao preconceito e à discriminação de classe, gênero e cor adicionam-se o preconceito e a “discriminação por endereço”. (NOVAES, 2006, p.106).

É por isso que como Almeida e Tracy (2003) que estudaram jovens no espaço urbano do Rio de Janeiro, não tinha um marcador classificatório (idade, classe social, bairro em que moram) dos sujeitos da pesquisa, pois minha principal referência era o local Praia dos *Crush* e as devidas diversificações de público que já comentei nesse trabalho. No entanto, percebi a recorrência massiva de jovens de

---

<sup>67</sup> Pais (1990) reconhece a importância da faixa etária, no sentido de uma “juventude” como fase de vida, já que a puberdade, em si, é um processo biológico universal. No entanto, “a adolescência só começou a ser vulgarmente encarada como fase de vida quando, na segunda metade do século XIX, os problemas e tensões a ela associados a tornaram objecto de “consciência social”. O envolvimento dos jovens em grupos de amigos e os comportamentos que começaram a ser identificados como fazendo parte de uma “cultura adolescente” foi fonte de preocupações, tanto de educadores como de reformistas de meados do século passado. Nos Estados Unidos, por exemplo, as formas que assumia essa cultura começaram a preocupar os poderes públicos, nomeadamente quando se descobriu a “perigosa” conexão dessa cultura (predominantemente em comunidades de emigrantes) com o desenvolvimento de formas de marginalidade social e delinquência. O prolongamento da escolaridade, a legislação sobre trabalho infantil, que incrementava a idade a que os adolescentes podiam começar a trabalhar, o próprio surgimento da família contemporânea, com o correspondente aumento da dependência dos jovens em relação às suas famílias de origem, a proliferação de casas de correção para menores e outras medidas públicas constituíram a expressão do reconhecimento social dos “problemas” da adolescência” (PAIS, 1990, p.148). Por outro lado, ele acredita que quando falamos “juventudes” não estamos nos referindo a pessoas que têm a mesma idade, e sim que são marcados pela diversidade, já que “de facto, quando falamos de jovens das classes médias ou de jovens operários, de jovens rurais ou urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados, estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude enquanto referida a uma fase de vida” (PAIS, 1990, p.149).

classe baixa, moradores de bairros que são marcados pela pobreza e pela violência<sup>68</sup> cuja faixa etária oscila entre 14 e 29 anos.

Para Filho (2010) que estudou jovens roqueiros na cidade de Fortaleza/CE ser jovem está relacionado a um estilo de vida. O sociólogo deparou-se com pessoas que tinham uma faixa etária mais elevada, mas que nem por isso se consideravam menos jovens dos que os outros.

Para Giddens:

Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade. (GIDDENS, 2002, p.79).

O que significa afirmar que os estilos de vidas vão sendo constituídos de acordo com

campos diversos de identificações, nos quais a estética corporal; a variedade de gostos (estilo musical, estilo de dança, referências à cultura pop japonesa) e as representações sociais (de classe, por exemplo) são tomadas como referenciais de identificações e pertencimentos. (JOCA, 2013, p.33)

Dessa forma, há um estilo de vida pirangueiro, gestado em diferenças estruturais, intermediados por modos de agir, de pensar, de falar, de vestir-se. Esses jovens, em tons de brincadeira, afirmam ter um vocabulário próprio, o piranguês, que contém algumas das expressões que já coloquei e expliquei aqui. Além do vocabulário, eles usualmente têm sido chamados por pesquisadores como a geração N. A geração N é uma geração do nem nem. Nem estuda nem trabalha (Costa e Ulysea, 2014). É claro, como penso já ter deixado claro aqui, que o que pode ser tido como “renúncia” é em grande medida consequência de uma série de desigualdades étnicas, sociais que continuam a perpetuar-se.

Na Praia dos *Crush* podemos presenciar diversos momentos de sociabilidade: dança, conversas entre amigos, uso de bebidas alcólicas, uso de drogas, paquera, conflitos entre os “praças” e os jovens.

Tendo em vista a essa mistura, me apoio na categoria de “cena” porque acredito que ela é capaz de extrair, para este texto, o que pode ser encontrado na PDC.

---

<sup>68</sup> Os bairros mais citados foram: José Walter, Antônio Bezerra, Passaré, Jangurussu, Planalto Ayrton Senna, Siqueira, Aerolândia, Messejana, Mondubim, Canindezinho, Bom Jardim, Joaquim Távora e também a região metropolitana: Caucaia, Maranguape e Maracanaú.

Para Fernanda Eugenio (2006b) a cena tanto é fluida o suficiente para ser encontrada em diversos espaços quanto é material para ser experimentada em um determinado lugar de “adensamentos corpóreos – fábrica de uma ‘hiperpresença’ acessada na confluência de estímulos múltiplos (música, bebidas, drogas, decoração arrojada dos espaços e dos corpos, troca de carícias).” (p.159-160). Na PDC, principalmente em dias mais lotados, esses adensamentos corpóreos mediados pelo consumo de estímulos múltiplos é o que caracteriza a cena que podemos encontrar.

Outra categoria utilizada pelos jovens é o da *vibe*. Alguns, quando questionados sobre qual o motivo de eles quererem ir à PDC respondia com “A *vibe* é muito boa”. A *vibe* compreende as interações entre as pessoas presentes, as músicas, as bebidas e outras drogas e o ambiente da praia.

Tendo bastante marcado a questão do bonde que condensa muitos jovens, compreendo que essas múltiplas presenças não se deixam entender por indivíduos isolados, mas “como agenciamento coletivo, em que o que conta é o *together*, o estar junto, o *entre deux*, na microscopia da deriva” (EUGENIO, 2006).

A relação com o grupo é marcante na PDC, ele tanto é importante para ir à PDC quanto ele pode influenciar práticas que até então algum jovem não fosse capaz de fazer sem um impulso. Além disso, experimentando certa insegurança, os jovens acreditam que estar com mais pessoas os protegem de assaltos, violência física etc.

Afirmativas do tipo “*vou com amigos sempre*”, “estou aqui com amigos do bairro”, “vou com amigos da mesma idade que a minha”, “vou com os amigos mais próximos” são repetitivos nos discursos dos jovens ao serem perguntados com quem costumam ir à Praia.

***Você vai à Praia sozinho ou com mais alguém?*** “*Vou com amigos, ficante...só n gosto de ir sozinho*”. ***Por que não gosta de ir sozinho?*** “*Me sinto só, n teria muita coisa pra fazer, a não ser que fizesse amizade por lá. Mas na ida e na volta seriam tensas.*”<sup>69</sup>

Ora, no que condiz aos grupos de jovens, sempre se vai com mais alguém, pois com a presença de amigos, não se sente sozinho e sempre tem algo para fazer, nem que esse algo seja apenas “ficar sossegado”, “só pra curtir a praia mesmo”. Além disso, como marcou Vitor, ir sozinho tornaria tanto a ida quanto a

<sup>69</sup> Trecho de entrevista com Vitor, realizada no dia 11 de abril de 2019.

volta “tensas”. Esse adjetivo é usado para referir-se ao medo, angústia e nervosismo que são sentidos quando se está em risco. Desse modo, essa fala revela que os jovens também sentem em suas apropriações pela a cidade e na cidade um misto de insegurança e medo.

Nesse sentido, o estar junto, *entre deux, together* “concede ainda a esses jovens um sentimento de segurança proporcionado pelo pertencimento a um grupo que pode funcionar como comunidade defensiva [...] num contexto onde a necessidade de proteção começou a ser uma realidade com sentido” (FERREIRA, Vitor, 2008, p.119-120).

Na contramão desse sentir-se seguro quando não se está sozinho, eles também são estereotipados quando estão em grupos numerosos, pois pensa-se que em grupo iriam eles realizar atos infratores. Embora eu não esteja afirmando que alguns deles não sejam capazes de realizar atos infratores, eles são imediatamente “taxados” por esses adjetivos.

O estar junto também mobiliza novas atitudes para os jovens:

**Você saberia falar mais sobre essas experiências? Algo que tenha te marcado.** “Eu posso te contar uma que eu tive, tipo, da primeira vez que eu fui conhecer uma pessoa nova, que como eu falei é uma experiência bem única. Se eu não me engano, isso faz o quê? Um dois anos mais ou menos, num sábado à tarde, tipo, eu não era muito de praia, até que eu fui com uns amigos meus e tals. A gente tava de boas na praia, tipo, era umas cinco horas pra seis horas e tals, e tava muita gente na praia dos crush, e aí, **meus amigos meio que botaram pilha** pra eu falar com gente nova e tals porque eu não era esse tipo de pessoa e foi aí que eu comecei, na verdade foi naquele dia que eu cheguei numa pessoa, tá ligado? Cheguei em uma menina porque eu achei ela muito bonita e tals e foi uma experiência única porque eu senti algo como eu nunca senti antes. Como, tipo, é, sei lá, meu coração disparava, tipo, minha timidez ia lá em cima, eu ficava com ansiedade de não saber o que falar ou até falar demais e tals. Entende? E depois disso eu fui conhecendo várias e várias pessoas, fui tendo várias e várias experiências, tá ligado? Não falo também só por mim, falo por várias pessoas que vive na Praia dos Crush conhecendo pessoas novas e tals. É isso. Uma experiência também excelente na Praia dos Crush é você, tipo, tá na roda de amigos, com o som rolando, o pessoal curtindo e tals, o mar, mano, praia dos crush basicamente se resume a experiências únicas. Entende? Basicamente é isso.<sup>70</sup>

Luan afirma que seus amigos “botaram pilha” para que ele conhecesse novas pessoas. A expressão “botar pilha” significa incentivar, encorajar alguém a realizar algo. No caso de Luan, esse encorajamento era para que ele *chegasse* em pessoas até então desconhecidas, e partir da tomada de atitude, influenciada pelos

<sup>70</sup> Trecho de entrevista com Luan, realizada no dia 09 de abril de 2019.

amigos, isso o fez viver uma “experiência única” que mobilizou seu corpo e seus sentimentos.

De acordo com Camila Holanda (2012) essa rede afetiva condicionada pela amizade é invisível para os que só enxergam esses jovens como “marginais”, o que incapacita também de ver a rua como um lugar de encontro de afetos. Para a autora, retomando Ortega, amizade seria

[...] um espaço de associação do íntimo e do familiar - não necessariamente da família -, designando uma relação que implica compromisso e cumplicidade com o outro. Por possuir um caráter processual e imprevisível, o autor estabelece que a contemporaneidade possibilita criações, rompimentos e inaugurações de relações de amizade variáveis e multiformes. É importante destacar que jovens com experiência de moradia de rua são indivíduos que possuem algum tipo de fragilidade ou de rompimentos em suas relações familiares, portanto, o apego às amizades configura-se como formas de vinculação e pertencimento a um grupo social. Dessa forma, as amizades minimizam sentimentos de carência e abandono que podem delinear as emoções dos jovens que vivem nas ruas. Como em toda relação social, o conflito faz-se presente nas relações de amizade entre os jovens, mas não é uma situação que determina o fim da amizade, especialmente se há uma parceria consolidada e demarcada por cumplicidades e eventos compartilhados (HOLANDA, 2012, p.191).

O mesmo aplicar-se-ia aos “piranguinhos”, pois por vindo de famílias periféricas, cuja formação familiar é não raras vezes problemática, o “apego” aos amigos seria também uma forma de vinculação a um grupo social, a um bode. Além disso, conforme Joca (2013) a amizade também seria um dos motivadores para que esses jovens tornem-se “jovens sujeitos descobridores de novas facetas da cidade e de novos modos de vida juvenil a partir da resignificação de territórios urbanos” (p.174) para como vimos, até se sentirem mais seguros para isso, para desbravarem outros espaços. Ou seja, a amizade é vista como uma “relação afetiva e voluntária, que envolve práticas de sociabilidade, trocas íntimas e ajuda mútua, e necessita de algum grau de equivalência ou igualdade entre amigos” (REZENDE, 2002, p.69).

O principal meio de transporte usado por esses jovens, em grupos de amigos, para chegar à PDC é o transporte coletivo. As paradas costumam estar sempre cheias, principalmente as que vão e vêm para os lados oeste e noroeste da cidade. Como já destaquei, os dias mais comuns para ir à Praia dos *Crush* são durante o final de semana, com destaque para as tardes de domingo, a partir das

14h30min, em que há uma multidão de jovens, pois “principalmente nos domingos lota bastante, tem pessoas de vários tipos e diversidade”.<sup>71</sup>

Os arredores da Praia dos *Crush* mudaram ao longo dos últimos anos. São muitos os carrinhos de comida e principalmente de bebidas. O local “ganhou” um contêiner de policiamento 24 horas, uma base da Inspetoria de Salvamento Aquático (ISA) e banheiros químicos. Para aqueles que ficam nas barracas, que foram implementadas no final do ano de 2018, há uma “parceria” com algum representante de alguns desses carrinhos de bebidas e comidas, aonde é feito sempre o reabastecimento de bebidas sempre que necessário. Além disso, paga-se uma taxa no valor de 10 reais para usufruir da barraca, o que faz com que aqueles que não podem e não querem pagar simplesmente não usem desse serviço.

A utilização de barracas nas praias é bastante comum no Nordeste brasileiro, e quando elas chegam a um local significa que ali houve o “descobrimento” daquele lugar, digno então, pelo número de pessoas que o frequentam, de oferecer esse serviço, tendo em vista que haverá quem consumi-lo. É rotineira também a presença de jovens e adultos vendendo balas, bolos de pote, trufas, salgados, sucos, cigarros, água, água de coco.

Ultimamente, o serviço em relação aos banheiros químicos deixou de existir, cuja necessidade é suprida pelos grupos de jovens, assim como os demais frequentadores, nos restaurantes ao redor ou na utilização dos banheiros do Centro Cultural Belchior, que fica em frente à Praia dos *Crush*.

---

<sup>71</sup> Trecho de entrevista com José, realizada no dia 17 de abril de 2019.

Figura 42 – Alguns dos vários carrinhos de bebidas e comidas



Fonte: Elaborada pela autora.

Retomando aos momentos de chegada e volta para a PDC, é possível já nos ônibus<sup>72</sup> ver as sociabilidades, que não são isentas de conflitos, iniciarem. Lotados, com diversos grupos de características comuns, os “pirangueiros”, há uma disputa de músicas e é comum já usarem suas caixas de som dentro do transporte público. Além disso, as conversas, tendo em vista as músicas, são muito altas, falam quase que aos gritos. Costumam, também no ônibus, já iniciarem o uso de maconhas e de *loló*. O cheiro toma conta daquele espaço quase que fechado e é comum haver conflitos com os motoristas e cobradores dos ônibus, assim como com eventuais passageiros, que em minoria, cujos olhares tanto passam um sentimento de coação quanto de preconceito e discriminação.

Os grupos de jovens que lá estavam, faziam bastante barulho, gritavam, se divertiam com todos os movimentos dos ônibus, e pelo barulho das conversas paralelas, gritos, gargalhadas, eu não escutava tão bem. Mas

<sup>72</sup> Os ônibus nos quais essas observações foram realizadas tratam-se do 071– Antônio Bezerra Mucuripe e 051 – Grande Circular I.

uma coisa me chamou atenção: o forte cheiro de maconha e o fato de quase todos aqueles jovens levarem à mão uma garrafa plástica contendo *loló*. E alguns dos jovens falavam: “eu vou fumar uma macoinha” ou “esse é o cheiro do sucesso”. No entanto, o motorista parecia muito incomodado. Até que não suportava mais e falou: “olha aqui, pessoal. Esse ônibus tá sendo monitorado. E tem câmera por aqui. É bom que vocês saibam disso, e que a responsabilidade é de vocês”. Os jovens não falaram nada, mas continuaram fumando dentro do ônibus sem dar muita importância para o que dizia o motorista<sup>73</sup>. Demonstrando que não estavam preocupados com que aquilo poderia desencadear.

O importante do ônibus é que podemos ver, já ali, uma série de diferenças entre os jovens. As músicas que escutam variam bastante. Entre funk “pesadão”<sup>74</sup>, *rap*, *hip hop*, músicas internacionais e *pop* se dá a mistura de estilos musicais. As conversas também são variadas. Alguns já iniciam ali o *colocar o papo em dia*, expressão utilizada para dizer que serão contadas as novidades. Embora a PDC seja conhecida pelo seu respeito às diferenças, já presenciei, ali, no ônibus, conversas preconceituosas e machistas, que atestam as diferenças entre as pessoas que a frequentam, até mesmo dentro de um grupo específico, os jovens moradores de periferia.

Ainda no ônibus, havia um grupo de jovens atrás de mim. Se tratava de dois jovens gays e de uma garota. Eles passaram o caminho todo conversando. No entanto, quando passamos por uma loja de açai que se chama “We love açai” eles começaram a falar sobre amor. Um deles disse que o coração era apenas um órgão que bombardeava sangue, e o outro disse que o amor era algo que alguém tinha inventado. Dois outros fatores, embora tenham ocorrido em dois momentos distintos, me chamaram atenção. Na Av. Bezerra de Menezes, esses jovens viram uma moradora de rua (que era deficiente física) pedindo dinheiro no sinal. Um deles começou a dizer que se tratava de *fulano* – fazendo alusão ao amigo que estava do lado. Isso me deixou bem chateada. Fiquei me perguntando o porquê de eles estarem *zombando* da pobre mulher, sendo preconceituosos em relação à situação em que ela se encontrava. Os garotos gays sabem – muito mais que eu – como machuca uma situação em que se é tido como inferior, motivo de *zombaria*. O mesmo fato se repetiu logo depois, e agora se tratava de um homem também pedindo esmolas. E eles falaram quase as mesmas coisas que tinham dito em relação à mulher.<sup>75</sup>

Um grupo foi bastante marcante para mim hoje. Eles pareciam muito jovens. Era composto por 5 integrantes. 3 deles haviam passado a catraca assim que entraram no ônibus, e 2 permaneceram ao lado do cobrador. Um dos que havia passado a catraca estava sentado ao meu lado, e ficava direto “*frescando*” com os dois outros que estava na frente: “Ei, mah, tu vai sentar no colo do motorista mesmo, é? Seu baitola”. Isso porque o garoto realmente estava próximo ao motorista, mas porque não havia outro espaço

<sup>73</sup> Trecho retirado do diário de campo.

<sup>74</sup> Funk “pesadão” ou “proibidão” é usado para referir-se às letras de músicas de funks que têm uma série de cenas e vocábulos referentes a temas tais como sexo, drogas, tráfico.

<sup>75</sup> Trecho retirado do diário de campo.

para ele. E o outro garoto que estava na frente, estava quase cochilando, e os seus amigos ficavam falando sem parar: “não dorme não, cara” e riam. No momento em que olhei pela janela, não percebi em que contexto foi dita a seguinte frase: “se eu a estupro, é porque eu amo ela”. Não sei ao certo quem falou, embora tenha a impressão de ter sido o garoto que estava do meu lado. Mas eu passei o resto do caminho perturbada com essa frase na minha cabeça.<sup>76</sup>

Esses dois eventos haviam mexido comigo. Mesmo que os entendesse como parte da variedade que poderia encontrar, fiquei muito tocada com elas. Desse modo, os coloco aqui não apenas para analisarmos as diferenças existentes entre as culturas juvenis, mas para nos perguntarmos em que medida podemos compreender essas atitudes sem cairmos em um pensamento moralista que julga o que é certo ou errado? Sem reproduzirmos uma série de estereótipos consolidados pelo senso comum? Por outro lado, esses jovens parecem ter consciência dos estereótipos que lhe são atribuídos, principalmente os garotos, pois na hora de retornarem para seus bairros, suas casas, há sempre uma “precaução” a ser tomada: somente as garotas que estendem o braço para que o ônibus pare e os garotos que estão com ela devem tirar o boné. Ou seja, esses jovens sabem das imagens que têm perante a sociedade e criam estratégias para viverem e desfrutarem a cidade de Fortaleza.

Após o trajeto, e ao descerem dos ônibus, um dos primeiros lugares em que passam é o Mercadinho São Luiz localizado na Rua dos Tabajaras, nele, compra-se bebidas, biscoitos, lanches rápidos, água e o que for necessário para “matar a fome” e “beber na praia” a preços mais acessíveis dos que podem ser encontrados na faixa da praia.

Eles em seguida tiraram da bolsa uma toalha bem usada roxa, uma garrafa em vidro de alguma cerveja que não reconheci e dois copos descartáveis [...] Outro grupo, na retirada dos itens que iriam lhe permitir aproveitar ainda mais a PDC me chamou a atenção. Retiraram catuaba, biscoito *waffer* e uma garrafa de iogurte.<sup>77</sup>

O uso de bebidas alcoólicas, *loló*, cola e maconha faz parte da cena da PDC. A bebida mais consumida é o “vinho” São Braz, pois embora não tenha uma boa qualidade, é uma das bebidas mais baratas, principalmente para o compartilhamento com o grupo. É comum ver a mesma garrafa passando de boca entre os integrantes de um grupo. Eles não têm nojo ou receio por esse tipo de

<sup>76</sup> Trecho retirado do diário de campo.

<sup>77</sup> Trecho retirado do diário de campo.

compartilhamento. O mesmo comportamento é tido para a garrafa em que se encontra o *loló* e a cola. Em nenhum momento pude presenciar qualquer “vergonha” ou tentativa de esconder que estavam consumindo maconha, cola ou *loló*. Que são tidas como substâncias ilícitas. Havendo assim um ar de naturalidade no consumo delas e demonstrando também que elas faziam parte da *vibe* da PDC.

Para Avelar e Almeida (2004) tal naturalidade é decorrente dos lugares de origem destes jovens, pois “nos becos e esquinas e até mesmo dentro de casa, os jovens se reúnem para fazer uso da droga [...] na maior parte das situações, não há a preocupação de esconder da família e da comunidade” (p.292). Ou seja, esses jovens, advindos de periferias já fazem uso dessas substâncias, portanto, essa é uma característica de seus cotidianos. Aliás, cruzando a cidade, ultrapassando fronteiras simbólicas, adotando práticas que podem colocar em risco suas vidas, esses jovens estão à procura de territórios que dão a eles mais escolhas, mais liberdade, afinal, para eles, cruzar limites “é vivenciado com prazer e desafio lúdico, além de justificar-se como útil para a sobrevivência” (ARANTES, 1994, p.201).

Ademais, os diversos grupos, até mesmo em dias cheios, estabelecem um limite físico entre um ou outro. Não trata-se de uma distância metricamente definida, até porque isso seria impossível, mas de um pequeno espaço para que os integrantes de um grupo não esbarre em uma pessoa de outro grupo. Isso não significa que não haja trocas e interações entre eles, pois é costumeiro o empréstimo de isqueiro para acender um cigarro, para pedir um cigarro e até mesmo perguntar se tem uma *seda*<sup>78</sup> para compartilhar, além de usar desses mesmos artifícios para “chegar em alguém”.

Há também conflitos entre os frequentadores, eles podem ser de causas “banais”, como, por exemplo, um amigo que bebeu demais e está incomodando outra pessoa ou até mesmo por “territórios” de venda de maconha.

Sentei perto de um grupo de jovens, e fiquei uns 5 minutos lá antes de acontecer o que aconteceu. Então, ocorreu o seguinte: um primeiro jovem estava falando ao celular quando disse: “mas eu não estou vendendo nada”. Em seguida, dois jovens foram até o grupo em que ele se encontrava e começaram uma discussão. Eles os ameaçava dizendo: “olha aqui, cara. Essa área aqui é minha. Já é a segunda vez que eu te falo. Na terceira tu vai ver”. E o rapaz falava: “cara, eu que fui falar contigo na primeira vez” e “eu não tô vendendo nada, tô só consumindo”. E um jovem da dupla falava:

---

<sup>78</sup> Seda é o nome dado a um tipo de papel (que pode ser de arroz, palha de trigo, celulose etc.) utilizado para enrolar a maconha.

“eu sei que você tá vendendo. Eu tô de olho, meu irmão”. E eles ficaram assim por uns 5 minutos. Então, a dupla saiu.<sup>79</sup>

Entendo os conflitos da Praia dos *Crush* como constituintes dela, “afinal sociabilidade não implica convívio fraterno e isento de conflitos” (SILVA, Daniele, 2012, p.128). Para Simmel, os conflitos fazem parte da vida em sociedade:

Assim como o universo precisa de “amor” e “ódio”, isto é, de forças de atração e de forças de repulsão, para que tenha uma forma qualquer, assim também a sociedade, para alcançar uma determinada configuração, precisa de quantidades proporcionais de harmonia e desarmonia, de associação e competição, de tendências favoráveis e desfavoráveis (SIMMEL, 1983, p.124).

No entanto, esses jovens experienciam relações de desacordo entre os grupos que vão para além do que é compreendido como conflito, isto é: práticas de violência. Foi o que não apenas presenciei, mas vivenciei no dia 25 de agosto de 2019. Eu havia saído de casa por volta das 15 horas. Ao entrar no ônibus em direção à PDC percebi que ele estava cheio de jovens. Muitos deles levando nas mãos uma garrafa de plástico que continha loló. Seguimos o trajeto.

Já sabendo que muitas pessoas desceriam na parada da praia, aproximei-me da porta de saída. Foi quando começou uma briga, com empurrões, alguns jovens batendo em outro que estava sentado. De primeiro pensei ser algum “acerto de contas<sup>80</sup>”. Fiquei sem reação. Quer dizer, a reação que tive foi a de sair do ônibus.

Nunca havia presenciado algo parecido. Mas no momento da discussão uma daquelas garrafas voaram e o conteúdo que estava no recipiente, entre vários lugares onde foi parar, chegou até o meu rosto. Fiquei ainda mais desesperada com aquele líquido que provocava uma sensação de queimação em contato com a pele. Mas consegui sair. Ao sair, vários foram, no mínimo 10 pessoas, que saíram correndo. O jovem que estava sendo alvo das pancadas começou a ter convulsões dentro do ônibus, foi uma cena horrível. Então foi dito que tratava-se de um assalto, e como ele não queira entregar seu celular, acabou sendo alvo de pancadas. Felizmente, após 10 minutos, ele se recuperou e voltou a si. O ônibus que havia parado, e todas as pessoas que tinham descido, seguiram suas rotas.

<sup>79</sup> Trecho retirado do diário de campo.

<sup>80</sup> Esta expressão significa resolver alguma questão com uma pessoa ou grupo em específico. Na maioria das vezes está relacionada com o tráfico de drogas e vem acompanhada do uso da força física ou de armas de fogo etc.

Embora eu estivesse abalada, lavando o rosto com a ajuda de garrafa de água que sempre me acompanha e pensando em retornar para casa, mesmo assim fui até à praia. Não consegui me concentrar, tirei apenas umas fotos, continuando ainda por volta de 30 minutos, então decidi retornar para casa.

É conveniente destacar que tais práticas não se dão apenas entre pares – em todo o tempo em que estive na Praia dos *Crush* presenciei apenas uma briga violenta entre dois garotos – mas principalmente com os “praças”, policiais de ruas. No início desse trabalho não tinha a intenção de ter de escrever sobre essa relação porque sequer sabia de sua existência e porque nunca havia me interessado pelo tema, mas ao ser surpreendida por ele não podia simplesmente tê-lo como inexistente.

Muitos são os que “esticam” a PDC, voltando para casa já à noite, por volta das 20 horas. No entanto, o conflito com os policiais, que durante o período da tarde ficam apenas no calçadão, torna-se mais complicado à noite, pois de acordo com Joyce (21 anos) “agora tem essa rumação da polícia tá botando o pessoal pra sair cedo”.

Uma notícia veiculada por um blog apresenta o discurso de uma mulher que critica o tipo de abordagem feita pelos policiais:

Bom dia galera, venho aqui pra deixar minha revolta sobre a segurança pública, ou são ausentes ou abusivos quando presentes. Despreparados na abordagem e atitudes um tanto quanto desnecessárias. Por várias vezes estou presente na praia dos crush, como agora é sabido que é um lugar de grande movimentação, frequentada por gente de toda classe social, simplesmente chegam e jogam spray de pimenta sem prévio aviso, isso pode?. E ontem tiveram uma atitude ainda mais abusiva, adolescentes assustados com tais atitudes, corriam à esmo, e um agente até chegou a engatilhar uma arma de grande porte, que eu não sei dizer qual. E ele dizendo: “se correr eu atiro.” GENTE, que absurdo, que atitude é essa vinda de quem deveria nos oferecer proteção. Que eles devem fazer revista?, sim. Que eles devem se fazer presente? óbvio. Mais saibam abordar e dialogar com a população. E depois que se retiraram, vieram minutos depois, estacionaram a viatura a uma certa distância, e de lá soltaram o gás novamente. Não sei como distinguir tais agentes, fica ai por conta de vcs (Disponível em: <<https://tvpirambunews.wordpress.com/2017/09/04/mulher-denuncia-agressao-de-policiais-contrad-adolescentes-na-praia-dos-crush/#more-1026>>. Acesso 21 abril. 2019.).

Embora não fosse no período noturno, experienciei por volta das 17:30 do dia 21 de julho de agosto tal *rumação*. Circulando, havia eu me distanciado razoavelmente de um dos *points* da Praia, a base de Inspetoria de Salvamento Aquático (ISA). Foi quando de repente percebi que todos estavam correndo em

direção ao calçadão. Sem sequer pensar, comecei a correr também. Meu coração acelerou, suei de nervosismo, jamais pensei, por gozar de alguns privilégios, que um dia estaria correndo da polícia. Isso, da polícia. Depois, no calçadão, respirando melhor, comecei a perguntar o que tinha acontecido, já que no momento do ocorrido me encontrava um pouco longe. Uma garota me disse que os “*caras estavam atirando*”. Pensei logo que pudesse ter acontecido algo, um assalto, uma briga, uma denúncia de algo sério.

Voltando ao centro, já quase vazio, com apenas umas 6 pessoas, perguntei novamente o que tinha acontecido, e uma garota respondeu-me “nada, os caras só passaram por aqui”. Ela falou de forma tão tranquila, que pareceu estar acostumada com aquilo. Os 4 policiais responsáveis por tal *rumação* ainda estavam na areia da praia, mas um pouco mais à frente do *point*. Aproximadamente 10 minutos depois que haviam se dispersado, os jovens começaram a retornar para o local. No entanto, e dessa vez podendo ver acontecer na minha frente, os 4 policiais retornaram com um deles sacando uma arma e gritando “*pode sair! Pode sair! Pode sair!*!”. Nesse momento, mais 4 policiais se reuniram aos outros, e ficaram lá em pé por mais 10 minutos.

Uma das coisas mais interessantes é que a atitude dos policiais era direcionada aqueles nichos conhecidos por “jovens piranguinhos”, pois os outros frequentadores continuavam sentados, calmamente. Como se nada tivesse acontecido. Após os dois casos de expulsão, os jovens resolveram não ir para casa, mas concentrarem-se no calçadão, o que foram acompanhados pelos mesmos policiais que passaram, agora em viaturas, a os observarem de pé ao lado do Centro Cultura Belchior.

Para os estudiosos da violência no Ceará Geovani Freitas e Rosemary Almeida (2008), a partir de um estudo realizado com jovens na cidade de Fortaleza, a Polícia do Estado carrega consigo características como rudeza e despreparo para o trato com cidadãos da urbe, dando a ideia de uma *institucionalização da truculência, exacerbação da violência*, que faz com que esses jovens vejam a violência com algo corriqueiro e banal, não mais assustando-se ao ponto de voltarem para casa e encerrarem suas práticas de lazer. O mesmo ocorre em relação aos “*bacas*”, quando os policiais param os jovens para revistá-los. Já se tornou habitual para esses jovens tais “*paradas*” e elas são até mesmo motivo de brincadeiras entre eles. No entanto, mesmo que às vezes seja contada nas bases do

riso, após o ocorrido, a maioria dos jovens não saem de suas casas sem a carteira de identidade.

Como ficou claro até agora, os jovens piranguieiros da Praia dos *Crush*, têm mais dificuldades de ocuparem lugares para as suas práticas de lazer, que em grande medida são acompanhadas pelo conflito e pela violência. Não obstante, tais jovens “teimam” em se fazer presentes nesses espaços porque veem neles oportunidades para o encontro com os amigos, com os seus *crushes*, de verem e serem vistos. Nela, eles compartilham as dores, os afetos, os medos. Desse modo, não apenas a Praia dos *Crush* é feita por esses jovens como também ela faz parte desses jovens. Afinal:

Quando se pensa em direito à cidade, há o costume de reivindicar demandas de grande monta e perfeitamente legítimas, como o acesso à moradia, ao lazer e educação, ao transporte e saúde, ao emprego e renda. Infelizmente, os grupos de pressão e os discursos políticos mal atentam para um nível elementar de conquista urbana, tão fundante e discreto que por vezes some sob nossos pés: o direito ao espaço público, à reinvestidura da cidade como catalisador dos encontros, das trocas, do diferente, da criatividade (SILVA FILHO, 2003, p.24).

Penso que seja essa busca de trocas, de encontros que esses jovens procuram ao saírem de seus bairros de origem, enfrentando ônibus lotados e julgamentos que afirmam que ali não é o lugar deles. É por isso que não só de conflito e violência que a Praia dos *Crush* é feita. Sua invenção e ocupação pelos jovens, como já vimos nas representações atreladas à ela, giram em torno também de momentos de cumplicidade, de paquera, de liberdade, de “circulação”, do “dar uma volta” para conhecer novas pessoas. É disso que ela se mantém e que faz com que aquele espaço seja um *point* para os jovens da capital cearense.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade, a rua, o prédio, a porta representam modelos de subjetividade enquanto portadores de história, desejos, carência e conflitos. Cada cidade, bairro, rua, até mesmo cada casa tem um clima que não advém, exclusivamente, do planejamento urbano e da geografia, mas do encontro de identidades em processos – identidades de homens e de espaços (SAWAIA, 1995, p.21).

Figura 43 – Jovens ao redor da base da Inspetoria de Salvamento Aquático



Fonte: Elaborada pela autora.

Nunca fui muito boa em escrever conclusões, primeiro acreditava que isso se devia a algum tipo de dificuldade minha em relação à feitura de sínteses, sempre fui ótima em estender, nunca em diminuir. Mais tarde percebi que isso não tratava-se de uma dificuldade pessoal, mas de um entendimento de que aquilo que estudamos não são finitos, estão em processos de construção, de aperfeiçoamento,

portanto, falar em finais não se qualifica para uma realidade que apresenta-se diversa, em movimento. Destarte, a Praia dos *Crush* é um fenômeno recente na história de Fortaleza, contando apenas com quase 4 anos de existência, o que demonstra ainda mais o quanto ela pode mudar daqui em diante. É provável, e penso que a ciência nutre-se disso, que o leitor que tiver contato com essa dissertação daqui alguns meses, anos encontre diferenças entre aquilo que está posto aqui e aquilo que a experiência de estar na Praia dos *Crush* proporciona para ele, para os amigos dele.

Quando dei início ao mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) não tinha este trabalho em mente. Penso que eu, como pesquisadora e pessoa, saí depois dele mais aberta e menos insegura. Afinal, sempre fui um pouco tímida e o fato de ter de ir semanalmente para uma praia lotada, com pessoas diferentes de mim e interagir com elas me tiraram da minha situação confortável, de encontrar com jovens dentro de escolas, justapostos em minha frente, esperando minha fala. Como esperar isso em uma vida cotidiana cujo objetivo de diversão é o que rege a presença de inúmeros jovens em um espaço que se torna apertado levando em consideração a quantidade de pessoas que estão em seu interior? Cujo elementos como fumaça, calor, cheiros fortes, música alta coloca certas dificuldades a uma pesquisa que se proponha a utilizar ferramentas tradicionais de investigação como entrevistas?

Ainda bem que cedo percebi que isso, na linguagem dos jovens, “não ia rolar”. Por isso procurei outras ferramentas, outras metodologias. Por isso o leitor vai encontrar um mistura de métodos. Uma mistura que condiz com a mistura que a PDC vem sendo. Meu único objetivo ao realizar tal mistura foi a de tentar ser, na medida do possível, fiel ao que se pode encontrar na PDC, fiel às discussões acerca do nome, dos usos, do público. Não mais do que isso.

Não posso negar que fui pega de surpresa pelos rumos que o trabalho tomou. Com certeza precisaria de mais tempo caso quisesse adentrar em outras questões que não estão apresentadas aqui, como problemáticas relacionadas ao corpo. Quem sabe algum leitor desse trabalho não se sinta convidado a ir além do que eu pude ir? Fui pega de surpresa nos momentos em que fui paquerada na Praia dos *Crush* ou fora dela, nas redes sociais, por aqueles que eram as minhas personagens centrais da pesquisa. Entendi que qualquer campo é capaz de nos afetar, principalmente os que nós pesquisadores das Ciências Humanas atuamos,

pois estamos lidando com pessoas que não diferente de nós têm emoções, desejos, tesão. Por outro lado, a PDC proporciona uma dupla afetação, já que além de lidar com pessoas também estava imersa em um espaço que passou a ser conhecido a partir das possibilidades de gestar encontros afetivos.

A decisão pela questão da invenção da Praia dos *Crush* me pareceu apropriada primeiro porque eu não tinha tanto tempo e segundo porque me pareceu ser uma boa questão para dar início a uma série de trabalhos que possam ter a Praia dos *Crush* como *lócus*. A invenção de um lugar desenvolve-se a partir de uma série de práticas e modos de pensar um espaço que até então não tinham sido postos em cena. A alcunha “crush”, uma palavra que graças ao compartilhamento intensivo e recorrente, conseguiu fazer parte do vocabulário juvenil e se expandir para outras gerações mostrou a força que esses jovens têm quando estão conectados, a capacidade de publicização que lhes é dada, e que foi tão importante para plantar em moradores de Fortaleza, assim como em turistas, a vontade de conhecer a tão famosa Praia dos *Crush*.

Uma metrópole como Fortaleza nos faz pensar de quais formas as pessoas podem se reunir, como definem lugares de sociabilidade e como há um compartilhamento desses lugares para torna-los cada vez mais conhecido e frequentado por outras pessoas. Esses são alguns dos questionamentos que busquei responder nesse trabalho. Richard Sennett (1998) tem uma visão pessimista, influência da experiência da Guerra Fria, sobre de que forma essas grandes cidades, como é o caso da capital do Ceará, travariam momentos de sociabilidade. Para ele, quando as pessoas se expusessem visualmente às outras, seria menos provável haver “conversinhas e mexericos” e mais provável haver uma atitude reservada, afinal, isso seria resultado de uma vigilância mútua, em que o silêncio seria o único meio de proteção.

A Praia dos *Crush* supera essas problematizações por apresentar-se como um lugar em que a intimidade não é apenas aceita, mas incentivada e adorada. Percebi que as representações atreladas à ela no período 2016 – 2019 foi o que fez com que ela passasse a ser cada vez mais conhecida, reconhecida e frequentada, o que aumentou substancialmente o número de pessoas que vão até ela. Afinal, representar um espaço tendo como base elementos como juventude, paquera, encontros com amigos se tornou uma combinação perfeita para as tardes de domingo ensolaradas na cidade de Fortaleza.

Foi por isso que a Praia dos *Crush* deu tão certo. O estar junto, jamais sozinho, mostrou como esses jovens, sobretudo aqueles que são moradores de periferia, querem apenas um local em que possam compartilhar sua semana, jogar conversa fora, por em prática o direito deles à cidade de Fortaleza, o direito de práticas de lazer que ainda são bastante localizadas em locais distantes de suas moradias, e que por isso precisam atravessar toda a cidade para a vivência do que eles mesmos chamam de “experiência única na vida”. Hoje é a Praia dos *Crush*, amanhã pode ser em outro lugar.

Destarte, meu objetivo aqui foi o de trazer à discussão uma cidade que não se deixa definir apenas pelo que urbanistas ou administradores dizem dela, mas principalmente pela relação que seus praticantes têm com ela. Por ser uma cidade múltipla, bis (AGIER, 2015) é heterogênea em relação aos seus frequentadores. No entanto, apresenta certa homogeneidade nas formas como historicamente determinados grupos são estereotipados, numa tentativa de retirá-los da cena urbana. Principalmente quando se trata de uma juventude resultante da equação jovem + periferia + tempo livre = perigo (GADELHA, 2007). Por outro lado, apesar de uma contínua estigmatização, os jovens frequentadores da Praia dos *Crush* ocuparam-na; cuja ocupação significa um agir político muitas vezes realizado de forma não consciente, um direito humano, um direito à cidade (AGIER, 2015).

Jucá (2004) criticou, historicizando o período entre 1945 – 1960 na cidade de Fortaleza, as formas pelas quais havia certa repressão aos banhos de praia, aos namoros em lugares públicos ou até mesmo dentro das salas de cinema “que limitava as manifestações de afeto e sensualidade, prejudiciais à sonhada ordem social” (p. 213). Atualmente a PDC apesar de ser alvo constante de investidas policiais, de preconceito e discriminação, mantém-se em meio às repressões, demonstrando que mesmo com um passado e presente arraigados em um desejo de ordem social, aquele espaço tem se mantido como opção de lazer para os jovens mais pobres da cidade de Fortaleza que vivenciam uma realidade violenta e que na maioria das vezes desejam apenas liberdade, relaxamento, encontro com os amigos, compartilhamento daquilo que baseia a *vibe* da Praia dos *Crush*.. Afinal,

a rua é um lugar de exposição de performances das culturas juvenis, então, ela também pode ser compreendida como um lugar de encontro de afetos. Os jovens são os produtores dos significados e sentidos que compõem suas trajetórias e experiências de vida, assim como (re)elaboram os usos dos

lugares e do papel das instituições sociais, reinventando e recriando diferentes modos de viver (HOLANDA, 2012, p.22)

É difícil de encontrar explicações ou conceituações nas falas dos jovens sobre a *vibe*, até porque sente-se a *vibe*, não há preocupação em descrever o que ela significa. No entanto, percebi que para senti-la deve haver uma combinação perfeita entre uso de álcool, substâncias psicoativas, papo entre amigos, troca de beijos.

No que diz respeito ao espaço da praia, que é um espaço que só se tornou possível ser ocupado a partir de uma história de valorização do litoral, a Praia dos *Crush* mostrou-se como um espaço político, já que os interesses e práticas de determinados grupos têm sido colocados em xeque por outros, a partir de disputas e conflitos que atravessam as críticas que são direcionadas ao nome que foi instituído pelos jovens e publicizado em distintos meios de comunicação, ou seja, a alcunha Praia dos *Crush*.

Foi por isso que a relação com as palavras e práticas, que já não se localizam mais apenas cara a cara, marca de uma geração de jovens que tem um contato cada vez mais forte com as redes sociais, demonstrou-se como um excelente caminho para compreender o fenômeno Praia dos *Crush* e para chegar à conclusão do poder que essa juventude tem alicerçado no domínio de mídias não tradicionais.

Finalmente, penso que o processo de apropriação da Praia dos *Crush* se constitui a partir de uma relação mútua entre seus frequentadores e ela mesma; ambos são responsáveis pelo sucesso um do outro, a praia por estar localizada em um bairro da cidade de Fortaleza que historicamente é um lugar em disputa e os jovens que moldam espaços a partir de suas trajetórias de vida e aquilo que está em voga na conjuntura.

## REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

\_\_\_\_\_. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro; **MANA.**, v. 21(3), p. 483-498, 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132015000300483](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000300483). Acesso em 10 jul. 2019.

ALMEIDA, Adriano; FERREIRA, Ruberval. Leituras imagéticas: o nome do lugar e o lugar do nome na construção identitária de bairros. In: ARAGÃO, Elizabeth Fiúza; FREITAS, Geovani Jacó de. *et al.* (org.). **Fortaleza e suas tramas: olhares sobre a cidade**. Fortaleza: EdUECE, 2008.

ALMEIDA, Maria Izabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ANDRADE, Luís Guilherme Albuquerque de. **O espaço público da praia: reflexões sobre práticas cotidianas e democracia no Porto da Barra em Salvador**. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

AQUINO, Jânia Perla de. Turistas estrangeiros e mulheres locais: “mercado do sexo” e romance nas noites da Praia de Iracema em Fortaleza. **Revista De Antropologia**, v. 58(2), p. 208-234, 2015.

ARANTES, Antonio A. A guerra dos lugares – sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.º 23: Cidade, IPHAN, 1994.

ARAÚJO, Rita de Cássia de. A cultura da praia: urbanização, sociabilidade e lazer no Brasil, 1840-1940. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGÍA ALAS CHILE, 29., 2013, Santiago. **Anais [...]**. Santiago: FACSO, 2013. p. 1-8.

AVELAR, Juliana Nogueira; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. Comunidade do lagamar: juventude e territorialização dos espaços. In: ARAGÃO, Elizabeth Fiúza; FREITAS, Geovani Jacó de. *et al.* (org.). **Fortaleza e suas tramas: olhares sobre a cidade**. Fortaleza: EdUECE, 2008.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. A cidade no fluxo do tempo: invenção do passado e patrimônio. **Sociologias**, nº9, p.314-339, 2003.

\_\_\_\_\_. **O labor criativo na pesquisa: experiências de ensino e investigação em Ciências Sociais**. Fortaleza: Imprensa Editorial UFC, 2017.

\_\_\_\_\_. Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro. **Análise Social**, vol. XLII (182), p. 163-180, 2007.

BARREIRA, Irllys; BARREIRA, César (Orgs.). Tecendo objetos de pesquisa: notas introdutórias sobre a juventude. In: **A juventude e suas expressões plurais**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. O raciocínio etnográfico. In: SERGE, Paugam (org.). **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BENEVIDES, Aletusya de Araújo. **A estética do consumo no cenário social e cultural da Praia de Iracema**. 2010. 274 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

BENÍCIO, L. F. S.; BARROS, J. P. P.; RODRIGUES, J. S.; SILVA, D. B., Leonardo, C. S., & A. F. Costa. Necropolítica e Pesquisa-Intervenção sobre Homicídios de Adolescentes e Jovens em Fortaleza, CE. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, p.192-207, 2018.

BEZERRA, Roselane Gomes. **O bairro Praia de Iracema entre o “adeus” e a “boemia”**: usos, apropriações e representações de um espaço urbano. 2008. 231 f. Tese. (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. & CHAMBOREDON, J. **O Ofício do Sociólogo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **A miséria do mundo**. São Paulo: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. "A juventude é apenas uma palavra". In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRAGA, Marcelo Fernando Leite. **Os usos sociais do corpo na “praia carioca do pepê”**. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado em História política e Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro, 2010.

BRAZ, Camilo Albuquerque. Vestido de Antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 2, n. 03, p. 75-95, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 9. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 22. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. Introdução: por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

CHAUVIN, Sébastien; Jounin, Nicolas. A observação direta. In: SERGE, Paugam (Org.) **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2015.

CORBIN, Alain. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORDEIRO, Celeste. O Ceará na segunda metade do século XIX. In: SOUZA, Adelaide Gonçalves (Org.). **Uma nova história do Ceará**. 3 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

COSTA, Joana Simões de Melo; ULYSSEA, Gabriel. O fenômeno dos jovens Nem Nem. In: CORSEUIL, Carlos Henrique; BOTELHO, Rosana Ulhôa (org.). **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. **Cidade 2000**: Expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1988.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à Vista**. Estudo da maritimidade em Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e o movimento Hip Hop. 1998. 381 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1998.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DURKHEIM, Émile. As formas primitivas de classificação. In: BOTELHO, André (org.) **Essencial sociologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Michael Schröter (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

EUGENIO, Fernanda. **Hedonismo competente**: antropologia de urbanos afetos. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. 6.ed. Fortaleza: Armazém da cultura, 2012.

FARIAS, Patrícia. Corpo e classificação de cor numa praia carioca. In: Mirian Goldenberg (Org.). **Nu e Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

FERNANDES, Flávia F. **A Praia de Copacabana**: Uma reflexão sobre algumas das estratégias de construção e manutenção da imagem de um espaço de consumo e lazer na cidade do Rio de Janeiro. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Vol. 1 - O legado da raça branca. São Paulo: Dominus/Editora Universidade de São Paulo, 1965.

FERREIRA, Paulo Rogers. **Os afectos mal-ditos**: o indizível nas sociedades camponesas. São Paulo: Hucitec, 2008.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Ondas, cenas e microculturas juvenis. **PLURAL – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, n. 15, p. 99-128, 2008.

FILHO, Irapuã Peixoto Lima. **Em tudo que eu faço eu procuro ser muito rock and roll**: rock, estilo de vida e rebeldia em Fortaleza. 2010. 339 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2**: o uso dos prazeres. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREHSE, Fraya. Da desigualdade social nos espaços públicos centrais brasileiros. **Rev. Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v.06, n.1, p.129-158, abril. 2016.

FREITAS, Geovani Jacó de.; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. Visões sobre as polícias: a segurança pública em foco. In: ARAGÃO, Elizabeth Fiúza; FREITAS, Geovani Jacó de. *et al.* (org.). **Fortaleza e suas tramas**: olhares sobre a cidade. Fortaleza: EdUECE, 2008.

GADELHA, Kaciano Barbosa. . **“Um barulho na cidade”**: culturas juvenis e espaço urbano. 2007. Dissertação. (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2007.

GEERTZ, Clifford. O pensamento como ato moral: dimensões éticas do trabalho de campo antropológico nos países novos. In: **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

GIAMI, Alain. Representações e sexualidade – psicologia social e pluridisciplinaridade. In: Maria Andréa Loyola (org). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: editora Guanabara Koogan S.A, 1988.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: Mirian Goldenberg (org.). **Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

GONDIM, Linda M. P. Imagem da cidade ou imaginário sócio-espacial? Reflexões sobre as relações entre espaço, política e cultura, a propósito da Praia de Iracema. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v.32, p. 7-21, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Dragão do Mar e a Fortaleza Pós-Moderna: Cultura, patrimônio e imagem da cidade**. São Paulo: Annablume, 2007.

GONTIJO, Fabiano. **Corps, apparences et pratiques sexuelles: sócio-anthropologie des homosexualités sur une plage de Rio de Janeiro**. Lille : Les questions de genre – Gai-Kitsch-Camp, 1998.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventudes: ensaios sobre a sociologia e a história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

JOCA, Alexandre Martins. **Levados por anjos: modos de vida, educação e sexualidades juvenis**. 2013. 351 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

JODELET, DENISE. **Representações Sociais: um domínio em expansão**. In: Denise Jodelet (org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Fortaleza: cultura e lazer (1945-1960). In: SOUZA, Adelaide Gonçalves (Org.). **Uma nova história do Ceará**. 3 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

LARROSA, Jorge Bondía. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, jul/dez. 2011.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, janeiro/abril 2002, p. 20-28.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Texto visual e texto verbal. In: FELDMANBIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (orgs). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais**. Campinas/SP: Papius, 1998.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As razões de uma cidade: conflito de hegemonias**. Fortaleza: Stylus, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Antonio Diogo Fontenele de. **Sorrisos de jovens nas periferias da vida: o que revelam e o que ocultam de suas experiências e trajetórias**. 2011. 302 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

LINHARES, Paulo. **Cidade de água e sal: por uma antropologia do litoral Nordeste sem cana e sem açúcar**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1992.

MACHADO, Fernanda Eugenio. **Corpos voláteis: afeto e consumo na cena carioca**. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; MACHADO, Fernanda, Eugenio (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006b.

\_\_\_\_\_. **Hedonismo Competente: Antropologia de Urbanos Afetos**. 2006a. 558 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006a.

MACHADO, Helena Cristina F. A construção social da praia. *Sociedade e Cultura* 1. **Cadernos do Noroeste**. Serie sociologia. Portugal: Universidade do Minho, vol. 13, p. 201-218, 2000.

MACIEL, Wellington Ricardo Nogueira. **Tempos e Espaços da Praia do Futuro: usos e classificações de uma zona liminar**. 2011. 240 f. Tese. (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. DE PERTO E DE DENTRO: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol. 17, p.11-29, junho. 2002.

\_\_\_\_\_. Os circuitos dos jovens urbanos. **Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**, Portugal, Vol. XX, p. 13-38, 2010.

MARINHO, Camila Holanda. **Afetos de rua: culturas juvenis e afetividades nos bastidores da cidade**. 2012. 239 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MATOS, Fábio de Oliveira. A cidade e o mar: considerações sobre a memória das relações entre Fortaleza e o ambiente litorâneo. **Rev. Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.1, p.71-84, jan./abr. 2011.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 6, n. 2, p.275-297, jul.-dez. 2016.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NEVES, Fábio de Sousa. **Sociologia e cinema: uma análise da conformação dos gostos dos públicos dos Cineteatro São Luiz e Cinema do Dragão.** 2018. 106 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

NOVAES, Regina de. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; MACHADO, Fernanda, Eugenio (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.39, n.01, p.13-37, 1996.

OLIVEIRA, Thiago de Lima; NASCIMENTO, Silvana de Sousa. Corpo aberto, rua sem saída. Cartografia da pegação em João Pessoa. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n.19, 2015, p.44-66.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude — alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, vol. XXV (105-106), 139-165, 1990.

\_\_\_\_\_. Buscas de si: expressividade e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; MACHADO, Fernanda, Eugenio (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. **Lufa-Lufa Cotidiana: Ensaio sobre a cidade, cultura e vida urbana.** Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

\_\_\_\_\_. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações.** São Paulo: Cortez, 2003.

PAIVA, Luiz Fábio S. “AQUI NÃO TEM GANGUE, TEM FACÇÃO”: as transformações sociais do crime em Fortaleza, Brasil. **Caderno CRH**, Salvador, v. 32, n. 85, p. 165-184, Jan./Abr. 2019.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: Velho, Otávio (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PONTE, Sebastião Rogério. A *Belle Époque* em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUZA, Adelaide Gonçalves (org.). **Uma nova história do Ceará.** 3 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950 – 1970.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Passado sedutor: a história do Ceará entre o fato e a fábula. In: RIOS, Kênia Sousa Rios; FILHO, João Ernani Furtado (orgs.) **Em tempo: História, Memória, Educação.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. **MANA** 8(2):69-89, 2002.

RISÉRIO, Antônio. A invenção da Praia. In: RISÉRIO, Antônio. **Uma história da Cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

SANTI, CHIERENTIN. H.; SANTI, CHIERENTIN. V. Stuart Hall e o trabalho das Representações. **Rev. Anagrama**, v. 2, n. 1, p. 1-12, 2008.

SAWAIA, B.B. O calor do lugar, segregação urbana e identidade. São Paulo em Perspectiva: Questões Urbanas, os Sentidos das Mudanças. **Revista da Fundação SEADE**, São Paulo, v.9, n.2, abr. – jun., p.20-24, 1995.

SECUNDO, Francisco; ACSERALD, Marcio. A identidade cultural em tempos liquefeitos: o 'Ceará moleque' e a contemporaneidade? **LOGOS 30, Tecnologias de Comunicação e Subjetividade**. Ano 16, 1º semestre 2009, p.72-83.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SERGIO E SILVA, Rafaela Kalaffa. **Cidade como banco de dados aberto**: uma análise da produção do espaço na Praia de Iracema. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. **A cidade e o patrimônio histórico**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.

SILVA, Daniele Costa da. **Entre copos, conversas e canções** : um estilo “boêmio” de viver a cidade. 2012. 220 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.

SILVA, Regina Balbino da Silva. **O Lazer popular nos espaços à beira-mar em Fortaleza-CE**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES, Evaristo Filho (org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. “Sociabilidade: um exemplo da sociologia pura ou formal”. In: José Albertino Rodrigues (org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. A metrópole e a vida mental. In: Velho, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SOUZA NETO, A. DE; AMARAL, P. L. Os Imponderáveis da etnografia religiosa: uma análise sobre o trabalho etnográfico no campo da religião. **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 12, n. 29, 5 ago. 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 161-178, 1993.

VASCONCELOS, Mário Fellipe Fernandes Vieira. **Cartografando em zonas de encruzilhada**: por uma etnografia sinestésica do cinemão. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

VELHO, Gilberto. **O desafio da cidade**: novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA, 1980.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

XAVIER, Natália Pinheiro; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. Favela em ação cultural: experiências juvenis. In: ARAGÃO, Elizabeth Fiúza; FREITAS, Geovani Jacó de. et al. (orgs.). **Fortaleza e suas tramas**: olhares sobre a cidade. Fortaleza: EdUECE, 2008.